

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SAYONARA MELO COSTA

Tweet: reelaboração de gêneros em 140
caracteres

Fortaleza, CE
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Sayonara Melo Costa

Tweet: reelaboração de gêneros em 140 caracteres

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo

Fortaleza, CE
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

C875t

Costa , Sayonara Melo.

Tweet : reelaboração de gêneros em 140 caracteres / Sayonara Melo Costa. – 2012.
118 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.

Área de Concentração: Linguística.

Orientação: Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo.

1.Twitter(Rede social on-line). 2.Conteúdo gerado pelo usuário. 3.Comunidades virtuais. 4.Análise do discurso. I.Título.

CDD 006.754014

Sayonara Melo Costa

Tweet: reelaboração de gêneros em 140 caracteres

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística. Linha de Pesquisa: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Aprovada em __/__/__.

Banca Examinadora

Dr. Júlio César Araújo (UFC)
Presidente-Orientador

Dr. Benedito Bezerra (UPE/UFPE)
1º Examinador

Dra. Aurea Suely Zavam (UFC)
2ª. Examinadora

Suplentes

Dra. Antônia Dilamar Araújo (UECE)
Suplente Externa

Dra. Maria Margarete Fernandes Sousa (UFC)
Suplente Interna

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todos aqueles que passaram pela minha vida e que, de alguma forma, contribuíram para que, nessa caminhada, eu chegasse a este exato momento. Em especial, preciso agradecer a:

Minha família, sempre incansável e sem medir esforços para que eu tivesse condições de desenvolver meus potenciais.

Júlio Araújo, meu orientador que se tornou amigo, por tudo. Pelas aulas ministradas, pelas leituras sugeridas e pela orientação concreta e instigante, que me trouxeram fôlego e lucidez para dar cabo dessa empreitada. E, ainda, pela imensa paciência em lidar com meus altos e baixos. Por dizer, desde o início, que o mestrado me tornaria uma pessoa melhor. E, de fato, tornou-nos.

Isabele e Joyce, pelo acolhimento e pelo apoio em todas as instâncias, sem os quais os momentos felizes seriam menos doces e os difíceis, intragáveis.

Jamille e Adriana, por terem me acompanhado e ajudado a crescer em todos os sentidos, fazendo desse período da minha vida um dos mais valiosos não apenas intelectualmente.

Áurea Zavam, por ser tão doce e humana e por fazer parte desse percurso, desde quando tudo isso era apenas um sonho. Pela solicitude em compor a banca, pela leitura atenta e pelos questionamentos inteligentes que ajudaram a dar a esse trabalho a forma que ele tem hoje.

Rafael Rodrigues, pela generosidade de dividir comigo suas experiências e por oferecer uma interlocução sempre lúcida, sábia e acolhedora.

Lima-Neto, meu padrinho acadêmico, pela gentileza em ouvir e discutir minhas ideias, contribuindo para o refinamento desta pesquisa.

Professor Benedito Bezerra, pela solicitude com a qual aceitou participar desta banca e pelas contribuições valiosíssimas que fez a esta pesquisa.

Cícero Miranda e Samuel Lima, por compreenderem a necessidade que sentimos, nesta etapa, da ajuda e do olhar do outro, quando nossas limitações aparecem e quando nossa própria visão está falha.

Amigos do grupo Hiperged, especialmente, Lucas e Alcilene, pelas inúmeras conversas pelos cafés da vida.

Os que acompanharam de longe, mas ao lado, a realização deste sonho, Dieb, Regina, Elis, Coeli e Halysson sempre debatendo e contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa.

O CNPq, pelo apoio financeiro

Marcel Dias (@bqeg), pela solicitude.

Os que compõem o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

Todos aqueles que, de alguma forma, estiveram comigo, ouviram minhas queixas e cuidaram para que eu não me sentisse só. Os que me solicitaram ou ofereceram ajuda, permitindo que eu seguisse no constante exercício da humanidade, obrigada.

Nenhuma rede é maior que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra
Nem quando ela acerta, nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta.

(A rede – Lenine)

Resumo

O presente trabalho discute o processo de reelaboração de gêneros na formação das postagens do Twitter. Para tanto, investigamos como o esquema de funcionamento e a dinâmica de valores dessa rede social inspiram a manipulação de diferentes padrões genéricos que, ao serem migrados para o seu interior, são submetidos ao labor de seus usuários. Conduzimos nossa discussão à luz da análise de redes sociais praticada por Recuero (2009; 2010), das reflexões epistemológicas acerca da natureza dos gêneros do discurso formuladas por Bakhtin ([1979] 2011), do conceito de propósito comunicativo cunhado e esmerado por Swales (1990; 2004), Askhave e Swales (2001) e Bhatia (1993; 2001) e da concepção de reelaboração, conforme vem sendo atualizada desde Araújo (2006) até Zavam (2009) e Costa (2010). Apoiados nessa base teórica e metodológica, empreendemos a análise de 195 postagens e 45 questionários respondidos por usuários do Twitter. Em um primeiro momento, a partir dos índices de propagação das postagens, observamos como a dinâmica de funcionamento da rede social influencia a difusão e sedimentação de arranjos genéricos formados a partir de padrões e gêneros distintos. Em um segundo momento, voltamo-nos para a forma dos *tweets*, identificando que estratégias foram utilizadas pelos usuários para intervirem nos gêneros ao elaborarem seus *tweets*. Por fim, investigamos, nos exemplos do *corpus* e junto aos usuários questionados, que propósitos comunicativos foram atendidos pelas postagens resultantes desse labor. Os resultados mostraram que, no interior do Twitter, há uma dinâmica de funcionamento peculiar, que se reflete nas ações de linguagem dos atores dessa rede social que, motivados pelo desejo de colocarem-se em evidência e ampliarem suas conexões, mobilizam e manipulam padrões genéricos distintos por meio de estratégias específicas. Os arranjos genéricos gerados a partir desse esquema possuem propósitos comunicativos característicos, colocados a serviço da própria rede social. Acreditamos que a rotina enunciativa característica do Twitter, a mobilização de padrões genéricos distintos e a alteração de propósitos comunicativos são fatores que, somados, dão forma a um constante processo de reelaboração de gêneros, cujos produtos são consumidos e propagados dentro da rede social, retroalimentando-a.

Palavras-chave: Reelaboração de gêneros. Redes sociais. Propósito comunicativo. *Tweet*.

Abstract

This thesis discusses the process of genre re-elaboration in the formation of Twitter posts. We therefore investigated how the functioning scheme and the value dynamics of this social network inspire the manipulation of different genre patterns that, when migrating to the interior, are submitted to its users' work. We conduct our discussion in the light of social network analysis practiced by Recuero (2009; 2010), the epistemological reflections on the discourse genre nature formulated by Bakhtin ([1979] 2011), the communicative purpose concept coined and made neat by Swales (1990; 2004), Askhave and Swales (2001) and Bhatia (1993; 2001) and the re-elaboration concept, as been updated since Araújo (2006) until Zavam (2009) and Costa (2010). Supported by this theoretical and methodological basis, we undertook an analysis of 195 posts and 45 questionnaires answered by Twitter users. At first, from the post propagation indexes, we observed how the social network functioning dynamics influences the diffusion and the genre arrays sedimentation formed by patterns and distinct genres. In a second step, we turned to the *tweet* form, detecting that strategies were used by the users in order to intervene in the genres when elaborating their *tweets*. Finally, we investigated, in the *corpus* examples and with the users questioned, that communicative purposes were served by the posts resulting from this work. The results showed that, within Twitter, there is a peculiar functioning dynamics, which is reflected in the language actions of the actors of this social network whom, motivated by the desire to put themselves in evidence and broaden their connections, mobilize and manipulate distinct genre patterns by using specific strategies. The genre arrangements generated from this scheme have distinctive communicative purposes, at the service of the social network itself. We believe that the sum of these factors: peculiar enunciative demand, distinct genre pattern mobilization and communicative purpose modification, is set as a genre re-elaboration constant process, whose products are consumed and propagated within the social network, feeding it back.

Key-words: Genre re-elaboration. Social networks. Communicative purpose. *Tweet*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Homepage do Twitter em 2009.....	16
Figura 2 – Homepage do Twitter em 2002.....	17
Figura 3 - Grafo de uma rede constituída por interações entre usuários do Fotolog (RECUERO, 2009, p. 140).....	30
Figura 4 - Categorias de transmutação de gêneros para Zavam (2009, p. 64).....	35
Figura 5 - Tipologia operacional proposta por Zavam, revisitada por Costa (2010, p. 72).....	37
Figura 6 - Tela inicial do Twitter em 29/02/12.....	46
Figura 7 - Em destaque, sequência de tweets (timeline) visualizados pelo usuário (02/03/2012).....	47
Figura 8 - Botão utilizado para favoritar as postagens selecionadas para o corpus (17/02/2011).....	49
Figura 9 - Aba denominada ‘Favoritos’, na qual foram salvas as postagens selecionadas para o corpus (29/02/2012).....	49
Figura 10 - Exemplo do <i>corpus</i> , em destaque, índice de propagação do tweet.....	50
Figura 11 - Captura de tela da tabela gerada pelo Google Docs com as respostas dadas pelos usuários ao questionário da pesquisa.....	53
Figura 12 – Exemplo de migração.....	60
Figura 13 - Exemplo da co-ocorrência de diferentes tipos de intervenção do usuário sobre a postagem.....	63
Figura 14 - Homepage do Twitter no ano de sua criação, 2006.....	67
Figura 15 - Homepage do Twitter em 2012.....	67
Figura 16 – Exemplo 1 de capital social relacional.....	69
Figura 17 – Exemplo 2 de capital social relacional.....	70
Figura 18 – Exemplo 1 de capital social normativo.....	71
Figura 19 - Exemplo 2 de capital social normativo.....	71
Figura 20 – Exemplo 1 de capital social cognitivo.....	73
Figura 21 – Exemplo 2 de capital social cognitivo.....	73

Figura 22 - Retweet manual, composto por sigla RT + nome do autor da postagem que se deseja repassar + conteúdo da postagem	75
Figura 23 - Retweet automático aparecendo na timeline do leitor	76
Figura 24 - Reflexão – RT como medidor de sucesso na rede social (contagem de retweets) 76	
Figura 25 - Sequência de tweets constituídos pela migração do gênero receita culinária...81	
Figura 26 – Postagem composta por mescla de gêneros	84
Figura 27 – Mescla de padrões distintos	85
Figura 28 – Exemplo de apropriação de arranjo genérico	86
Figura 29 – Exemplo de reaproveitamento e modificação do arranjo.....	87
Figura 30 – Exemplo de mescla de gêneros.....	91
Figura 31 – Exemplo de intertextualidade	92
Figura 32 – Arranjo multimodal.....	93
Figura 33 – Comentário por meio de retweet.....	94
Figura 34 – Uso da <i>Hashtag</i>	95
Figura 35 – Migração de notícia	97
Figura 36 – Migração de anúncio classificado.....	98
Figura 37 – Exemplo de padrão opinativo	99
Figura 38 – Exemplo de padrão bíblico - versículo.....	99
Figura 39 – Intervenção 1 do usuário	100
Figura 40 – Intervenção 2 do usuário	101

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Ações dos usuários sobre os gêneros na constituição dos <i>tweets</i>	59
Gráfico 2 – Intervenções dos usuários: tipos e frequência	62
Gráfico 3 – Número médio de <i>retweets</i>	78
Tabela 1 – Tabela de análise do comportamento dos gêneros, propósitos e índices de propagação dos <i>tweets</i>	52
Quadro 1 – Tipos de intervenções executadas pelos usuários do Twitter.....	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 APORTES TEÓRICOS.....	28
2.1 Análise de Redes Sociais.....	28
2.2 Estudos de Gêneros do discurso	32
2.3 Propósito Comunicativo.....	37
3 DECISÕES METODOLÓGICAS	43
3.1 Caracterização da pesquisa.....	43
3.2 Delimitação do universo	46
3.3 Coleta de dados	47
3.4 Procedimentos de análise	51
4 SEGUINDO OS @DADOS.....	57
4.1 Incursão inicial.....	57
4.1.1 No contexto das redes sociais.....	58
4.1.2 Incidência da intervenção	61
4.2 Propagação de informações e sedimentação de padrões genéricos.....	65
4.2.1 Retweets e capital social	66
4.2.2 Retweets e sedimentação de padrões	75
4.3 A manipulação de gêneros na constituição do tweet.....	79
4.4 A manifestação dos propósitos comunicativos: ouvindo os usuários.....	96
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
5.1 Reelaborações de gêneros no Twitter.....	109

5.2 Sugestões de continuidade.....	114
REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICE.....	119

- 1 - Introdução

A evolução dos mecanismos de comunicação está intrinsecamente relacionada à complexidade das práticas de linguagem efetivadas por esses meios. Há três séculos, a ação de levar uma notícia a um parente distante envolvia o deslocamento não apenas da mensagem, mas também de um mensageiro que a transportasse, bem como a mobilização de um meio de transporte, geralmente um cavalo. Além das demandas de ordem estrutural, havia também as especificidades de conteúdo: as cartas eram extensas e versavam sobre os mais variados assuntos, desde conversas cotidianas, até tratados de filosofia. O tempo gasto entre o envio e o recebimento era igualmente longo, fazendo com que o remetente acumulasse informações a serem passadas, transformando a missiva seguinte em um texto relativamente maior.

Olhar para o passado nos ajuda a enxergar com maior clareza relações como essa, que, de tão cristalizadas, nos passam hoje quase despercebidas. No que diz respeito às práticas de linguagem, a evolução dos meios de comunicação configura-se como um fator preponderante em sua trajetória. É o que podemos constatar se tomarmos como exemplo invenções como o telégrafo e o telefone, que tornaram a comunicação entre longas distâncias bem mais rápida, diminuindo o intervalo entre as mensagens e conseqüentemente, seu conteúdo. Essa dinâmica sustenta-se até hoje e é possível observá-la quando tomamos, por exemplo, a comunicação mediada por computador (CMC).

Em um ambiente tecnológico, no qual grandes distâncias geográficas podem passar despercebidas, a configuração dos conteúdos comunicados é especialmente singular, trazendo consigo toda uma trajetória de arranjos e adaptações, que suscitam questionamentos e inspiram diferentes perspectivas de estudo.

É o que vemos, por exemplo, nas redes sociais da internet que, popularizadas no início do século XXI, podem ser compreendidas como teias de laços estabelecidos entre indivíduos que se relacionam virtualmente, havendo, inclusive, sites cujo objetivo principal é instigar e dar suporte a esse tipo de interação. Tal modelo de comunicação suplanta distâncias e atinge limites e estatísticas inéditas, devido à eferescência de usuários *on-line* e mensagens postadas. Neste ambiente, bem como em todos aqueles que propiciam o exercício da interação por meio da linguagem, principalmente escrita, são prolíferos os processos de mudança e evolução de práticas de linguagem, especialmente, dos gêneros

do discurso. É neste contexto que se insere a presente pesquisa, cujo foco é analisar o fenômeno da reelaboração de gêneros dentro de uma rede social, o Twitter¹.

A experiência como usuária desde março de 2009 permitiu-nos observar o desenvolvimento dessa rede social que, à época somava 11 milhões de adeptos até chegar aos 175² milhões que hoje a compõem. Acompanhamos desde a proposta inicial, que lançava ao usuário a pergunta ‘*What are you doing?*’ (O que você está fazendo?) até a versão atual que não questiona e apenas recebe e oferece ao usuário a possibilidade de ‘descobrir’ o que está acontecendo, conforme mostram as figuras abaixo:

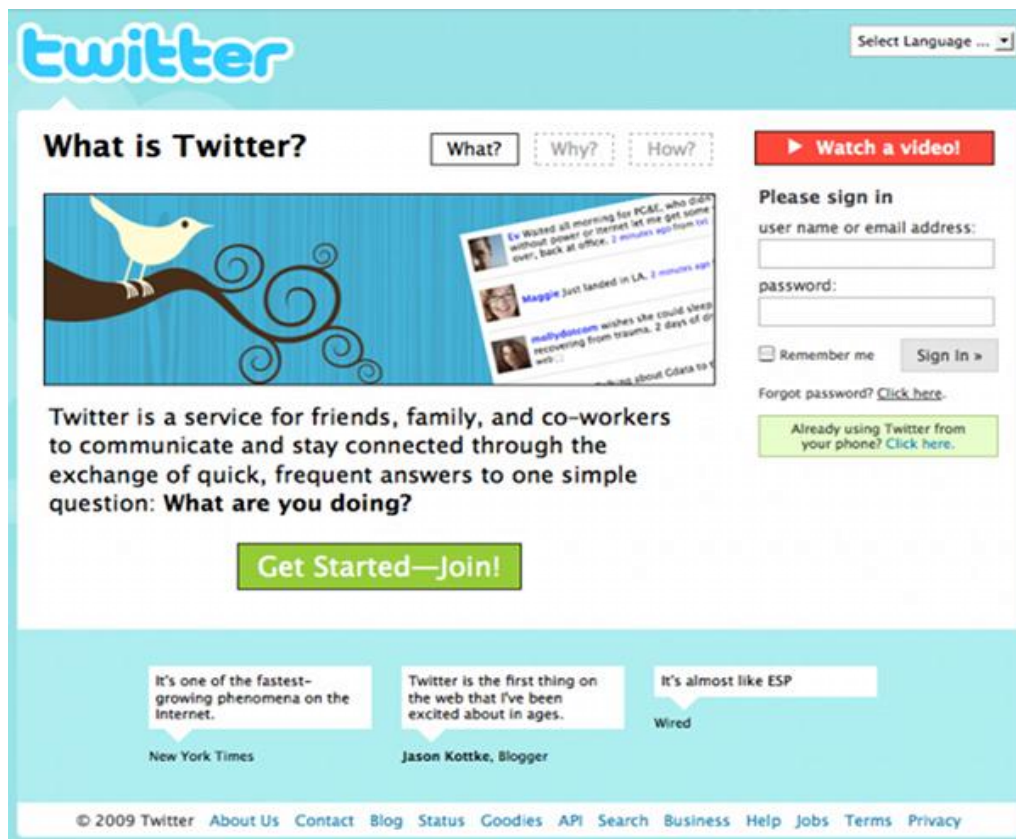


Figura 1- Homepage do Twitter em 2009

¹ www.twitter.com

² Disponível em: (http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter) Acesso em: 22 jan. 2012.

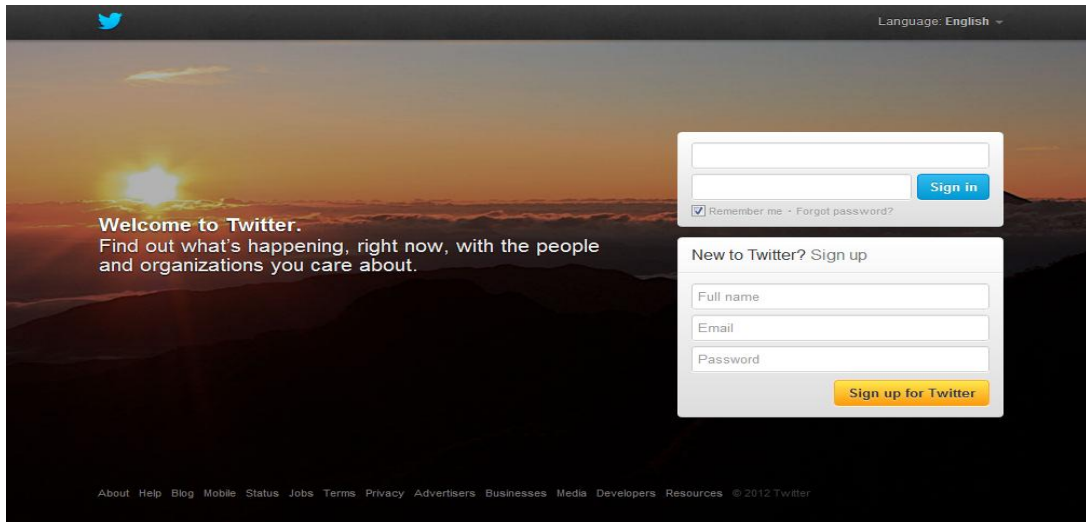


Figura 2 – Homepage do Twitter em 2012

O que se passou no interior dessa rede social para que essa mudança se concretizasse? Como funciona a disponibilização de informações em seu interior? Some-se a esses questionamentos o fato de o site ter sido criado com a proposta de atualização via SMS, ou seja, o usuário enviaria suas postagens através de mensagens de celular, o que limitava cada *tweet* a 140 caracteres³.

A princípio trazendo mensagens de cunho pessoal como opiniões e relatos cotidianos respondendo à pergunta inicial, aos poucos, a rede aumentou e o que estava sendo dito começou a mudar. Além das declarações de cunho pessoal, acrescentou-se também o compartilhamento de informações através de links e, posteriormente, de imagens. Dessa forma, foi possível observar também o aparecimento de *tweets* que faziam clara referência a modelos de textos cristalizados em outros contextos sociais, como orações, letras de música, receitas culinárias, piadas, entre outros. Notou-se também que, embora pertencentes a outros campos discursivos, esses gêneros, quando praticados no Twitter, cumpriam uma função diferente daquela a qual eram consagrados fora da rede.

Da observação desse contexto surgiu o seguinte questionamento: Por que gêneros das mais variadas esferas da comunicação são apropriados nas postagens do Twitter? O que muda quando um gênero de uma dada esfera é transportado e reescrito no interior dessa rede social? Desses questionamentos iniciais é que surgiu a ideia para a elaboração do então projeto de pesquisa que deu origem a essa dissertação.

³ Em 2006, ano da criação do Twitter, o número total de caracteres comportados por um SMS era cento e sessenta. No *tweet*, vinte desses caracteres não podem ser utilizados, pois estão destinados à identificação do usuário, representada pelo símbolo @ seguido do nome do indivíduo. Por conta dessa convenção, as postagens da rede social só comportam, até hoje, 140 caracteres.

Dessa forma, deparamo-nos com a situação problema que era a manipulação de gêneros discursivos, pelas redes de usuários, no interior do Twitter. Ao lançarmos sobre esse problema o olhar da Análise de Gêneros, reconhecemos o que a literatura chamou de fenômeno da reelaboração, que, segundo Bakhtin ([1979] 2011), consiste no processo pelo qual gêneros podem modificar-se, transitando entre os status de primário e secundário.

A efervescente proliferação de postagens nas quais gêneros diversos cujos propósitos comunicativos e as esferas discursivas foram alterados nos levaram a compreender que um constante processo de reelaboração de gêneros ocorria ali.

Situada como um dos produtos do projeto REGE (Reelaborações de Gêneros e Redes Sociais – Etapas I e II), desenvolvido no grupo de pesquisa Hiperged, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, a presente pesquisa teve como objetivo investigar o fenômeno das reelaborações de gêneros, resultante dessa dinâmica que se estabelece a partir da evolução dos meios de comunicação e, conseqüentemente, das práticas de linguagem que comportam.

Uma vez delimitado o fenômeno a ser trabalhado, faltava-nos a delimitação dos argumentos a partir dos quais este seria analisado, uma vez que é impossível observar o fenômeno em sua totalidade (BORGES-NETO, 2004). Para dar contornos ao fenômeno e transformá-lo em objeto de pesquisa, optamos por delinear-lo segundo os seguintes argumentos: a condição de rede social que o Twitter assume, as estratégias de manipulação de padrões genéricos⁴ que os usuários adotam e o propósito comunicativo subjacente às postagens que são criadas nesse processo.

Tomadas, inicialmente, como objeto de estudo da Sociologia, as redes sociais consistem nas relações estabelecidas entre atores e suas conexões. Os atores podem ser caracterizados como as pessoas que estão envolvidas na rede que se analisa, enquanto as conexões são formadas por laços sociais, constituídos pelas interações sociais entre os atores (RECUERO, 2009, p. 25). Quando transpostas para a internet, as redes sociais tornam-se sistemas complexos, atendendo a demandas específicas, resultantes do novo ambiente e, ao mesmo tempo, mantendo elementos estruturais que as caracterizam como tal. Nosso interesse ao escolhermos esse *lôcus* para a pesquisa reside na pluralidade de

⁴ Neste trabalho, manteremos uma distinção entre gênero propriamente dito e padrão genérico. Compreendemos como gênero o tipo relativamente estável de enunciado (BAKHTIN, 2011), dotado de forma e propósito socialmente reconhecido. Por padrão genérico reconhecemos pequenos enunciados que nos remetam a gêneros já conhecidos, mas que, por alguma razão, não foi reproduzidos na íntegra e sim apenas sugerido.

usos atribuídos pelos usuários a esses recursos, fato que gera a extensa gama de temáticas desenvolvidas no interior das redes sociais na internet, doravante RSI.

Embora pensadas para a criação de laços sociais entre os atores inscritos, as RSI complexificaram-se, abrindo espaço, em seu interior, para ações de cunho comercial, propagação de notícias, entretenimento, campanhas e protestos políticos, fins publicitários, entre outros. Para dar forma a toda essa diversificação temática, faz-se presente também a complexificação das práticas de linguagem exercidas nesse espaço. É o que ocorre, por exemplo, com os gêneros do discurso que, ao serem deslocados do ambiente *off-line* para os sites de redes sociais, sofrem adaptações referentes não apenas à mudança de meio (do impresso para o digital), mas, principalmente, às diferentes apropriações que lhe são feitas nesse ambiente. Há ainda situações em que gêneros produzidos na própria web são deslocados para as redes sociais ganhando, nesse percurso, nova roupagem e nova finalidade.

Tomados como objetos de reflexão pelo Círculo de Bakhtin (Voloshinov, Médvedev, Bakhtin) já nos anos vinte do século passado, os estudos de gêneros do discurso, após um considerável período adormecidos, ganharam fôlego e tornaram-se um campo de estudos relativamente produtivo, principalmente, no final do século XX. Na trilha das considerações feitas, em especial, por Bakhtin ([1979] 2011) surgem os mais recentes estudos de gêneros, tomando como base conceitos pensados pelo autor russo, tais como gênero primário e secundário, esfera da comunicação e transmutação. As pesquisas desenvolvidas sob essa orientação problematizaram a aplicabilidade dos conceitos anteriormente pensados para objetos de estudo atuais, como é o caso de Araújo (2003; 2006), que, em um primeiro momento caracterizou o *chat* como um gênero digital emergente e, em um segundo momento, analisou o *chat* e suas variações como uma constelação de gêneros.

Zavam (2009) adota uma perspectiva diacrônica para compreender as mudanças ocorridas ao longo do tempo com os editoriais de jornais. Partindo de uma concepção bakhtiniana de gênero, a autora traz consideráveis contribuições no que diz respeito à evolução desses artefatos, culminando na elaboração de uma tipologia operacional para classificação dos processos de transmutação pelos quais os gêneros podem passar.

Já Costa (2010), também de base bakhtiniana, dedicou-se a investigar os processos de transmutação de gêneros ocorridos nos deslocamentos transmidiáticos de gêneros audiovisuais da TV para a web, trabalhando com a mesma obra canônica de Bakhtin - “Estética da Criação Verbal” - só que traduzida diretamente do russo para o

português. Esta tradução, lançada em 2003⁵, elucidou alguns conceitos, até então de interpretação imprecisa. Inspirado por essa publicação, Costa (2010), em seu estudo, discute o reposicionamento terminológico do termo ‘transmutação’, que na nova tradução publicada foi substituído por ‘reelaboração’. Esse movimento de readequação lexical aliou-se a toda uma reflexão de cunho teórico acerca do protagonismo daqueles que reelaboram o gênero, elementos fulcrais no ambiente instável e adaptativo que é a web. Ao final de sua pesquisa, o autor revisita a tipologia proposta por Zavam (2009), acrescentando-lhe um *continuum* que retrata a passagem do gênero em estado emergente para o estado estandardizado.

Já Lima-Neto (2009) debruçou-se sobre os processos formadores das postagens praticadas na rede social Orkut. Embora não tenha tomado essas unidades como gêneros, o autor preocupou-se em descobrir como gêneros distintos imbricavam-se dando forma a essa modalidade de comunicação, então muito popular. Sua contribuição para os estudos de gêneros foi elucidar como os processos de mesclagem distintos podem dar origem a enunciados híbridos, porém largamente difundidos entre os usuários da rede social em questão.

Na trilha dessas pesquisas, nossa proposta também tomará como ponto de partida a concepção bakhtiniana de gêneros. Dizemos ponto de partida por compreendermos que, por diferenças temporais, sociais e, principalmente, tecnológicas, as questões por nós levantadas diferem daquelas levantadas pelo autor russo, principalmente no que diz respeito à pluralidade de fenômenos e de elementos envolvidos nos processos relacionados a essa temática. As categorias tema, composição e estilo, bem como a separação entre gêneros primários e secundários, não serão tomadas aqui como pressupostos base, porém, a compreensão de gênero como “tipo relativamente estável de enunciado” (BAKHTIN, [1979] 2011) estará por trás de toda a nossa reflexão.

Ao levantarmos um questionamento acerca da reelaboração de gêneros em um site de redes sociais, objetivamos testar a funcionalidade da tipologia operacional desenvolvida por Zavam e refinada por Costa. Uma vez que o *continuum* apresentado pelo segundo autor emergiu da observação sistemática de gêneros audiovisuais, nossa contribuição reside em aplicar essa tipologia, em uma perspectiva sincrônica, a gêneros que, embora também circulem em um ambiente digital, são prioritariamente escritos.

⁵ Até então as traduções da obra de Bakhtin para o português eram feitas a partir de outras traduções, seja do francês ou do inglês, e não diretamente do russo, como a feita em 2003, por Paulo Bezerra.

Mesclas de gêneros e reelaborações são temáticas relevantes que direcionaram diferentes pesquisas acerca dos processos formadores de gêneros, porém, ambas foram estudadas separadamente e em *corpora* distintos. Nossa proposta visa compreender como essas duas dinâmicas relacionam-se na formação de novos enunciados cuja propagação dentro de uma rede social popular culmina por conferir-lhe a relativa estabilidade preconizada por Bakhtin como característica dos gêneros discursivos.

Acreditamos contribuir ainda para a diversificação dos estudos de redes sociais na internet, nicho inicialmente ambientado na Sociologia, como já salientamos, mas que possui implicações imediatas no campo da Linguística, uma vez que toda a comunicação efetivada nesses ambientes dá-se a partir da linguagem e os elementos que compõem as redes sociais, tais como atores e suas conexões, relacionam-se a partir de fenômenos linguísticos. A interface entre as duas abordagens elucidará em que medida a dinâmica de funcionamento das RSI influencia na evolução e sedimentação da reelaboração de gêneros como prática linguageira desse ambiente.

Lima-Neto (2009), ao analisar os processos de mesclagem de gêneros dentro da rede social Orkut, catalogou diferentes espécies de mesclas, baseado na observação sistemática do *corpus*, composto por postagens coletadas na própria rede social. Nossa proposta de trabalho prevê esse mesmo movimento, mas acrescido da consulta aos usuários da rede no intuito de averiguar como esses compreendem e justificam as mesclas de gêneros que praticam. A união da análise de gêneros com elementos extraídos da análise de redes sociais nos dará uma visão mais abrangente e elucidatória dos fenômenos de linguagem ambientados no Twitter, bem como a perspectiva dos próprios indivíduos praticantes acerca dele.

A escolha do Twitter como *lócus* para este estudo justifica-se pela relevância social alcançada por essa RSI nos últimos seis anos. O site tem inspirado pesquisas em diversas áreas⁶, devido à efervescência de temáticas e postagens, que se convertem numa vasta gama de possibilidades científicas. Além da relevância como objeto científico, o Twitter tem despontado como canal para ações políticas, tendo estado no centro de importantes acontecimentos e reviravoltas políticas em 2010 e 2011⁷. Acreditamos que todas as

⁶ Na área da Comunicação, podem ser mencionados os trabalhos de Recuero e Zago (2010) e Zago (2010). Na Educação, há trabalhos como os de Barreto (2010) e Araújo, Costa e Dieb (2011). Na área da Linguística, conferir Castro (2011) e Pimenta, Costa e Araújo (2011).

⁷ Um episódio no qual a utilização do *Twitter* foi fulcral para a mobilização popular em função de uma causa diz respeito ao, recentemente iniciado, processo de democratização do Egito, que sucedeu a deposição do ditador Hosni Mubarak, há 30 anos no poder. Durante o período que ficou conhecido como Revolução do Nilo (25/01/2011-11/02/2011). Disponível em (http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_no_Egito_em_2011) Acesso em: 20 jan. 2012.

conquistas, sejam elas políticas, comerciais ou sociais empreendidas por meio do Twitter são, antes de tudo, conquistas pela linguagem, que, aliada à ferramenta correta, é capaz de grandes feitos. É nessa junção entre linguagem e tecnologia que se insere a nossa pesquisa.

Lançado em 2006, pela empresa Odeo, o Twitter era o site que, a princípio, convidava os usuários a responderem, como já mencionado anteriormente, a pergunta *'What are you doing?'* Apesar da estreia tímida, que lhe garantiu o modesto número de 4 milhões de usuários no final de 2008, o Twitter deu um considerável salto na quantidade de adeptos, ao somar, no final de 2010, a incrível marca de 175 milhões de contas. Um estudo realizado pela empresa Semiocast mostrou que o português é a terceira língua na qual o *tweet* mais se materializa, ficando atrás apenas do inglês e do japonês⁸.

A dinâmica de funcionamento do site é a seguinte: o usuário, de posse de uma conta criada no próprio Twitter, posta atualizações (*tweets*) em seu perfil, podendo inclusive interagir com os outros usuários, membros ou não da sua rede social⁹, através da fórmula @ + nome do usuário. É sob essa perspectiva que Recuero e Zago (2010) concebem o site como um micromensageiro, devido à sua semelhança com mensageiros instantâneos como MSN e *Google Talk*¹⁰.

Inicialmente utilizado para disparar mensagens de cunho pessoal e responder à pergunta título do site, o *tweet*, atualmente, assume diversas outras funções consolidadas pelo uso que os internautas fazem dessa ferramenta. A variação constante do propósito comunicativo do *tweet*, de 2006 para cá, inspirou os desenvolvedores do site a trocarem a pergunta mote da página inicial de *What are you doing?* para *What's happening?* (O que está acontecendo?), devido ao caráter mais genérico das postagens praticadas.

Toda essa volatilidade que circunda as práticas discursivas exercidas por meio do *tweet* nos inspira a necessidade de um estudo que elucide sua dinâmica de funcionamento. Além disso, a limitação dos 140 caracteres permitidos por postagem e a sua natureza essencialmente escrita chamam a atenção quando observamos a diversidade de formas que as postagens assumem pelas mãos dos usuários.

Os indícios da influência dos sujeitos sobre o gênero vêm à tona como força capaz de imprimir a sua marca no desencadeamento de novas práticas discursivas desse ambiente. Para inserir-se nos valores legitimados pelos usuários dos sites de rede social é

⁸ Disponível em: (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>) Acesso em: 22 jan. 2012.

⁹ Consideramos aqui o conceito de rede social defendido por Recuero (2009) que a compreende como um grupo de pessoas interconectado.

¹⁰ Softwares para comunicação instantânea, desenvolvidos, respectivamente, pela Microsoft e pelo Google.

necessário mostrar-se proficiente no manejo das ferramentas que esse site possui. Esse raciocínio nos sugere que uma investigação que contemple a dinâmica que permeia essas práticas deve contemplar também a perspectiva daqueles que a praticam.

As potencialidades pensadas pelos criadores do site são apropriadas pelos usuários, que dão vida à rede. Da complexidade das relações sociais, aliada à potencialidade oferecida pelo site emergem necessidades enunciativas específicas que, para serem atendidas, demandam a manipulação de diferentes gêneros, culminando em mesclas de diferentes naturezas, cujo objetivo é não apenas comunicar, mas, também, angariar capital social, valor abstrato que circula nas redes sociais e que confere status positivo ao ator que o detém.

Para adentrar ao primeiro viés de análise de nosso estudo, é necessário fazer uma breve consideração acerca da dinâmica que permeia as relações nas redes sociais. As conexões estabelecidas entre os atores assumem diferentes naturezas, desde a infância passada na mesma vizinhança até um comentário postado em um mural do Facebook¹¹. E tal como nas redes *off-line*, as redes sociais na internet projetam nos indivíduos valores adotados e perpetuados como elementos que facilitam a aceitação e a promoção daqueles que se inserem nesse contexto.

O capital social (RECUERO, 2009), em suas diferentes categorias, é um dos valores que circundam as relações sociais tanto *on-line* quanto *off-line*. Uma primeira análise do *corpus* já em construção revelou um esforço dos usuários do Twitter no intuito de inovar em suas postagens, ao trazerem, para a constituição dessas, padrões genéricos e gêneros oriundos de variadas esferas da comunicação, a exemplo da notícia, da piada, da letra de música e da receita. A mesclagem de gêneros distintos envolvidos na constituição da postagem do Twitter une-se ao protagonismo dos sujeitos, que tencionam, a partir dessa prática, angariar capital social para seus perfis na rede. Nesse ponto do processo, faz-se valer a rede social constituída pelo indivíduo, uma vez que é em função dela que o usuário manipula os diferentes gêneros e é a partir dela que o arranjo constituído se propagará ou não. A aceitação de um determinado arranjo genérico bem-sucedido pode ser medida a partir de números fornecidos pelo próprio Twitter, que nos permite constatar quantas vezes aquele *tweet* foi *retweetado*, ou seja, difundido na rede por outros usuários além do próprio autor. Quanto maior o alcance da postagem, maior o capital social alcançado pelo indivíduo, maior a sua visibilidade na rede e maior o número de seguidores alcançados.

¹¹ www.facebook.com

Bakhtin, ao pensar os gêneros do discurso, apontou, como mencionamos, três aspectos que poderiam ser tomados como características para sua identificação. Tema, composição e estilo foram, durante muito tempo, pilares sob os quais se ergueu uma vasta literatura da análise de gêneros, tendo sido, inclusive, a primeira opção de categorias de análise adotadas para esta pesquisa. Entretanto, discussões empreendidas no grupo Hiperged, aliadas a análises preliminares dos dados, nos ajudaram a constatar que as categorias acima não compreendiam, de maneira satisfatória, as práticas discursivas em questão. Esse percurso de construção do objeto de pesquisa nos levou à decisão de analisar o *tweet* não como um gênero prototípico, na perspectiva bakhtiniana, mas sim como um gênero emergente (MARCUSCHI, 2010), que tem como característica a junção, em seu interior, de diferentes práticas de linguagem e que potencializa processos de mesclagem e reelaboração de gêneros, chegando então ao nosso objetivo maior, que é investigar como esses processos atuam na constituição dos *tweets*.

Seguindo essa linha de raciocínio, optamos por abordar o aspecto composicional da postagem do Twitter não como um modelo específico, mas sim como resultante de um processo específico de formação, a manipulação de gêneros, cuja natureza maleável e diversificada condiz com a diversidade de propósitos que direcionam os usuários em sua constituição.

Lima-Neto (2009), ao analisar as misturas de gêneros que compunham os *scraps* do Orkut, deparou-se com três diferentes padrões de constituição: as mesclas por intergenericidade prototípica, as mesclas por co-ocorrência de gêneros e as mesclas por gêneros casualmente ocorrentes. Tomamos a metodologia seguida pelo autor como norte para nossa análise dos padrões genéricos que compõem os *tweets* e, ao longo desse exercício interpretativo, enveredamos por nossos próprios caminhos.

Para dar conta das diferentes motivações que estão por trás das postagens do Twitter, guiamos nossa pesquisa por meio da abordagem sociorretórica, adotando a categoria de propósito comunicativo, tal qual é trabalhada por Swales (1990; 2004), Askhave e Swales (2001) e Bhatia (1993).

Acreditamos que a finalidade que os usuários reconhecem nos *tweets* pode ser associada aos propósitos comunicativos que estes atendem, e a discrepância entre esses dois elementos pode inspirar novas descobertas em relação à dinâmica de funcionamento e de valores que permeia a rede social, refletindo-se na linguagem. Daí a necessidade, a nosso entender, de averiguarmos, junto aos participantes desse grupo, a que função eles associam os eventos comunicativos realizados através do *tweet*. Esta é, aliás, uma

recomendação de Swales (2004), no intuito de apreender com mais precisão esta fluida e multifacetada categoria que é o propósito comunicativo. A elucidação desse questionamento nos auxiliará na compreensão da relação entre o propósito comunicativo assumido e o tipo de mescla/reelaboração de gêneros mobilizada para atendê-lo.

Os três objetivos deste trabalho mobilizam perspectivas distintas que, juntas, permitiram-nos observar o percurso rumo à reelaboração de gêneros no Twitter. Ao considerarmos a dinâmica da rede social que inspira as manipulações de gêneros praticadas pelos usuários, estamos olhando para a forma como a linguagem é moldada para atender às demandas emergentes desse meio. E a investigação dos propósitos comunicativos une-se a essas duas instâncias no intuito de descortinar para nós como essas demandas se materializam e como os usuários as percebem.

Sob a ótica do que foi exposto e tomando como limites os argumentos apresentados, questionamo-nos: **Como descrever os padrões genéricos que organizam a comunicação efetivada nas postagens do Twitter?**

Em busca da resposta para esta pergunta, formulamos a seguinte hipótese principal: **As práticas discursivas no Twitter são mediadas pelo *tweet*, postagem que é produto da dinâmica de funcionamento característica dessa rede social e que se materializa na manipulação e mesclagem de diferentes padrões genéricos com o propósito de dar visibilidade aos atores sociais envolvidos na produção.** Nosso exercício de pesquisa será orientado no intuito de elucidar o questionamento principal e validar ou não a suposição apresentada acima. Seguindo esse contexto, apresentamos como o objetivo geral deste trabalho: **descrever o fenômeno das reelaborações de gêneros no Twitter, considerando a dinâmica que rege as interações nessa rede social, bem como os processos de manipulação de padrões genéricos praticados em seu interior e os propósitos comunicativos subjacentes a esse contexto.**

Assumimos a perspectiva da análise de gêneros, representada por desdobramentos recentes das ideias de Bakhtin, bem como dos estudos de redes sociais, principalmente no que diz respeito à sua dinâmica de funcionamento. Desse enlace extraímos três questionamentos específicos: o primeiro diz respeito ao status de rede social do Twitter, o segundo debruça-se sobre o comportamento dos gêneros que ocorrem em seu interior e o terceiro busca, a partir da junção desses dois argumentos, lançar luz sobre os propósitos comunicativos relacionados a essas práticas de linguagem. Dessa forma, como problemas secundários, indagamos:

- Como o estatuto de rede social contribui para a emergência e propagação de demandas enunciativas que culminam na reelaboração de gêneros?
- Como os usuários manipulam padrões genéricos na construção de seus *tweets*?
- Que propósito comunicativo está relacionado ao *tweet*?

Para tais questões, apresentamos as seguintes hipóteses:

- A dinâmica de funcionamento das redes sociais envolve valores específicos, como o capital social, que, almejado pelos atores sociais, inspira ações com a linguagem no intuito de alcançar visibilidade dentro desse sistema.
- Ao formularem *tweets*, os usuários operam com as mesclas de gêneros no intuito de atenderem, de maneira satisfatória, às demandas enunciativas da rede social. Dessa dinâmica constitutiva é possível compreender, sob a perspectiva da Análise de Gêneros, o processo formador dos *tweets*.
- Da dinâmica das interações nas redes sociais na internet emergem propósitos comunicativos que suscitam nos sujeitos a necessidade de criarem, para atender a esses propósitos, arranjos genéricos, formados por meio das reelaborações de gêneros.

No intuito de averiguar as suposições levantadas, definimos os respectivos objetivos específicos:

- Analisar o papel da dinâmica de funcionamento do Twitter como geradora de demandas enunciativas que inspiram a manipulação de diferentes padrões genéricos.
- Identificar que estratégias de manipulação de gêneros são aplicadas pelos usuários do Twitter na constituição das suas postagens.
- Relacionar o propósito comunicativo do *tweet* ao capital social intrínseco às interações ambientadas nas redes sociais e à prática das reelaborações de gêneros.

A seguir, no capítulo destinado ao referencial teórico por nós adotado, nos deteremos mais demoradamente em cada uma das teorias que baseiam esta pesquisa. Em seguida, explicitaremos as decisões metodológicas que nortearam nosso percurso. Logo após, passaremos à análise dos dados coletados, cujos resultados serão sumarizados e discutidos na seção seguinte e com a qual finalizamos a dissertação.

- 2 - Aportes Teóricos

Esta seção do trabalho a explorar os aportes teóricos que embasaram nosso raciocínio ao longo da pesquisa. Dessa forma, deter-nos-emos nos conceitos relacionados à Análise de Redes Sociais na Internet, aos processos formadores de gêneros e às reflexões acerca do propósito comunicativo.

2.1 Análise de redes sociais

Em 1934, Jacob Levy Moreno publicou o livro *“Who shall survive”* cuja temática girava em torno das relações sociais desenvolvidas pelas alunas de um colégio para meninas. Em seu estudo, Moreno esboça os principais conceitos que hoje pautam a análise de redes e a sociometria. Esse método, que tem como berço a Psicologia Social, busca compreender, a partir da observação e quantificação sistemática das interações, a dinâmica existente em uma determinada rede social.

Tendo sido pensada na fronteira entre Psicologia e Sociologia, a análise de redes sociais, doravante ARS, ganha contornos matemáticos à medida que passa a ser apropriada pela Teoria dos Conjuntos, sob o argumento de que as relações de um grupo possuiriam propriedades estruturais, que poderiam ser compreendidas por de padrões matemáticos. Dessa interface entre ciências humanas e exatas surge o modelo primário da ARS, conforme elucida Recuero (2011, p. 118): “de um conjunto de estudos com foco empírico e sistemático e também com um foco matemático e gráfico”.

Trabalhando prioritariamente com sociomatrizes e sociogramas, a ARS busca representar graficamente a rede social em questão, analisando seus componentes (atores e conexões) de forma a extrair desses dados informações acerca das relações existentes no espaço real. Em seu primeiro momento, a ARS compreendeu seu objeto de estudo de maneira estática, limitando-se a descrever o estado das relações sociais de determinado grupo em um dado recorte temporal, sem projeções ou observações sistemáticas que abrangessem um período maior. Com a evolução dos métodos de análise e o estabelecimento do foco em redes mais dinâmicas, como as que se formam na internet, a ARS passou a compreender as redes como organismos dinâmicos, em estado constante de evolução e cujos padrões podem ser observados diacronicamente.

No início do século XXI, a proliferação de sites de redes sociais na internet abriu um novo nicho para pesquisas em redes sociais. O armazenamento de dados *on-line* e a evolução dos softwares capazes de rastreá-los favoreceram os pesquisadores que se propuseram a compreender como os indivíduos relacionavam-se em redes como o Orkut¹² e o Fotolog¹³. Conforme sintetiza Recuero:

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos. (2009, p. 24)

As redes sociais, tanto *on-line* quanto *off-line*, são constituídas por atores e suas respectivas conexões. Por atores compreende-se os indivíduos que fazem parte da rede delimitada, enquanto as conexões podem ser qualquer tipo de interação que os atores estabelecem entre si. No contexto das redes sociais da internet, cada perfil com características identitárias estabelecidas por uma pessoa ou grupo representa um ator, enquanto as conexões podem ser qualquer ação deflagrada de um ator para outro, como, por exemplo, uma solicitação de amizade no Orkut, uma postagem compartilhada no Facebook, um reply enviado no Twitter, etc. Como vemos, vasta é a gama de possibilidades interativas oferecidas pelas RSI.

Devido à abrangência das conexões e até mesmo da própria rede, o estudo das RSI demanda, por parte do pesquisador, a delimitação dos elementos que irão compor o objeto estudado. Como bem nos lembram Degenne e Forsé, “Nenhuma rede tem fronteiras ‘naturais’, é o pesquisador quem as impõe”¹⁴ (1999, p. 22). Uma vez delimitados os elementos constituintes do objeto, observa-se a estrutura inerente às suas relações. Neste ponto, entram em cena os grafos, representações gráficas dos atores e suas conexões, bem como a forma da rede social delimitada. A seguir, um grafo construído por Recuero (2009) a partir da análise das interações entre usuários do Fotolog:

¹² www.orkut.com

¹³ www.fotolog.com

¹⁴ “(...) no network has ‘natural’ frontiers, researchers impose them.”



Figura 3 - Grafo de uma rede constituída por interações entre usuários do Fotolog (RECUERO, 2009, p. 140)

Embora as RSI possam ser representadas por grafos, o que facilita a aplicação de estatísticas e quantificações, a análise desses instrumentos também compreende aspectos qualitativos, principalmente no que diz respeito às propriedades dos dados que os constituem. Laços sociais e capital social são propriedades composicionais dos dados, enquanto grau de conexão, densidade, centralidade e centralização são propriedades de natureza estrutural.

Observando a estrutura de uma rede, representada por um grafo como o da figura acima e pelos dados que o compõem¹⁵, o analista é capaz de observar, sem deter-se ao conteúdo das interações, a quantidade de conexões que um ator possui, propriedade denominada grau de conexão, bem como a densidade, que se refere ao número de conexões de um grafo, comparado ao número de conexões suportadas por ele. Quanto mais conexões, mais denso o grafo é. A centralização, por sua vez, refere-se à distribuição das conexões de um grafo, quando comparadas a outros, diferentemente, da centralidade, que observa a popularidade de um ator específico, tomando como parâmetro a quantidade de conexões que ele possui e a sua posição dentro da RS. Um usuário detentor de grande número de conexões e posicionado de maneira central dentro da rede, possui um elevado nível de capital social, conseqüentemente, tornando-se influente dentro da rede.

Os laços sociais, que consistem nas conexões existentes entre os atores de uma rede, podem ser de natureza forte ou fraca, o primeiro tipo é característico de relações

¹⁵ Os grafos (ou clusters) são gerados a partir de softwares que coletam e sistematizam dados extraídos da RSI alvo. As informações coletadas são automaticamente dispostas em tabelas e, em seguida, tratadas, dando origem aos gráficos. O analista de redes sociais dispõe tanto dos gráficos, quanto dos números e, quando necessário, também do conteúdo das interações.

providas de intimidade; o segundo é encontrado em conexões de atores cuja intimidade é menor. Já o capital social, é valor constituído coletivamente pelos membros de uma rede e usufruído tanto individual, quanto coletivamente. Bertolini e Bravo (2004) elencam cinco tipos de capital social: relacional, normativo, cognitivo, confiança no ambiente social e institucional. A presença de capital social em uma RSI pode significar uma rede coesa, da qual os usuários extraem e proporcionam para o grupo benefícios coletivos e individuais. Nas palavras de Recuero (2009),

Consideraremos o capital como um conjunto de recursos de um determinado grupo que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade. Ele está embutido nas relações sociais e é determinado pelo conteúdo delas. (p. 50)

É justamente o conteúdo das relações que dá ao estudo da RSI o viés qualitativo, uma vez que é necessário analisar o conteúdo das interações entre os atores para compreender a natureza do capital social e dos laços ali presentes.

As RSI são um tipo de sistema complexo (HOLLAND, 1995), estando, portanto sujeitas aos mesmos processos dinâmicos que essas estruturas, entre eles, a agregação, que “permite que as características do sistema sejam passadas adiante pelos seus agentes” (RECUERO, 2009, p. 86). Esse aspecto das redes sociais é fulcral para nosso estudo, uma vez que acreditamos ser a partir dela que os construtos propósito/mescla criados pelos usuários do Twitter propagam-se pela rede, ganhando assim relativa estabilidade. Além disso, ao observarmos a rede numa perspectiva individual, é possível identificar o capital social como propriedade que possibilita e potencializa a dinâmica de agregação do Twitter, mais especificamente, o capital social cognitivo¹⁶ (BERTOLINI; BRAVO, 2001) no qual a soma do conhecimento e das informações é colocada em comum por um determinado ambiente. Ao originarem e difundirem uma nova prática de linguagem, os usuários fazem uso do seu capital social cognitivo, diversificando e, por vezes, complexificando a forma de comunicação naquele grupo.

O acúmulo de capital social cognitivo por um usuário reflete-se na centralidade que este adquire na rede. Indivíduos produtores e difusores de conhecimento tendem a agregar para si números elevados de conexões. Partindo desse raciocínio, compreendemos que é a partir dos usuários centrais, alto grau de conexões, que se deflagram as novas práticas de linguagem. Uma vez difundida por um deles, o alcance daquele construto potencializa-se, aumentando assim suas chances de adoção pelos demais atores da rede.

¹⁶ As categorias de capital social adotadas neste estudo serão retomadas a diante, na seção de Análise.

Nossa opção pela ARS neste estudo consiste em adotarmos os conceitos de ator, rede e conexão, bem como a propriedade estrutural da centralidade e a propriedade composicional do capital social, no intuito de compreender como a dinâmica de funcionamento de uma RSI pode influenciar na estabilização de um arranjo propósito/mescla, que, quando largamente difundido, aproxima-se da relativa estabilidade.

2.2 Estudos de Gêneros do Discurso

Tomados como ponto de partida na busca de um caminho para a investigação do comportamento dos gêneros no Twitter, os processos de mesclagem foram foco de estudos ambientados no contexto das redes sociais, a exemplo de Lima-Neto (2009). O autor, ao compreender que o conceito de intergenericidade, cunhado pela Linguística Textual, não dava conta dos fenômenos constituintes das postagens observadas no site de redes sociais Orkut, buscou compreender de que forma gêneros distintos imbricavam-se, dando origem a postagens com características referentes a ambas as partes envolvidas na criação.

Valendo-se da concepção bakhtiniana de gênero, o autor investiga como o processo formador do que poderia ser um novo gênero digital em emergência (MARCUSCHI, 2010) era passível de sistematização, tomando-se como categorias a convergência de mídias inerente aos ambientes digitais, a hipertextualidade constitutiva dos produtos da web e a transmutação de gêneros, processo apontado por Bakhtin ([1979] 2011) como o responsável pela criação de gêneros secundários, a partir de gêneros primários.

A análise de uma ampla amostra composta por postagens de RSI revelou a existência de três diferentes processos de mesclagem de gêneros constitutivos do *scrap* do Orkut, são eles:

- i) a mescla por intergenericidade prototípica, “caracterizada pela fusão de traços de pelo menos dois gêneros, sejam eles estrutura composicional, propósito comunicativo, estilo ou suporte” (LIMA-NETO, 2009, p. 197);
- ii) a mescla por co-ocorrência de gêneros, “caracterizada pela co-ocorrência de anúncio e um outro gênero (geralmente uma felicitação), o que convergirá para um enunciado híbrido, com características promocionais” (LIMA-NETO, 2009, p. 197);
- iii) a mescla de gêneros casualmente ocorrentes, “que se distingue das duas anteriores por não convergirem para um único gênero, mas para gêneros que se

complementam num mesmo evento comunicativo – *o scrap*.” (LIMA-NETO, 2009, p. 196)

A adoção da perspectiva descrita acima se deu devido ao fato de também trabalharmos com formas de comunicação dentro de uma rede social na internet, embora com espaço para postagem bastante limitado. Acreditamos que, mesmo que a análise dos dados nos revele a inadequação das categorias propostas pelo autor para o *corpus* do qual dispomos, ainda assim poderemos tomar as mesclas de gêneros do *scrap* como ponto de partida na tentativa de lançar luzes sobre o processo formador das postagens do Twitter, processo esse que culminaria na reelaboração dos gêneros acionados.

Ao tentar explicar a transformação pela qual passam os gêneros do discurso, Bakhtin aborda, em sua discussão, o conceito de transmutação, processo pelo qual, segundo o autor, os gêneros primários dão origem aos secundários. Na trilha desse raciocínio, estudos contemporâneos debruçam-se sobre esse conceito e buscam conferir-lhe operacionalidade, transformando-o em categoria de análise para as pesquisas com gêneros.

Araújo (2006) buscou compreender os *chats* com um exemplo de constelação de gêneros no meio digital, além de desenvolver critérios para a identificação desses agrupamentos. Segundo o autor, tais aglomerados genéricos precisam ser estudados considerando-se eixos temáticos, esfera da comunicação, formação de gêneros e propósito comunicativo, estando a transmutação inserida no segundo eixo de análise.

O autor discorre sobre a transmutação como o processo responsável pela formação dos gêneros, denominando transmutante aquele que incorpora outro exemplar, e transmutado, aquele que se atualiza através do outro. Como elemento desencadeador da transmutação, Araújo, apoiado em Bakhtin, reconhece as necessidades de comunicação humanas, por serem os gêneros do discurso artefatos a serviço da interação dos indivíduos, sendo, portanto condicionados por ela. Novas condições de interação demandam novos gêneros, daí o seu caráter essencialmente social.

Uma escolha teórica que trouxe fortes consequências ao direcionamento das ideias do autor surgiu da necessidade de diferenciar transmutação de hibridização. Segundo Araújo, os processos são interdependentes, sendo hibridização a incorporação de um gênero pelo outro, enquanto a transmutação configurar-se-ia posterior a esse processo, resultando sempre de uma mudança na esfera de comunicação a qual o gênero estaria vinculado. Assim, toda transmutação resulta de uma hibridização associada à

mudança de esfera. O autor chama a atenção para o fato de a hibridização não existir exclusivamente em função da mudança de gêneros, podendo ocorrer também quando não atrelada a esse processo.

Uma vez compreendido que a mudança de esfera é necessária para a configuração da transmutação, o autor julga relevante alertar para o fato de que nem todos os processos seguem rigidamente esse roteiro, pois é possível encontrar casos em que o gênero muda de esfera, mas permanece o mesmo. Como exemplo, nos apresenta o caso de um anúncio, que, mesmo quando reelaborado na esfera digital¹⁷, não perde suas características definidoras, mantendo-se o mesmo gênero.

Zavam (2009) dialoga com as reflexões de Araújo (2006) e defende seu próprio ponto de vista ao discordar do autor quando este afirma ser a mudança de esfera um elemento imprescindível ao processo de transmutação. A autora compreende que a transmutação ocorre mesmo quando os gêneros envolvidos permanecem em suas esferas de origem.

Para fundamentar seu ponto de vista, recorre a Bakhtin (1988), que, ao tratar de plurilinguismo, cita os processos de hibridização e intercalação de gêneros, ambos apresentando a mistura de gêneros distintos sem, porém, resultar em outros. Segundo Zavam, esse é um indício que permite inferir que a mudança de esfera não é condição *sine qua non* para a transmutação de gêneros.

Pode-se dizer que a contribuição de Zavam para a análise de gêneros diz respeito aos processos de transmutação e às mudanças de esfera, pois, a autora acredita que tanto gêneros transmutados quanto transmutantes podem fazer parte de esferas distintas ou não. Esse aspecto de seu pensamento permite a expansão das possibilidades combinatórias dos processos de transmutação, levando-a a esquematizar os tipos de transmutação possíveis, da seguinte forma:

¹⁷ Em trabalho posterior, o autor retifica a ideia acerca da esfera digital, afirmando ser a web um elemento bem mais complexo. Em suas palavras: “estamos diante de um espaço plural no qual não apenas muitos gêneros são atualizados, mas diversas esferas de comunicação também.” (ARAUJO, 2010, p. 117-118)

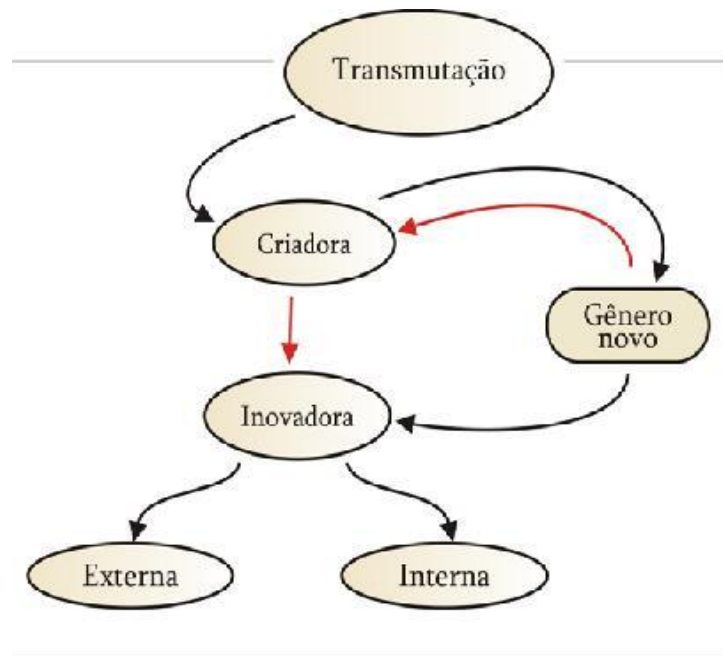


Figura 4 - Categorias de transmutação de gêneros para Zavam (2009, p. 64)

Em sua tipologia, a autora afirma que todo gênero origina-se a partir de uma transmutação criadora e atualiza-se a partir da transmutação inovadora, em suas duas nuances – inovadora externa (intergenérica) e interna (inragenérica). A primeira envolveria a incorporação de outro gênero, enquanto a segunda não, pois teria sua mudança condicionada por outros fatores, como *midium*, esfera da comunicação, época e propósito comunicativo.

Ao final de sua reflexão, a autora afirma existirem gêneros mais propícios aos processos de atualização, enquanto outros nem tanto. Aos que se transmutam com facilidade atribui as características da plasticidade e dinamicidade, reconhecendo-os como gêneros mais maleáveis e acolhedores, devido às esferas da comunicação verbal que ocupam; da mesma forma, pode-se identificar também aqueles menos propensos à inovação, com tendência padronizadora. Esse pensamento, apenas pincelado em Bakhtin (2006) ganha novas dimensões a partir do estudo desenvolvido pela autora, para quem o processo de transmutação consiste no “fenômeno que rege a possibilidade de transformar e ser transformado a que os gêneros do discurso estariam inexoravelmente submetidos”. (ZAVAM, 2009, p.55).

Costa (2010), ao revisitar Bakhtin e suas ideias a respeito dos gêneros do discurso, posiciona-se de maneira contrária à divisão dos gêneros em primários e secundários por acreditar não haver gêneros compostos por enunciados mais ou menos complexos, estando todos sujeitos a “ambiguidades, desacertos e mal entendidos” (COSTA, 2010, p.

57). O autor atribui ao pensamento bakhtiniano valiosas contribuições para o que seriam os primeiros passos rumo à teoria multimodal. Acredita que a compreensão dos gêneros como “produtos de seres sociais irmanados pela sua capacidade intelectual” implica a possibilidade de sua materialização das mais variadas formas, não apenas no binômio oral/escrito. A teoria multimodal perpassa todo o seu estudo, que tem como foco a reelaboração de gêneros audiovisuais.

É na reflexão desse estudioso russo que se consolida o reposicionamento terminológico que readequará transmutação em reelaboração. Tal substituição foi trazida à tona pela nova tradução da **“Estética da Criação Verbal”**, de Bakhtin. Nas palavras do tradutor dessa edição:

A terminologia, o acervo de categorias de uma obra é a medula do pensamento aí exposto. Isso requer do tradutor um cuidado especial com as categorias do pensamento, sua uniformidade, seu emprego sistemático, porque disso depende a unidade e a originalidade desse pensamento. Se um conceito ou categoria aparece empregado de forma diferente, perde-se o sentido da unidade e organicidade do pensamento, e a obra se torna ininteligível. Daí a importância do emprego sistemático do sistema de categorias de uma obra. (BEZERRA, 2011 apud Bakhtin, p. X)

Na trilha do reposicionamento, Costa constata que o termo reelaboração alude ao protagonismo dos sujeitos enunciadore, não permitindo atribuir ao processo intervenções de causa natural ou evolutiva (ARAÚJO, 2006), evitando assim as ambiguidades que a palavra transmutação comporta em si. Este reposicionamento terminológico aproxima-se do que disse Bakhtin ao atribuir à capacidade criativa de um romancista as possibilidades de incorporação de gêneros contidas no romance.

O autor apresenta uma síntese das ideias de Zavam (2009) sobre transmutação para, em seguida, trazer o foco para a transmutação criadora. No que diz respeito a essa categoria, Costa afirma, com base nos dados analisados em sua pesquisa, que nem todo gênero submetido ao processo dá origem a um novo, tendendo para o ineditismo. O resultado pode ser, por vezes, um gênero já conhecido.

Com base na análise empreendida em sua pesquisa, Costa apresenta sua contribuição à categoria da reelaboração criadora ao dizer que esta “origina gêneros distintos do original, que podem ser classificados num *continuum* entre gêneros emergentes e gêneros standardizados” (COSTA, 2010, p.72). Afirma ainda que, quando submetidos ao processo de reelaboração criadora, os gêneros podem surgir com modelos indeterminados, ainda pendentes de classificação, ou podem também surgir com feição

prototípica, já conhecida. Abaixo, a tipologia operacional de Zavam (2009), acrescida das contribuições do autor:

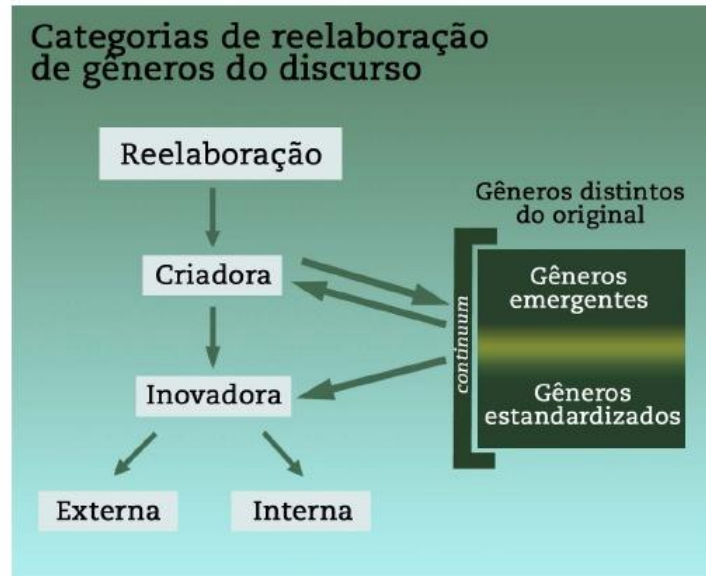


Figura 5 – Tipologia operacional proposta por Zavam e revisitada por Costa (2010, p. 72).

Ao final, o autor apresenta o novo gráfico para a classificação das reelaborações, no qual cumpre os dois objetivos principais: a adoção da terminologia reelaboração e o refinamento da categoria transmutação inovadora.

Os estudos acima, de orientação bakhtiniana, configuram esforços rumo à operacionalidade e à legitimidade do pensamento de Mikhail Bakhtin em relação à compreensão dos processos que permeiam a transformação dos gêneros do discurso. É nosso intuito lançar mão dessas reflexões tomando-as como base para a investigação de um novo objeto, cujas peculiaridades podem não caber nesses conceitos, mas, certamente, já terão aí um consistente ponto de partida.

2.2 Propósito Comunicativo (PC)

A literatura referente aos estudos dos gêneros do discurso ramificou-se ao longo do tempo, trazendo à tona diferentes visões e contornos para a apreensão desse fenômeno de linguagem. Nesse cenário, diferentes critérios foram adotados, ao longo do tempo, como definidores dos gêneros. Categorias desde as mais formais até aquelas de teor mais subjetivo foram mobilizadas para compor modelos de análise. Não obstante, observamos a recorrência de um aspecto nas contribuições teóricas desse campo, ocupando diferentes status em seus modelos de análise sem, contudo, em momento

algum, ser excluído em sua totalidade. Referimo-nos ao caráter funcional do gênero, que se faz presente, em maior ou menor grau, nas teorias que buscam definir a condição de gênero. Este aspecto motivou muitas das escolhas teóricas feitas para este estudo, e será retratado, a seguir, em três diferentes momentos, distantes tanto temporal quanto geograficamente. Para essa demonstração, escolhemos visões teóricas acerca dos gêneros, duas das quais, basilares para esta pesquisa e até hoje citadas, quando não, tomadas como partida para muitas das análises contemporâneas.

A Grécia antiga foi o berço dos primeiros esforços no sentido de definir e classificar os gêneros do discurso. Partindo de uma perspectiva literária, Platão, em **A República**, categoriza os gêneros praticados no teatro grego em épico, lírico e dramático. Posteriormente, Aristóteles, discípulo de Platão, volta-se para a retórica e categoriza os gêneros praticados na acrópole grega como deliberativo, judiciário e epidítico. Erguidos sob o jugo da forma, tais gêneros prezavam pelo respeito às convenções. Sua realização bem-sucedida correspondia à obediência à estrutura e à pureza de seu conteúdo; hibridizações eram combatidas ou vistas como anomalias. Segundo Araújo (2006, p. 85), “subjacente às taxionomias propostas por Platão e Aristóteles está a concepção de que os gêneros literários e retóricos são produtos que seguem formas rígidas e imutáveis”.

Entretanto, nem só de forma era composta a teoria de gêneros grega, uma vez que, no cerne da categorização dos gêneros literários e retóricos, encontram-se os efeitos que esses eram capazes de causar no público alvo. O lírico emocionava, o épico exaltava, o dramático comovia; o deliberativo persuadia e dissuadia, o judiciário acusava e defendia, e o epidítico elogiava e censurava. E, se ajustarmos o olhar para uma perspectiva suprasegmental, observamos que os gêneros literário e retórico diferenciam-se não apenas pelo contexto social no qual eram praticados, mas, principalmente, pelo que buscavam suscitar em sua audiência. Enquanto os primeiros almejavam proporcionar uma experiência catártica, os subseqüentes buscavam induzir o ouvinte a um determinado posicionamento, convencendo-o de algo. Em ambas as perspectivas, notamos os gêneros como fenômenos de linguagem dotados de um objetivo a ser alcançado. Apesar de, neste momento histórico, ser a forma responsável por balizar suas fronteiras, é o propósito que inspira sua existência.

Demos um salto temporal e nos situemos na Rússia, anos vinte do século XX, quando Mikhail Bakhtin concebe sua teoria acerca dos gêneros do discurso. Bakhtin posiciona-se de maneira distinta no que diz respeito ao caráter funcional do gênero.

Acerca dessa perspectiva o autor chega a afirmar que “a heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Para compreender e delimitar o que seriam os gêneros do discurso, o autor recorre à natureza verbal (linguística) dos enunciados.

Bakhtin fala de intenção discursiva do falante que adiciona à forma composicional prototípica do gênero a sua individualidade e subjetividade sem, contudo, ultrapassar os limites daquilo que é socialmente reconhecido e aceitável, constituindo dessa forma uma (inter)subjetividade.

Chegamos ao final do século XX, quando mais incursões teóricas buscam dar conta da problemática dos gêneros do discurso. Dessa vez, voltamos-nos para a escola americana, também conhecida como sociorretórica representada, principalmente, por Swales e Bhatia. Nessa perspectiva, o gênero é compreendido como

uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um certo conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva original e desse modo passam a constituir a razão subjacente ao gênero. A razão subjacente delinea a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, estreitamente ligado a uma ação retórica comparável (SWALES, 1990, p. 58).

Nota-se na definição de gênero inicialmente proposta por Swales o lugar de destaque assumido pelo propósito comunicativo. Neste primeiro momento da teoria, observamos que a perspectiva funcional do gênero discursivo, enfim, suplanta a forma e assume o lugar de protagonista, como critério privilegiado na análise. Essa manobra procura dar conta da diversidade de propósitos e, conseqüentemente, de gêneros resultantes da inovação de estruturas cristalizadas.

Embora a funcionalidade do gênero tenha sido reconhecida, a perspectiva formal não chega a ser de todo abandonada, conforme elucidam as palavras de Bhatia

Os gêneros se definem essencialmente em termos do uso da linguagem em contextos comunicativos convencionados, que dá origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais e disciplinares especializados que, por sua vez, estabelecem **formas estruturais relativamente estáveis** e, até certo ponto, impõem restrições quanto ao emprego de recursos léxico-gramaticais. (BHATIA, 2001, p. 103, grifo nosso)

Na relação entre propósito e forma apresentada pelo autor, é possível identificar a confluência do pensamento bakhtiniano, que conceitua o gênero como enunciado relativamente estável. Neste caso, a forma estaria a serviço da função e seria

operacionalizada pela categoria de propósito comunicativo. Embora não haja referência direta à teoria de Bakhtin, é possível identificar o diálogo presente entre os dois raciocínios.

Cada uma dessas visões possui um contexto de origem específico e uma orientação teórica distinta, porém as três abordam, em algum nível, a funcionalidade dos gêneros do discurso, tomando esse aspecto como importante na identificação e classificação do gênero, embora variando na perspectiva dessa abordagem, como é o caso de Bakhtin, que compreende a funcionalidade como critério demasiado fluido, porém, não nega sua relevância.

Na presente pesquisa, o conceito em questão vem somar-se à análise de redes sociais e aos processos formadores de gêneros no intuito de fornecer-nos uma perspectiva elucidatória do processo de reelaboração. A emergência de propósitos comunicativos distintos daqueles atendidos pelos gêneros mobilizados no processo de reelaboração configura-se como um indício da mudança desses gêneros, daí a nossa decisão de averiguarmos, junto aos usuários, a aceitação e o reconhecimento desses em relação aos propósitos comunicativos emergentes atendidos pelos *tweets* compostos por reelaborações.

Swales (1990), conforme apresentado acima, compreende o propósito comunicativo não como intenção individual, mas como um acordo tácito entre os usuários de um determinado gênero. Para Swales (1990), gênero é uma classe de eventos comunicativos. O evento, por sua vez, é compreendido como “situação na qual a linguagem verbal tem um papel significativo e indispensável, a qual é constituída do discurso, dos participantes, da função do discurso e do ambiente onde o discurso é produzido e recebido” (BIASI-RODRIGUES, 2007, p 730). Os eventos comunicativos, por sua vez, são dotados de propósitos comunicativos, que são compartilhados pelos membros da comunidade discursiva que adota determinado gênero em sua rotina de comunicação.

Ao compreender a fugacidade da noção de propósito, Askhave e Swales (2001) revisitam o conceito e apresentam um aparato metodológico organizado no intuito de averiguar a genericidade de um determinado enunciado ainda tomando o propósito como critério, porém numa perspectiva menos fulcral que a anterior. Sugerindo uma análise com dois caminhos possíveis, que contemplasse, respectivamente, as perspectivas textual e situacional para identificação do gênero e subsequente elucidação do propósito comunicativo, situam-no como etapa final do processo, devido à sua natureza fugaz. “O propósito comunicativo se encontra, portanto, não no início da análise, mas “ao se completar o círculo hermenêutico” (ASKHAVE; SWALES, 2001, p. 210). Ao desenharmos

nossa pesquisa, optamos por seguir o mesmo trajeto, situando a análise dos propósitos comunicativos presentes nos *tweets* como etapa final do processo. Essa escolha teve por intuito acrescentar à análise meios de observar como os indivíduos envolvidos no processo de criação e consumo dessas práticas de linguagem reconheciam e propagavam suas intenções dentro desse evento comunicativo.

Bhatia (1993, 2001), denomina como público e escamoteado os dois vieses que balizam o propósito de um gênero. De um lado, estaria o propósito socialmente reconhecido e praticado e, do outro, as variações motivadas e efetivadas pela intenção particular do autor. Neste estudo, buscamos contemplar o viés social dessa ideia, por compreendermos que, tanto para fins de alinhamento teórico com a visão bakhtiniana de gêneros como por viabilidade metodológica esse procedimento apresenta-se como o mais adequado. Ao adotarmos a concepção bakhtiniana de linguagem como aporte teórico deste estudo, estamos, concomitantemente, enveredando por uma abordagem de viés sociológico dos gêneros do discurso. Cientes de que estes são modelos de enunciados criados para atender a demandas comunicativas de um grupo de falantes, compreendemos a existência da necessidade de que esse artefato seja efetivamente adotado e validado por um grupo social, pois conforme Bezerra (2006),

Da mesma forma, também não se deverá tomar o propósito comunicativo como uma questão de “intenção” do autor ou escritor. Não se trata de intencionalidade, pois o estabelecimento do propósito comunicativo não é jamais uma questão individual, e sim social. Os propósitos comunicativos, bem como a própria constituição e uso dos gêneros, são estabelecidos em meio a práticas sociais específicas, variáveis de acordo com contextos culturais definidos. (p. 90)

Nossa adoção do propósito comunicativo como elemento que, aliado ao processo de reelaboração de gêneros, elucidará de que forma alguns *tweets* são formados aponta para a necessidade de questionarmos os usuários acerca das motivações que estão por trás desse movimento. Acreditamos que os atores dessa rede social compartilham motivações específicas que acionam tipos distintos de processos de manipulação de gêneros, originando produtos também distintos, porém socialmente reconhecidos. Trabalhamos com a hipótese geral de que um propósito comunicativo partilhado e reconhecido pelos usuários, aliado a um processo específico de formação de um enunciado que se propaga de maneira sistemática dentro de uma rede social, aproxima-se consideravelmente da concepção de gênero deflagrada por Bakhtin. Foge ao escopo deste trabalho caracterizar o *tweet* como gênero. Nosso interesse reside no processo que antecede o status desse produto.

Uma das questões que emergiram da análise preliminar dos dados, conforme explicitaremos adiante, diz respeito a até que ponto a ação do produtor do *tweet* é balizada pelas características do gênero reelaborado, tais como sua forma, tema, estilo e propósito. Em oposição a esse delineamento, questionamo-nos também acerca de até onde vai a ação do produtor sobre o gênero, principalmente no que diz respeito ao PC: estaria balizada por seus próprios impulsos criativos, direcionados no intuito de proporcionar uma manifestação bem-sucedida desse estilo particular, sem, contudo, fugir daquilo que é socialmente reconhecido e aceito pelo público alvo desse produto. O propósito comunicativo, conforme preconiza Bezerra, volta-se para esses dois aspectos:

O propósito comunicativo, portanto, não será algo simplesmente imanente no texto como tal, visto que se trata sempre de um processo de construção social desse propósito ou propósitos, nem será uma realidade meramente psicológica, definível como “intenção do autor”, pois seria imperativo questionar essa onipotência do autor sobre o texto e sua recepção na sociedade. (BEZERRA, 2012, p. 6)

Diante do exposto, justificamos a escolha dessa categoria teórica como elemento que poderá fechar o círculo hermenêutico construído a partir da união da perspectiva essencialmente social oriunda da análise de redes à perspectiva composicional inerente aos processos de manipulação e formação de gêneros, adicionando a esses a funcionalidade dos gêneros e a compreensão de seus produtores.

A seguir, apresentaremos como as categorias teóricas apresentadas foram operacionalizadas no intuito de dar conta dos objetivos estabelecidos para esta pesquisa.

- 3 - Decisões Metodológicas

A vasta gama de instrumentos e procedimentos disponíveis na literatura impõe ao pesquisador o papel de protagonista da exequibilidade e do conseqüente sucesso da pesquisa, ficando a seu encargo as decisões metodológicas capazes de tornar operacional o objeto construído. É na e da elaboração da metodologia que emerge e consolida-se a figura do pesquisador, pois acreditamos que, para além do método, haverá sempre a criatividade daquele que o manipula.

Com base nessas considerações, a seguir, apresentaremos aspectos metodológicos que foram adotados para dar cabo deste estudo dos processos de reelaboração de gêneros desenvolvidos no interior do Twitter. Inicialmente, procederemos à caracterização da pesquisa, em seguida, delimitaremos o universo ao qual se restringe o estudo. Num terceiro momento, elucidaremos os procedimentos de coleta e geração dos dados e, por fim, considerando os objetivos específicos que nortearão nossa pesquisa, faremos o delineamento dos procedimentos a serem adotados para a análise do *corpus*.

3.1. Caracterização da pesquisa

Sousa-Santos (2006), em sua reflexão acerca dos paradigmas que compõem a história das ciências ocidentais, traça o perfil daquele que foi, durante séculos, o paradigma dominante, de orientação positivista, cunhado em e direcionado para a pesquisa nas ciências naturais. Porém, com a consolidação da pesquisa social e a demanda por conhecimentos gerados a partir da orientação qualitativa, o paradigma dominante entra em crise, dando lugar ao que o autor classifica como paradigma emergente, voltado para as reflexões de natureza mais subjetiva, compreendendo como partes de um processo fenômenos antes tidos como produtos e adotando noções como a de sistema e complexidade.

A esses dois paradigmas apresentados relacionamos os conceitos de pesquisa quantitativa e qualitativa, uma vez que o primeiro modelo, assim como os estudos em ciências naturais, volta-se para a quantificação e tratamento estatístico dos dados. Já o segundo, elaborado e aplicado no âmago das ciências sociais, procede a uma análise interpretativa dos dados da pesquisa. Compreendemos que, a exemplo dos paradigmas experienciados pelas ciências ocidentais, uma visão exclusivamente quantitativa deste

estudo não seria coerente com as características subjetivas e sociais do objeto a ser analisado.

Para elaborar nossa concepção de classificação da pesquisa, buscamos aportes em Bauer, Gaskell & Allum (2003, p. 20), que afirmam que “a escolha qualitativa ou quantitativa é primeiramente uma decisão sobre a geração de dados e os métodos de análise, e só secundariamente uma escolha sobre o delineamento da pesquisa ou de interesses de conhecimento”. Partindo desse pressuposto, consideramos coerente classificar nossa pesquisa como de natureza qualitativa, porém, de viés quantitativo, uma vez que empregamos métodos e procedimentos de ambas as orientações para analisar os dados coletados.

A natureza qualitativa do método evidenciou-se pelo exercício de categorização dos dados. A partir da análise dos propósitos comunicativos atendidos pelos *tweets* constituídos por manipulação de gêneros, procuramos compreender a dinâmica que rege as relações entre função e forma dos gêneros praticados no interior dessa rede social. O viés quantitativo pode ser identificado nos critérios adotados para medir a propagação dos *tweets*; uma vez que foram considerados os índices de propagação atingidos (número de RTs).

O pensamento de Sousa-Santos (2006) vem ao encontro das necessidades suscitadas pelo nosso objeto de estudo, que, por ser plural e complexo, ultrapassa a visão dicotômica atribuída à classificação das pesquisas e mescla, em seus objetivos de execução, técnicas distintas em prol de uma visão lúcida e abrangente.

Antes de iniciarmos a explanação acerca dos procedimentos de análise adotados neste estudo, é oportuno esclarecer como se deu a entrada da pesquisadora no ambiente pesquisado. A imersão, ou seja, a criação de um perfil de usuário na rede analisada foi imprescindível para a execução da pesquisa, uma vez que a condição de participante nos possibilitou um leque maior de possíveis exemplares, além de nos aproximar dos outros usuários para questioná-los sobre os propósitos comunicativos atendidos nas práticas de linguagem analisadas. Nossa entrada no ambiente alvo e a proposital aproximação com os usuários podem levar o leitor a conferir a essa pesquisa o rótulo de etnográfica, pois, conforme concebe Geertz (1989), pressupõe a entrada do pesquisador numa cultura distinta da sua, compreendendo, nesse percurso, o estranhamento inicial entre observador e observado e a constante busca de apreender os significados das práticas daquela comunidade. Por ser a pesquisadora usuária da rede desde 2009, compreendemos que não houve, em nossa pesquisa, nem o deslocamento para o campo, nem o

estranhamento inicial causado diante da cultura diversa, ambos previstos no fazer etnográfico clássico.

Para elucidar o fazer etnográfico aqui empregado, recorreremos a Hine (2000), que discorre acerca das especificidades criadas pela expansão da cultura digital, que demandam adaptações metodológicas por parte daqueles que desejam compreender os fenômenos relacionados a esse contexto. Segundo a autora, uma releitura da etnografia tradicional é necessária para que se abordem, de maneira eficaz, as práticas culturais da internet:

a metodologia de uma etnografia é inseparável do contexto em que ela é empregada, e é uma abordagem adaptativa que prospera na reflexividade sobre o método. A abordagem para a etnografia aqui descrita é destinada a fazer justiça à riqueza e à complexidade da Internet e também a defender a experimentação dentro do gênero como uma resposta às novas situações¹⁸ (HINE, 2000, p. 13).

A reelaboração de gêneros discursivos, inicialmente denominada transmutação, é ressignificada, ao ser praticada pelos usuários da internet no contexto das redes sociais. Rotinas e demandas enunciativas são criadas e novas dinâmicas de propagação emergem; o ambiente digital conduz a uma adaptação das práticas de linguagem. Nesse contexto, a etnografia virtual despontou como um método promissor, por ajudar-nos a compreender como a tecnologia tornou propícias e exequíveis essas inovações.

A etnografia virtual diferencia-se do modelo tradicional ao deparar-se com a ressignificação de elementos tidos como absolutos no meio *off-line*, tais como as noções de tempo, de lugar e de espaço. Na pesquisa feita na internet, a busca pela compreensão da cultura do outro persiste, porém é afetada pelas diferenças de tempo, local e espaço que este ambiente proporciona. Por conta disso, é que se identifica a etnografia feita nesse meio como distinta da etnografia tradicional, sendo digna inclusive de denominação particular.

Feitas essas considerações, compreendemos nossa entrada no ambiente pesquisado com um passo rumo à compreensão das práticas de linguagem realizadas pelos indivíduos ao comunicarem-se através das postagens do Twitter. O local de pesquisa restringido à rede social, o tempo relacionado ao período que os usuários passam

¹⁸ Tradução nossa de: "The methodology of an ethnography is inseparable from the context in which it is employed and it is an adaptive approach which thrives on reflexivity about method. The approach to ethnography which is described here is intended to do justice to the richness and complexity of the Internet and also to advocate experimentation within the genre as a response to novel situations" (HINE, 2000, p. 13).

conectados e o espaço virtual no qual se situa a pesquisa foram alguns dos fatores que conferiram a nosso estudo um viés do modelo de etnografia virtual (HINE, 2000).

Dito isso, partimos agora para a delimitação do universo da pesquisa.

3.2 Delimitação do Universo

O *lócus* do presente estudo foi a internet, mais especificamente, a rede social Twitter, cujas postagens analisamos como pistas resultantes do processo reelaborador de gêneros. É no intuito de estabelecerem, entre si, laços de diferentes naturezas, que os usuários lançam mão das postagens características dessa rede e cuja motivação, constituição e propagação nos propomos a investigar. Abaixo, a tela inicial da rede social Twitter:

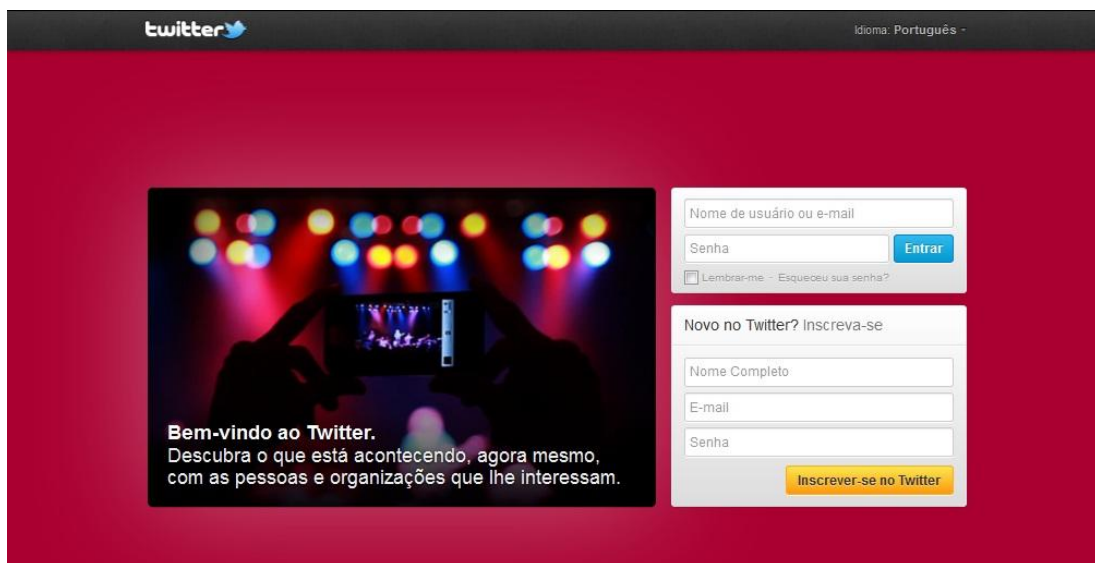


Figura 6 – Tela inicial do Twitter em 29/02/12¹⁹

Observamos aqui que a própria tela de apresentação do Twitter já adianta um pouco do funcionamento dessa rede, conforme observamos no texto 'Descubra o que está acontecendo, agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam'. Uma vez logado, o usuário defronta-se com a seguinte configuração:

¹⁹ Optamos por datar as telas apresentadas neste projeto para situar o leitor em relação às mudanças de layout e interface pelas quais o Twitter vem passando.



Figura 7 – Em destaque, seqüência de *tweets* (timeline) visualizados pelo usuário²⁰ (02/03/2012).

Na tela acima, a variedade de temáticas prometida pela tela inicial do site se confirma, por apresentar um ambiente consideravelmente heterogêneo, no qual os usuários protagonizam ações sobre os gêneros.

Cabe ressaltar aqui que uma das especificidades do objeto analisado e do próprio *lôcus* da pesquisa é a volatilidade. Mudanças podem surgir tanto da parte dos usuários quanto dos próprios criadores do site. Tal perspectiva reforça o caráter descritivo deste estudo, cujo intuito não é lançar a última palavra sobre as reelaborações de gêneros no Twitter, mas descrever, por meio da análise sistemática, a dinâmica que até o momento permeia essas práticas.

Do universo composto por todas as postagens da rede social Twitter, selecionamos uma amostra de 195 postagens, coletadas entre setembro de 2010 e dezembro de 2011 e cujos critérios de escolha serão explicitados a seguir.

5.3. Coleta dos dados

O desenho metodológico que se segue foi construído a partir da análise preliminar dos dados, por ocasião do estudo-piloto realizado no primeiro semestre de 2011, na disciplina Tópicos Avançados II – Metodologia para Pesquisa na Internet, cursada

²⁰ Optamos por não ocultar os nomes e os avatares dos usuários cujas postagens foram selecionadas para o *corpus* desta pesquisa, uma vez que todos os perfis envolvidos neste estudo são de domínio público, decisão metodológica também encontrada em outros estudos de redes sociais como Oliveira e Araújo (2011) e Santaella e Lemos (2011).

no PPGL (UFC). Além disso, conforme dissemos anteriormente, o debate empreendido no grupo de pesquisa Hiperged também contribuiu para o rumo que este estudo tem hoje.

A decisão de iniciar nossa análise extraíndo da observação dos dados a teoria de base e o método que contemplariam o fenômeno em questão seguiu os procedimentos sugeridos pela Teoria Fundamentada, cuja ideia principal, nas palavras de Recuero (2011, p. 83), é “justamente, aquela em que a teoria deve emergir dos dados, a partir de sua sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades”. Dessa forma, os procedimentos de construção e análise dos dados, explicitados a seguir, não foram nossa primeira opção de desenho metodológico, mas sim aqueles que se mostraram mais adequados ao objeto delimitado. Ainda nas palavras de Recuero:

A base da TF (Teoria Fundamentada) é, assim, a emergência das variáveis através do processo de coleta dos dados. Essas variáveis são denominadas categorias, conceitos e propriedades e vão emergir do processo contínuo e sistemático de coleta e análise, principalmente através do desenvolvimento da “sensibilidade teórica”. (RECUERO, 2011, p. 89)

Na perspectiva de Fragoso; Recuero e Amaral (2011), a internet pode assumir diferentes papéis dentro da pesquisa, podendo ser o objeto, o local onde a pesquisa se desenvolve, ou, ainda, um instrumento deste estudo, ao abrigar e difundir ferramentas para a geração e coleta de dados. Consideramos essa visão de fulcral importância para o nosso estudo, uma vez que nele a internet figura como local da pesquisa, bem como instrumento de geração e coleta dos dados, conforme veremos.

O período utilizado para a compilação dos dados desta pesquisa compreendeu desde a elaboração do anteprojeto da pesquisa, por ocasião da seleção de mestrado, até o final do primeiro ano do curso. Optamos por trabalhar com uma amostra que compreendesse o intervalo de tempo de, no mínimo, um ano de observação da rede social, para que obtivéssemos uma visão abrangente tanto das práticas efetivadas quanto da evolução destas. O armazenamento das postagens deu-se da seguinte forma: a pesquisadora, a partir de seu próprio perfil no Twitter, marcou como favoritos os *tweets* que preenchiam os critérios de seleção assumidos para este *corpus*. Favoritar uma postagem consiste em adicionar a ela a marca de ‘favorito’, botão disponível em todos os *tweets* e que, uma vez acionado, salva a postagem na coluna ‘Favoritos’, disponível no perfil do usuário que executou esse procedimento. A seguir, o botão ‘Favorito’ e a coluna ‘Favoritos’ no perfil da usuária:

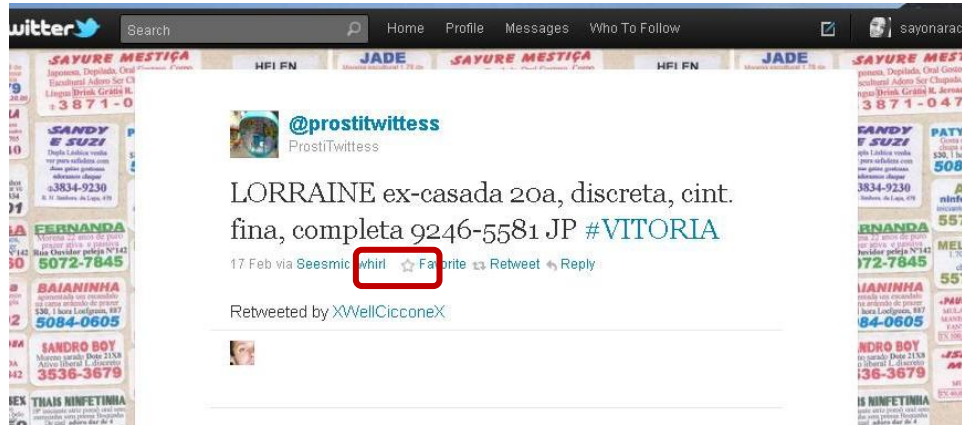


Figura 8 - Botão utilizado para favoritar as postagens selecionadas para o *corpus* (17/02/2011)



Figura 9 - Aba denominada 'Favoritos', na qual foram salvas as postagens selecionadas para o *corpus* (29/02/2012)

Uma vez favoritadas, os *tweets* permaneceram armazenadas na aba 'Favoritos' do perfil da usuária.

Após esse tratamento preliminar, as postagens foram novamente salvas, através do recurso de captura de telas, *print screen*, disponível no computador. As telas foram salvas no formato *JPEG*²¹, armazenadas no disco rígido do computador da pesquisadora, com backup de segurança salvo em outras mídias, como CDs, pendrive e Dropbox²². Ao final da

²¹ JPEG é a sigla utilizada para designar o formato *Joint Photographic Experts Group*, arquivos de computador gerador através da compressão de imagens fotográficas.

²² Dropbox (<https://www.dropbox.com/>) é um site de hospedagem gratuita de arquivos, no qual o usuário ao criar uma conta e dispõe de um espaço de até 2G para armazenamento de dados.

pesquisa, o material coletado passou a fazer parte do banco de dados do grupo Hiperged, estando, dessa forma, disponível para estudos futuros.

As postagens foram selecionadas para o *corpus* da pesquisa obedecendo aos seguintes critérios:

- I. Terem sido escritas em português, o que facilitaria a análise;
- II. Terem sido postadas por usuários cujos perfis fossem públicos, para que fossem respeitadas as recomendações de privacidade da rede social;
- III. Não possuírem imagens, nem vídeo, pois, para o recorte desta pesquisa, optamos por trabalhar com amostras compostas apenas por caracteres escritos.
- IV. Possuírem, em sua constituição, traços perceptíveis de, no mínimo, um gênero discursivo conhecido.

O armazenamento de telas no formato *jpeg* nos permitiu salvar, além do conteúdo da postagem, os índices de propagação do *tweet*, ou seja, seu potencial para a geração de capital social. O armazenamento desses dados contribuiu para a consolidação do primeiro objetivo específico da pesquisa, a saber: analisar o papel da propagação de informações na rede social Twitter e sua influência na sedimentação de padrões genéricos emergentes. O indicador mencionado pode ser observado na parte inferior da tela capturada, conforme mostra a seguir:



Figura 10 – Exemplo do *corpus*: em destaque, índice de propagação do *tweet*

Quanto mais *retweets* o *tweet* recebe, maior o seu alcance dentro da rede social, pois, ao retuitar uma postagem, o usuário reconhece que há nela algo que merece a audiência dos demais.

Da observação criteriosa desses dados, seguindo os procedimentos de análise que serão explicitados a seguir, extraímos ainda as informações referentes ao segundo objetivo desta pesquisa, que buscou identificar que estratégias de manipulação de gêneros são aplicadas pelos usuários do Twitter na constituição das suas postagens.

Para o terceiro objetivo deste estudo, contamos, além das postagens mencionadas acima, com um questionário (APÊNDICE) elaborado no intuito de flagrar a relação entre manipulação de gêneros e propósito comunicativo reconhecido pelos usuários da rede social. As questões propostas giraram em torno do reconhecimento e da motivação do emprego de gêneros distintos em uma mesma postagem.

O questionário foi elaborado por meio do recurso Google Formulários, que permite a inserção de perguntas abertas ou de múltipla escolha em uma página da web, com o formato de um formulário, que pode ser respondido *on-line* e compartilhado com qualquer pessoa, através de links. Divulgamos o link para essas questões no próprio Twitter e ainda no Facebook, outra rede social, ressaltando que apenas os usuários daquela primeira poderiam participar. Nosso intuito foi chegarmos, dessa forma, aos indivíduos em seus contextos de atuação, ou seja, dentro do Twitter. O instrumento de geração de dados permaneceu disponível para ser respondido durante uma semana, na qual foram coletadas 45 respostas. Após esse período, procedemos à análise das respostas obtidas.

A seguir, explicaremos os procedimentos de análise empreendidos sobre os dados coletados e construídos.

3.4. Procedimentos de Análise

Primeiramente, explicaremos que passos foram seguidos no exercício de análise da propagação de informações no interior da rede, em seguida, abordaremos a análise da composição dos *tweets*, por meio da qual observamos como os usuários manipulam gêneros distintos em sua composição e, por fim, observaremos que propósitos comunicativos eram atendidos por essas postagens e qual a sua relação com a dinâmica de funcionamento da rede.

As informações referentes ao primeiro e ao segundo objetivos específicos foram organizadas em uma tabela, cuja configuração tinha por intuito descrever que gêneros estavam presentes na constituição das postagens e comparar os índices de propagação por elas atingido. Ao longo da análise, sentimos ainda a necessidade de observar e de nomear as estratégias linguísticas assumidas pelos atores na manipulação dos padrões genéricos e na constituição dos *tweets*. A seguir, o modelo da tabela utilizada para a organização e análise dos dados referentes a esse momento da pesquisa:

<i>Tweet</i>	Gêneros envolvidos			Intervenção do usuário no gênero	Alcance	Propósito

Tabela 1 – Tabela de análise do comportamento dos gêneros, propósitos e índices de propagação dos *tweets*.

A adoção de uma tabela como forma de organização dos dados surgiu da necessidade de dispormos diferentes informações relacionadas a um mesmo exemplo de maneira que estas pudessem ser consultadas simultaneamente.

Na primeira coluna, informaremos de que exemplar do *corpus* estamos tratando (as telas salvas para este *corpus* foram enumeradas de 1 a 195, com o objetivo de facilitar sua identificação). A coluna seguinte, Gêneros Envolvidos e suas subdivisões, foi pensada no intuito de ajudar-nos a identificar que gêneros foram acionados no processo de manipulação empreendido. Sempre que foram identificados mais de três gêneros, uma nova coluna foi adicionada à direita dessas três. Na coluna Intervenção do Usuário sobre o Gênero, buscamos identificar e nomear padrões de procedimentos de alteração dos gêneros recorrentes em todo o *corpus*. A coluna alcance sumarizou a quantidade de *retweets* atingida por cada postagem e, por fim, a coluna Propósito foi preenchida com os propósitos comunicativos que identificamos como relacionados aos *tweets* analisados.

De posse desses dados, analisamos as relações existentes entre os tipos de intervenções encontrados e os índices de propagação por eles atingidos, quantificando, ainda, quais deles foram mais recorrentes em todo o *corpus*, conforme veremos no primeiro momento da análise. Feito esse panorama numérico dos dados, analisamos em que consistiam os procedimentos de intervenção encontrados, bem como a ausência deles, que denominamos migração. Após observamos como os gêneros eram manipulados e como essa manipulação era recebida pela rede, passamos à análise dos

propósitos comunicativos atendidos por esses artefatos. Nessa etapa, foi possível compararmos os propósitos atendidos pelos *tweets* aos propósitos prototípicos dos gêneros mobilizados em sua origem e perceber até que ponto o propósito original manteve-se depois do labor investido pelos usuários.

Depois desse tratamento analítico das postagens, voltamo-nos para os sujeitos protagonistas desse labor. De posse das respostas dos usuários ao questionário descrito na seção anterior, procuramos identificar que propósitos comunicativos estavam por trás dos *tweets* que eram compostos por intervenções nos gêneros. A ferramenta selecionada para a geração desses dados construiu automaticamente uma tabela, cujo modelo é apresentado a seguir, contendo todas as respostas obtidas.

	A	B	C	D	E	F
1	Indicação de data e hora	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4	Questão 5
2	07/10/2012 23:59:39	Sim	Parece com uma questão de vestibular.	Provocar o riso.	Possivelmente, principalmente quando se trata de textos cômicos. Existe uma tendência nas redes sociais de se fazer rir.	Sim, quando ela tem um fundo humorístico.
3	08/10/2012 12:04:00	Sim	Acho que é de uma música sertaneja. Não tenho certeza.	Criar uma rede de interação que fortaleça o perfil de quem postou. Ou talvez uma tentativa de criar um item top trend.	Acho que sim. Um texto conhecido cria identificação com o leitor. Um tuíte com trechos de música (e outros tipos) pode levar o leitor a identificar ali parte de sua história pessoal. Quando alguém encontra num texto ressonância de vida, sente espontaneamente o desejo de replicá-lo, fazê-lo conhecido.	Não. Não, uso o twitter apenas para obter informação e não para compartilhar.

Figura 11 – Captura de tela da tabela gerada pelo Google Formulários com as respostas dadas pelos usuários ao questionário da pesquisa

O emprego da tabela como forma de organização dos dados foi relevante para nos auxiliar tanto na sistematização, quanto na análise das respostas, pois cada questionário preenchido foi convertido em linha e as questões perguntadas, dispostas em colunas. Essa forma de apresentação facilitou a localização de dados referentes a tópicos específicos. Além disso, por tratar-se de uma planilha do modelo Excel, foi possível salvá-la no modo *offline*, extraindo os dados da plataforma digital.

A interpretação dos dados fornecidos pela ferramenta levou-nos à elucidação de como os usuários recebem e reconhecem as postagens constituídas pela mesclagem de gêneros e que propósitos comunicativos são reconhecidamente associados a elas. A

escolha desse procedimento de análise inspirou-se no modelo aplicado por Araújo (2006), que, ao investigar os propósitos comunicativos relacionados aos diferentes tipos de *chat*, optou por consultar os próprios usuários acerca das motivações que os levavam a utilizar essa ferramenta.

Uma vez obtido o panorama de comportamento dos propósitos comunicativos dos *tweets* analisados e as respostas dadas pelos usuários a esse questionário, empreendemos a comparação dessas informações, no intuito de observar como rede social, gênero e propósito relacionam-se, estabelecendo, dessa forma, um caminho rumo à constatação da existência ou não de reelaboração nessa rede social, bem como as formas pelas quais ela se manifesta.

- 4 -

Seguindo os @dados

Neste capítulo, apresentaremos nossa leitura do conjunto de dados delimitados para esta dissertação com o objetivo de descrever o processo de reelaboração de gêneros no Twitter. Ajustamos nossa lupa a partir do casamento entre o referencial teórico descrito e as decisões metodológicas tomadas, os quais julgamos pertinentes para elucidar como a dinâmica de funcionamento dessa rede social influencia a criação e propagação de demandas enunciativas, que inspiram a manipulação de padrões genéricos, como os usuários manipulam esses padrões e, por fim, que propósitos comunicativos estão relacionados às postagens criadas a partir desse esquema.

Conforme explicitamos anteriormente, as redes sociais na internet são sistemas que possibilitam a formação de laços sociais entre os usuários, uma premissa que, embora, à primeira vista, pareça simples, abre um leque de infinitas possibilidades de apropriação e reorganização, características dos sistemas complexos (HOLLAND, 1995). O estabelecimento e a manutenção desses laços ocorrem, basicamente, mediante a linguagem, que aqui assume *status* de meio pelo qual as ações dos indivíduos tomam forma. Todo esse cenário instável e maleável propicia a proliferação de fenômenos de linguagem singularizados, tanto pela dinâmica de funcionamento desses sistemas, quanto pelas peculiaridades das interações *on-line*, tais como a ressignificação de tempo, de espaço e lugar.

Em nossa análise, buscamos, a partir da observação minuciosa de um *corpus* composto por 195 postagens, compreender como os usuários protagonizam processos de reelaboração de gêneros na rede social Twitter. Nossa observação buscou apreender e descrever ações que foram executadas pelos atores sociais, como sujeitos de linguagem, no intuito de criar ou inovar, em suas interações, com o restante da rede social.

Assim como nas esferas da comunicação humana *off-line*, a comunicação no interior de uma RSI é organizada e efetivada por meio de gêneros. No contexto do Twitter, a postagem prototípica empregada pelos usuários em suas interações chama-se *tweet* e possui a peculiaridade de ser limitada a apenas 140 caracteres. Foi nesse espaço diminuto que fomos buscar o material necessário para a análise que aqui empreenderemos. A princípio, podendo ser tomados como uma limitação, os 140 caracteres do Twitter terminam por instigar a criatividade dos usuários, inspirando nestes o desenvolvimento de

novas formas de dar sentido aos seus enunciados e visibilidade às suas interações. Voltados para esse objetivo, os sujeitos manipuladores da linguagem forjam diferentes caminhos para elaborar seus enunciados, caminhos que vão desde a intervenção na forma dos gêneros mobilizados, passando por alterações no sentido desses textos e, ainda, a alterações do teor informacional de enunciados já definidos²³. De posse de todos esses recursos, o usuário é capaz de, conscientemente, manipular os gêneros a seu favor, dando origem a enunciados complexos e plurais. Neste processo esmerado de ação do sujeito sobre a linguagem, identificamos o labor, apontado por Bakhtin (2011), como inerente aos processos de reelaboração de gêneros.

Tanto a perspectiva qualitativa, quanto os procedimentos quantitativos foram trazidos para esse exercício interpretativo no intuito de contemplar os aspectos delimitados neste objeto de pesquisa. O viés qualitativo da análise permitiu-nos identificar, a partir da leitura do *corpus*, que ações são praticadas pelos sujeitos durante a criação de suas postagens; enquanto os procedimentos quantitativos, por sua vez, possibilitaram-nos observar a incidência de cada uma dessas ações no *corpus*, dando-nos um panorama numérico dessas ocorrências e, também, dos índices de repercussão atingidos pelos *tweets* analisados.

Propriedade inerente à composição das redes sociais, o capital social motiva e valida interações tanto individuais quanto coletivas desenvolvidas neste ambiente. Funcionando como um valor que pode ser alcançado pelos indivíduos isoladamente, ainda que, em contextos específicos, usufruído pela rede inteira, o capital social atua como moeda de troca, força propulsora das interações ali estabelecidas. Sendo este um conceito abstrato e primordialmente simbólico (BOURDIEU, 1980), localizá-lo dentro de uma RSI e assumi-lo como argumento da análise aqui empreendida exigiu, de nossa parte, a operacionalização desse valor, convenção estabelecida no intuito de encontrar uma forma mensurável de sua materialização. Optamos pela adoção de uma categoria de análise prioritariamente inerente aos estudos de redes sociais, no intuito de trazer para a nossa pesquisa argumentos que nos permitam explicar, minimamente, como as peculiaridades das RSI fazem-se presentes e influentes nos processos de interação e, conseqüentemente, de manipulação da linguagem ali ambientados. Nessa linha, adotamos a perspectiva metodológica de Recuero e Zago (2010), que assumem a quantidade de *retweets* atingida por uma postagem como índice de verificação do capital social angariado por ela.

²³ Essas categorias serão esmiuçadas mais adiante.

Dessa forma, nossa análise exigiu a compilação do número de *retweets* de cada uma das postagens, dados que, ao serem cruzados com os mecanismos de criação desses enunciados, empregados pelos usuários e brevemente descritos acima, revelaram diferentes valores. Essa mensuração permitiu-nos, também, constatar que a simples migração de gêneros de domínios discursivos, standardizados do meio *off-line* para dentro do Twitter, não garante retorno significativo de capital social. Por outro lado, observamos que, quanto mais laborioso o trabalho de criação de uma postagem e quanto mais mecanismos de criação mobilizados, maior o índice de *retweets* e, conseqüentemente, de capital social alcançado. Esses e outros aspectos mais gerais seguem explicitados abaixo.

4.1 Incursão inicial

Para compreendermos a dinâmica que rege a criação e difusão de postagens no interior do Twitter, foi necessário um exercício de análise que nos proporcionasse uma visão panorâmica do comportamento dos *tweets*, considerando, especialmente, os índices de capital social alcançados por essas postagens, os processos de mesclagem de gêneros envolvidos nestas criações e os propósitos comunicativos materializados por estes gêneros emergentes. Em função dessa necessidade, concebemos a tabela de análise apresentada na metodologia deste trabalho. A seguir, apresentaremos o panorama geral dos dados compilados neste instrumento e os caminhos que a sua interpretação trilhou para a linha de raciocínio seguida nesta dissertação. Empreendemos este exercício inicial no intuito de quantificar e sumarizar os achados para, em seguida, determo-nos, mais minuciosamente, em cada um dos objetivos específicos deste trabalho.

4.1.1 No contexto das redes sociais

Embora este seja um trabalho inserido na seara dos estudos linguísticos, para uma melhor compreensão do fenômeno analisado, optamos por importar, da Análise de Redes Sociais (ARS), categorias e conceitos que, aliados à análise de gêneros, permitiram-nos descrever, com maior precisão, os comportamentos tanto dos usuários do Twitter, quanto dos gêneros emergentes por eles delineados.

Inserido nesta perspectiva transdisciplinar, o capital social, conceito cunhado na Sociologia e apropriado pela ARS, emerge como valor que perpassa todas as ações dos usuários dentro das RSI e cuja observação faz-se imprescindível, para que possamos compreender que dinâmica está por trás das ações desses mesmos usuários como sujeitos de linguagem, capazes de gerar, mobilizar e reconhecer diferentes padrões genéricos na composição dos *tweets*.

Por tratar-se de uma RSI, composta por atores sociais, suas conexões e seus valores, o Twitter tem sua dinâmica de funcionamento orquestrada em função do acúmulo de capital social, fato que pode ser constatado se observarmos a exibição, nas telas do site, da quantificação dos índices de propagação das postagens e do número de conexões que os atores possuem. A partir desta constatação, optamos por observar os dados que compõem o *corpus* em função do seu potencial de geração de capital social, dessa forma, foi possível verificar que tipo de ação do usuário, sobre os gêneros mobilizados na constituição do *tweet*, era mais frutífero no que diz respeito à conquista e ao acúmulo desse bem simbólico.

Partindo dessa perspectiva de análise, observamos que, entre os *tweets* que compunham o *corpus*, alguns apresentavam índices elevados de propagação, enquanto outros praticamente não alcançaram nenhuma repercussão na rede. Ao submetermos este fenômeno à lupa da análise de gêneros, constatamos que, por um lado, as postagens cujos números de *retweets* eram maiores, apresentavam algum tipo de investimento por parte do usuário, por vezes, alterando o sentido de um enunciado popularmente conhecido, articulando diferentes padrões genéricos, mobilizando modos semióticos, que não apenas a escrita, para compor seus textos, ou ainda, valendo-se das ferramentas de interação oferecidas pelo próprio Twitter. Por outro lado, além dessas constatações, observamos também a ocorrência de postagens que não traziam marcas visíveis da ação de seus autores, sendo constituídas, basicamente, por migrações de padrões genéricos estandardizados em diferentes esferas da comunicação. Essa correspondência vai ao encontro de uma das hipóteses básicas deste trabalho, a de que o labor que o usuário

emprega na criação de suas postagens está intimamente relacionado à propagação que esse construto alcança na rede.

Optamos por nomear como ‘intervenção’ o grupo de *tweets* nos quais foi evidente a atuação do usuário e como ‘migração’, aquele no qual não foram detectados indícios que denunciassem esforço no sentido de criar ou alterar algo já existente. Abaixo, apresentamos o gráfico que retrata a porcentagem de ocorrências desses dois processos:



Gráfico 1 – Ações dos usuários sobre os gêneros na constituição dos *tweets*

Tendo a categoria das intervenções como norte, constatamos que, do grupo de postagens analisadas, a porcentagem de 65%, que corresponde a 126 ocorrências, apresentava indícios de intervenções, compreendidas aqui como manipulação de padrões genéricos por parte dos usuários, dando origem a enunciados com forma ou sentido distintos daqueles percebidos nos gêneros que lhes deram origem. Em contrapartida, 35% dos *tweets* observados, ou seja, 69 postagens, não apresentaram indícios de intervenções, sendo constituídos pela migração, para dentro da rede social, de gêneros estandardizados em diferentes esferas, submetidos apenas a adequações referentes à limitação de caracteres inerente ao Twitter. A seguir, um exemplo de como a migração ocorre:



Figura 12 - Exemplo de migração

A migração de gêneros empreendida pelos usuários do Twitter configura-se como uma forma econômica de reproduzir, nessa rede social, enunciados relativamente estáveis, prioritariamente praticados em outras esferas de atuação. Ao agir dessa forma, o sujeito esquiva-se do protagonismo exigido por este contexto, deixando, de certa forma, de investir em sua própria rede social²⁴.

Por tratar-se de um sistema complexo (HOLLAND, 1995), a rede social possui sua dinâmica de funcionamento e organização erguida sobre esquemas e valores peculiares a ela própria. Um desses elementos é exatamente o alcance que uma determinada interação é capaz de atingir. Quanto mais indivíduos atingidos por uma ação, maior o êxito dela. Ambientadas nesse entorno, as ações de linguagem dos usuários do Twitter também estão expostas a essa dinâmica. Quando observada por esse prisma, a migração pode ser percebida como um mecanismo de enunciação que não gera retorno para o usuário, fato que pôde ser percebido em nossa análise, ao constatarmos que as postagens constituídas por migração não atingiram níveis expressivos de propagação, ou seja, não contribuíram para o acúmulo de capital social do indivíduo que as gerou.

A maior incidência de postagens com indícios de intervenção leva-nos a refletir acerca da motivação dos sujeitos ao praticarem-nas. Uma vez inseridos na rede social, os atores passam a agir em função dos valores que a regulam, neste caso, o acúmulo e manutenção de capital social. Consideramos que a manipulação de gêneros, seja por meio da mescla, seja por meio de outras intervenções, constitui-se como uma estratégia de

²⁴ Recuero (2009) dá duas acepções para o termo rede social: ela pode ser tanto o site que serve de plataforma para o estabelecimento dessas relações, quanto a rede de contatos que se organiza em torno de um ator social.

autopromoção dos usuários, que se tornam duplamente protagonistas: primeiramente, ao arquitetarem um plano de atuação dentro desse ambiente social digital, e, em segundo lugar, ao manipularem a linguagem em função desse objetivo.

Devido à mobilização que demanda, à sua expressiva ocorrência e à riqueza de produtos gerados, iremos focar, a seguir, as intervenções empreendidas pelos usuários do Twitter, sobre os gêneros discursivos, apresentando um panorama geral da sua frequência no universo estudado.

4.1.2 Incidência da intervenção

Ao nos voltarmos para a ação do usuário sobre a linguagem, no intuito de gerar para si capital social dentro da rede, observamos diferentes caminhos pelos quais esse objetivo foi alcançado. A propagação do enunciado criado, representada aqui pelo número de *retweets* atingidos, atesta se a estratégia escolhida obteve êxito. Foi por meio desses indicadores que chegamos aos diferentes caminhos que levam à intervenção dos usuários sobre os gêneros no Twitter que, por sua vez, compreendemos como um passo rumo à reelaboração. Embora a maior parte das ocorrências analisadas diga respeito à mescla de diferentes padrões genéricos, em nosso exercício de análise, deparamo-nos também com intervenções de outras naturezas. No gráfico a seguir, comparamos a incidência das mesclas de gêneros a outras formas de intervenção dos usuários que tinham o intuito de sofisticarem suas postagens.

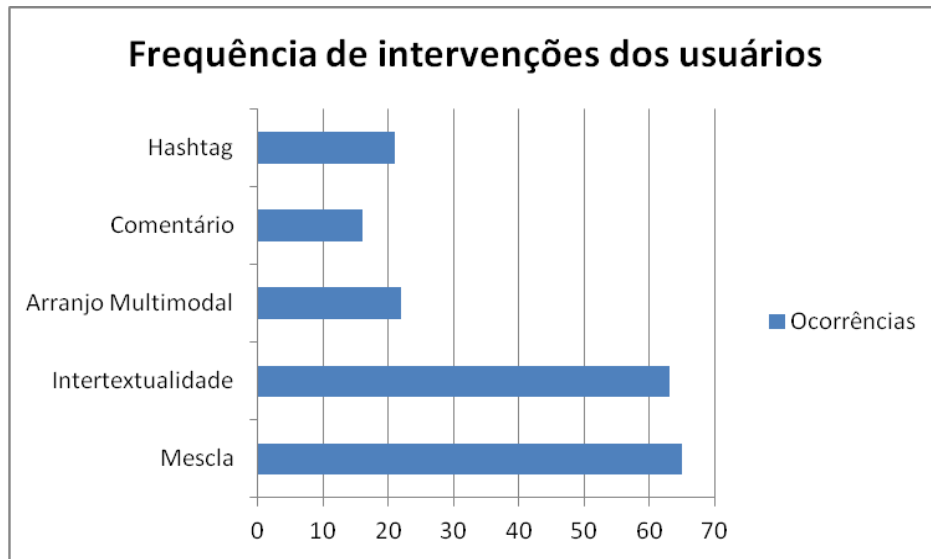


Gráfico 2 – Intervenções dos usuários: tipos e frequência

Nas 126 postagens que apontavam para indícios de reelaboração de gêneros, identificamos diferentes estratégias de intervenção mobilizadas pelos atores da rede social. A maior incidência, conforme mostra o gráfico acima, foi da mesclagem de gêneros, seguida dos mecanismos intertextuais de construção do sentido. Os índices de aparição dessas intervenções foram:

- 65 ocorrências de mesclagem de gêneros;
- 63 mobilizações de mecanismos intertextuais;
- 22 arranjos multimodais;
- 16 comentários adicionados a *tweets* já existentes e
- 21 empregos de *hashtags*.

Embora todos esses caminhos apontem para o mesmo objetivo, a captação de capital social, observamos aqui a saliência de um fenômeno que merece um olhar mais aguçado, uma vez que a prática constante da mescla de gêneros, aliada à propagação dos produtos desse processo, pode sinalizar para uma relativa estabilidade desses novos enunciados; o que nos leva a considerar a possibilidade de estarmos diante do processo formador de gêneros emergentes no contexto dessa rede social, por meio da reelaboração.

É necessário alertar o leitor para o fato de que o emprego de qualquer uma dessas intervenções do usuário não invalida a possibilidade da ocorrência de mesclas, sendo inclusive comum, no *corpus* analisado, a co-ocorrência de mais de um desses processos, o que torna o enunciado mais rico. Esse dado muito tem a dizer acerca do investimento do usuário na busca por capital social, uma vez que assumimos que todas essas intervenções têm por objetivo dar visibilidade ao indivíduo dentro do Twitter. A seguir, observamos um exemplo de como as diferentes formas de intervenção podem ser mobilizadas e que resultados esse arranjo é capaz de gerar.

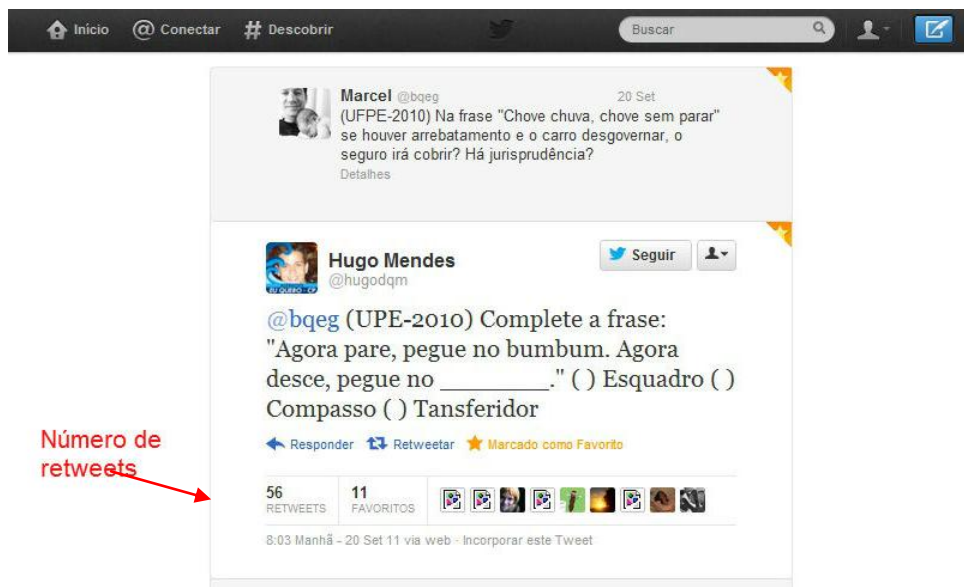


Figura 13: Exemplo da co-ocorrência de diferentes tipos de intervenção do usuário sobre a postagem.

A postagem acima foi construída no intuito de provocar o riso, constituindo-se como uma variação da piada, porém os padrões genéricos contemplados em sua composição remetem à questão de vestibular, à letra de música e ao teste *cloze*, caracterizado pela presença de lacunas cujo preenchimento compete ao leitor. Além da mescla de todos esses padrões, o usuário se preocupou, ainda, em fornecer opções de resposta que brincam com o sentido original da letra de uma canção²⁵, promovendo um *détournement*, que consiste em produzir um enunciado que possui as marcas de uma frase feita (identificada aqui como a letra da música) para, ao levar o interlocutor a ativar o enunciado original, divertir, ironizar, produzindo humor. É o que acontece quando

²⁵ Pega no Bum Bum, do grupo É o Tchan.

encontramos as palavras “esquadro” e “transferidor” entre as opções que completariam a questão.

Para fortalecer a aproximação do enunciado construído com uma questão de vestibular com múltiplas opções de resposta, o usuário preocupou-se, também, em construir as lacunas e providenciar os espaços para a múltipla escolha, embora saibamos que o objetivo por trás deste arranjo não é, de fato, coletar respostas e sim, alcançar visibilidade através do seu caráter pretensamente criativo e humorístico. Para a criação desses elementos, o usuário mobilizou traços e parênteses, sinais tipográficos cuja apelação imagética construída contribui para o fortalecimento da ideia de que esta postagem deveria parecer com uma questão de prova de vestibular. A mobilização de outras semioses, além da escrita, no intuito de aproximar a construção do usuário ao padrão genérico almejado é, a nosso ver, uma forma de intervenção do sujeito de linguagem sobre o gênero já existente, acrescentando a este traços de seu protagonismo, o que pode ser identificado como um passo rumo à reelaboração do gênero em questão (a piada).

Ainda referente à postagem acima, podemos destacar o emprego da ferramenta *mention*, percebido quando o autor inicia seu *tweet* com @ mais o nome de outro ator da rede social, ação que automaticamente cria uma conexão entre esse *tweet* e um *tweet* já existente, diante do qual a postagem em questão se situa como resposta e que é mostrado no topo da imagem. Esse tipo de conexão é utilizado, geralmente, para sinalizar a relação entre duas postagens ou para estabelecer conversação entre os usuários. No exemplo acima, percebemos que o recurso foi mobilizado no intuito de sinalizar a reprodução de um modelo de postagem pré-existente. É em ações como essa que podemos flagrar a propagação, e conseqüente sedimentação, de arranjos genéricos forjados ou não no interior da rede social.

Podemos perceber, a partir do exemplo analisado, que a co-ocorrência de diferentes tipos de intervenções dos usuários sobre os *tweets* não só são possíveis como também são amplamente praticadas e difundidas, conforme atesta o índice de 56 *retweets* na propagação, atingido pelo exemplo ilustrado pela figura 13, acima. Essa constatação direciona-nos para o primeiro objetivo específico deste estudo, que visa a analisar a influência do capital social nos processos de reelaboração de gêneros empreendidos no interior do Twitter.

Conforme o exposto, empreendemos uma incursão inicial pelos dados da pesquisa, no intuito de, a partir do panorama numérico dessas informações, familiarizar o leitor às categorias que serão esmiuçadas a seguir. Nesse exercício, buscamos mostrar, através das quantificações, o comportamento dos usuários do Twitter no que diz respeito ao trato com padrões genéricos mobilizados para a constituição de suas postagens, bem como as estratégias empregadas nesse labor. A seguir, discutiremos como o estatuto de rede social influencia a sedimentação desses padrões genéricos, para, em seguida, empreendermos a análise desses padrões e suas estratégias constituintes. Por fim, analisaremos que propósitos comunicativos estão associados aos produtos dessa dinâmica. Ao final desses passos, esperamos ser capazes de descrever como se dá o processo de reelaboração de gêneros no interior do Twitter.

4.2 Propagação de informações e sedimentação de padrões genéricos

O estatuto de rede social adquirido pelo Twitter remete diretamente a características apresentadas por esse site, algumas delas, de natureza técnica, outras, mais abstratas, forjadas pelo uso. Conforme foi apresentado no referencial teórico, é reconhecido como rede social o site que permite a construção de um perfil identitário, que possibilita a criação, a manutenção e a publicização dos laços estabelecidos entre o ator centro dessa rede e os demais com os quais interage (RECUERO, 2009). Neste momento da análise, nosso foco recairá, especificamente, sobre a quantificação dessas interações.

Ao estabelecermos como primeiro objetivo específico deste trabalho **analisar o papel da propagação de informações na rede social Twitter e sua influência na sedimentação de padrões genéricos emergentes**, optamos por considerar o conteúdo das mensagens postadas e a quantidade de *retweets* como dados que nos orientarão tanto quanto à presença de capital social na rede, como quanto à dinâmica de propagação das informações em seu interior. Adentramos nesse objetivo com a hipótese de que **a dinâmica de funcionamento das redes sociais envolve valores específicos, como o capital social, que, almejado pelos atores sociais, inspira ações com a linguagem no intuito de alcançar visibilidade dentro desse sistema**. Ao final desse exercício de análise, esperamos estar aptos a responder à seguinte pergunta: **Como o estatuto de rede social contribui para a**

emergência e propagação de demandas enunciativas que culminam na reelaboração de gêneros?

4.2.1. *Retweets* e Capital Social

Detectar a presença de um valor simbólico como o capital social não é tarefa simples, porém, imprescindível, para a compreensão da dinâmica que está por trás da ação de postar algo em uma rede social. No Twitter, especialmente, o estatuto de rede social e a presença do capital social foram se concretizando ao longo do tempo, uma vez que o site nasceu com uma proposta bem diferente da que tem hoje, pois visava a ser um microblog, que receberia atualizações via SMS. Apenas com o passar do tempo, é que funções como o *retweet*, para propagar informações já postadas; e a utilização de *tags*, para etiquetar assuntos específicos transformando-os em links, foram popularizadas e apropriadas pelos usuários, no interior da ferramenta, para, em seguida, serem incorporadas às funcionalidades do próprio site²⁶. Nota-se aqui uma contribuição coletiva dos usuários no intuito de aprimorarem a utilização da rede social, esforço que termina por inspirar mudanças na arquitetura do site, como a criação de botões específicos e a atualização do layout. Nas figuras a seguir, podemos observar a transformação efetuada na homepage do Twitter nos últimos seis anos.

²⁶ A função *retweet* foi oficialmente incorporada pelo site em 2009 (SANTAELLA & LEMOS, 2011). Já a hashtag, possui existência anterior à criação do Twitter, tendo sido originada com o IRC (Internet Relay Chat), em 1988. Embora o Twitter, desde a sua criação, em 2006, já oferecesse o recurso da criação de tags, estas obtiveram uma popularização gradativa, consolidando-se por volta do segundo ano de existência dessa rede social. (Disponível em (http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet_Relay_Chat) Acesso em 01 nov. 2012)



Figura 14 - Homepage do Twitter no ano de sua criação, 2006.

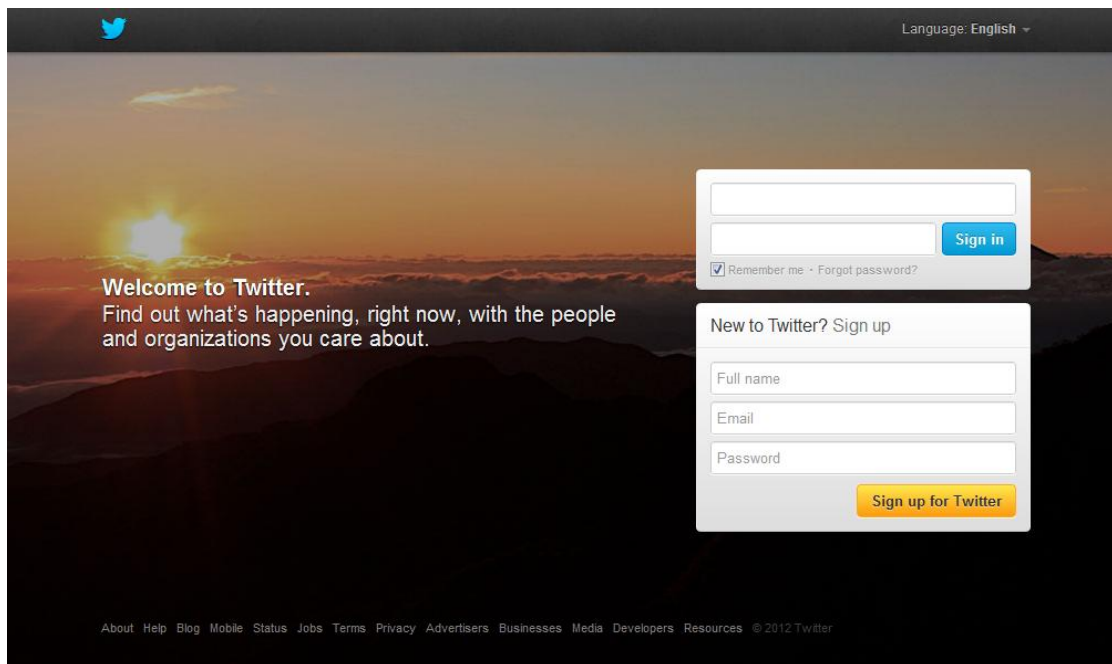


Figura 15 - Homepage do Twitter em 2012.

A princípio, existia a concentração de informações no intuito de familiarizar o usuário à dinâmica de funcionamento do site; em 2012, o Twitter, já consolidado, apresenta um layout mais compacto com destaque para a oferta de informações instantâneas sobre temas específicos. Essa alteração é reflexo da evolução interna da rede social, cuja frequência e temática das mensagens postadas suscitaram a mudança da pergunta título do site de “*What are you doing?*”²⁷ para “*What’s happening?*”²⁸.

O mesmo ocorreu com a natureza dos laços estabelecidos entre os atores presentes nessa rede social. A princípio, com foco exclusivo nas mensagens, em detrimento das conexões entre os atores, o Twitter acompanhou a gradativa complexificação das relações entre seus usuários. Com o tempo, dizer ao site o que estava acontecendo passou a não ser mais suficiente, era necessário dizer isso a alguém. As postagens passaram a ter destinatário e assunto, avanços que se refletem na popularização das ferramentas *mention* e *hashtag*. Com a possibilidade de uma comunicação mais organizada e efetiva. As relações entre os atores também se fortaleceram, passando de laços fracos, sustentados por conexões como o *retweet*, a laços mais fortes, estabelecidos pela relação seguidor x seguido, e pela conversação mantida entre esses indivíduos.

Uma vez complexificado o cenário, surgem valores igualmente sofisticados e inerentes à dinâmica das redes sociais, sendo o principal deles o capital social, que, conforme dito anteriormente, pertencia, a princípio, à seara dos estudos da Sociologia, sendo, posteriormente, adotado pela Análise de Redes Sociais. À medida que era confrontado com diferentes objetos de estudo, o conceito, cunhado inicialmente por Bourdieu (1980), seguiu em processo de atualização, até chegar ao significado que assume hoje, definido por Recuero (2009, p. 50), como “um conjunto de recursos de um determinado grupo, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade”. O capital social compreende dois níveis (BERTOLINI; BRAVO, 2001), no primeiro, situam-se as relações (relacional), as normas (normativo) e o conhecimento (cognitivo), enquanto, no segundo, estão a confiança no ambiente e a presença de instituições.

Interessa-nos, para os fins desta análise, o primeiro nível desse valor, pois as categorias que o compõem são comuns em redes nas quais as interações se dão entre indivíduos, numa perspectiva micro; enquanto as do segundo nível estão presentes em

²⁷ O que você está fazendo?

²⁸ O que está acontecendo?

redes maiores, compostas por grupos e comunidades, sendo necessário, para o surgimento do capital social de segundo nível, que, antes, nessa mesma rede social, tenha sido desenvolvido o nível anterior. Em nosso exercício analítico, deter-nos-emos na investigação do primeiro nível desse valor, uma vez que o Twitter ainda não oferece, legitimamente, condições para o desenvolvimento do estágio seguinte²⁹.

O fato de se tratar de um bem coletivo que também pode ser individualmente produzido e usufruído permite que o capital social circule pela rede e seja percebido na forma das conexões e no conteúdo das postagens. Construído individualmente, ou seja, fruto de reflexões e vivências de indivíduos isolados, o capital social torna-se coletivamente acessível, ao ser materializado na forma de pensamentos, valores e diretrizes, que são propagados ao longo da rede, sendo geralmente mobilizados no intuito de regular a interação no Twitter. Essas diretrizes compreendem desde os tipos de relações entre os indivíduos, passando pelas normas referentes à forma como se espera que essas relações sejam estabelecidas e culminam no compartilhamento de conhecimentos construídos pelos usuários e usufruídos seja individual, seja coletivamente. São temáticas associadas, respectivamente, ao capital social relacional, normativo e cognitivo, conforme veremos mais adiante.

A seguir, apresentamos *tweets* nos quais é possível flagrar a presença desses valores:



Figura 16 - Exemplo 1 de capital social relacional

²⁹ Diz-se não legitimamente devido a não existência, no próprio site, de espaços e recursos destinados à criação e à manutenção de comunidades ou grupos de usuários reunidos em função de um objetivo comum, como aconteceu no Orkut através das comunidades, e no Facebook, com os grupos.



Figura 17 – Exemplo 2 de capital social relacional

Nos *tweets* acima, vemos descritos dois aspectos das relações possíveis entre os usuários da rede. No primeiro, ao dizer que o indivíduo não deve permitir que o medo do *unfollow* o impeça de tuitar, o autor deixa transparecer o valor positivo atribuído ao acúmulo de seguidores, que tem como contrapartida a necessidade da manutenção dessa audiência e, conseqüentemente, o medo da perda desse público. Perder a conexão com outro ator da rede aparece aqui como uma ação negativa, capaz de causar medo e minar a espontaneidade daquele que escreve, forçando-o a policiar-se para evitar a perda de seguidores. Porém, ao mesmo tempo em que relata a censura subentendida, o autor também incentiva a ação de postar, independentemente do medo que a possibilidade de quebra de conexão possa causar. A necessidade de falar suplanta o receio da quebra dos laços.

Já a segunda postagem traz, de maneira objetiva, a suposta equivalência entre popularidade e número de *retweets*. O conhecimento de informações como essa contribui para a padronização da produção e pode ajudar o sujeito a direcionar suas ações na rede, em função do alcance de índices pré-definidos e coletivamente aceitos de popularidade.

Ambas as postagens apresentadas trazem, materializados, indícios da existência de capital social relacional, que, por ser de primeiro nível (BERTOLINI; BRAVO, 2001) atua sobre os atores individualmente, sendo, entretanto, coletivamente difundido e apropriado.

Nos exemplos seguintes, detectamos a presença de outro tipo de capital social, cognitivo.



Figura 18 - Exemplo 1 de capital social normativo

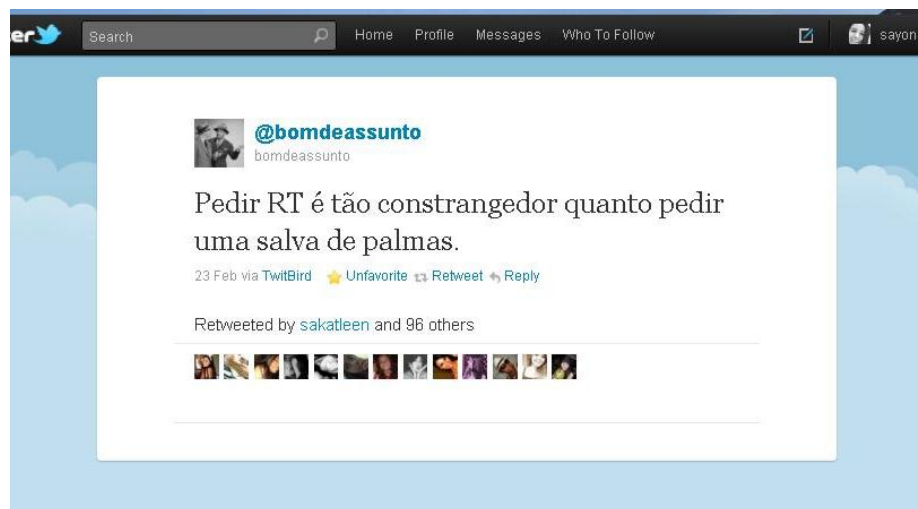


Figura 19 - Exemplo 2 de capital social normativo

Semelhante ao relacional, o capital social normativo é forjado nas interações individuais e, uma vez estabilizado, tem seu alcance ampliado, sendo, então, difundido por toda a rede em prol do bem coletivo. Na figura 18, temos uma explicação acerca de qual seria a natureza do Twitter, seguida da indicação de como se deve agir em função desse status assumido pelo site. Ao dizer 'trate-as de igual pra igual', a usuária expõe uma das

normas que regem a tônica das relações interpessoais no interior do site. Além disso, ao iniciar seu texto com a *hashtag* #telecursotwitter, remetendo a um programa educativo exibido na TV aberta, confere ao texto um caráter didático proposital que também converge para a aceitação e o compartilhamento deste conteúdo, fortalecendo o status de norma. Diante dessa afirmação, é provável nos questionarmos, num primeiro momento, acerca de quais garantias temos de que o enunciado postado, no exemplo acima, possui o viés coletivo inerente ao capital social. Em resposta a essa possível pergunta, chamamos a atenção para a quantidade de *retweets* atingidos por este *tweet*, fato que comprova que outros usuários concordaram com a mensagem do texto, chegando, inclusive, a divulgá-la para as suas próprias redes sociais. Da mesma forma, a figura seguinte se refere ao hábito negativo de pedir *retweet* (doravante, RT) que, segundo o usuário e as outras 97 pessoas que repassaram a postagem, é uma ação tão constrangedora quanto pedir uma salva de palmas.

Nessas duas postagens, e nas demais que seguem o mesmo raciocínio, observamos um esforço no sentido de dar à rede regras que padronizem as relações nela ambientadas. Não estaríamos diante de uma manifestação legítima de capital social se as diretrizes criadas pelos usuários não fossem validadas e difundidas pela rede. Nesse aspecto, evidencia-se a importância dessa dualidade entre individual e coletivo, presente na formulação e no compartilhamento das normas que regem a interação no Twitter, configurando-se como uma manifestação do capital social normativo, outro dos três tipos de capital social de primeiro nível, conforme explicitamos anteriormente.

A seguir, deter-nos-emos no capital social do tipo cognitivo. Antes, trazemos alguns exemplos nas figuras 20 e 21:



Figura 20 - Exemplo 1 de capital social cognitivo



Figura 21 - Exemplo 2 de capital social cognitivo

Os *tweets* explicitados estão relacionados à criação e ao compartilhamento de conhecimentos na rede. No primeiro exemplo, é possível flagrar, a partir do texto do ator, a existência de expectativa e confiança na opinião de um grupo chamado por ele de 'usuários do Twitter'. O indivíduo recorre a esse grupo solicitando posicionamento diante de uma dúvida por ele apresentada, fato que revela a demanda de uma padronização de conhecimentos além da existência de um grupo responsável por saná-la. Já o segundo exemplo 21, propõe-se a mostrar seis tipos de *tweets* que, postados, são capazes de

garantir sucesso a seus autores. Embora a inserção da *hashtag* “#euri” antecipe o caráter cômico do conteúdo, as ações tanto de produzir quanto de compartilhar o tópico apontam para a produção e difusão de conhecimento no interior da rede, mesmo quando o conteúdo alvo está localizado em outro site e representado no Twitter através de links.

Ainda no segundo exemplo, ressaltamos a menção feita a ‘tipos de *tweets*’, apresentados pela autora como caminho para tornar-se um ‘guru’ do Twitter. Evidências como essa apontam para a existência de um padrão de postagens, mobilizado em função do sucesso de seus autores, que, ao produzi-las, obteriam maior representatividade na rede social.

Entre os três tipos de capital social de primeiro nível, o cognitivo é o que nos parece mais fortemente relacionado à criação, ao compartilhamento e à sedimentação de determinados padrões genéricos, pois, uma vez percebida a boa recepção de uma postagem, é comum que seu modelo seja propagado e imitado, no intuito de colocar seus produtores em evidência.

Os dados explicitados nesse ponto da análise nos revelam que nem tudo é caótico e imprevisível no interior da rede social e, que existem valores intrínsecos às ações ali praticadas. Consideramos que é, a partir desses valores, que as práticas de linguagem vão sendo direcionadas, muitas delas convergindo para o mesmo objetivo e valendo-se da mesma estratégia. Esse impulso constitutivo gera demandas enunciativas que são repetidamente atendidas e propagadas, dando à rede aspectos relativamente estáveis, cuja reincidência pode ser flagrada na quantidade de *retweets* que as postagens originadas dessa dinâmica alcançam.

Elucidada a influência do capital social na criação de demandas enunciativas e padrões de postagens correspondentes, deter-nos-emos no tópico seguinte, nos mecanismos que propiciam a sedimentação desses modelos, para os fins desse trabalho, representados pelo *retweet*.

4.2.2 Retweets e Sedimentação de Padrões

A função 'retweet' foi oficialmente incorporada ao Twitter em março de 2009, após ter sido desenvolvida e popularizada pelos próprios usuários, passou, então, a fazer parte da arquitetura do site. A exemplo dos mecanismos de *mention* e das *hashtags*, o RT começou como uma forma que os donos dos perfis encontraram para passarem adiante informações que julgassem, por algum motivo, relevantes. A princípio, o RT foi padronizado da seguinte forma: sigla RT mais o nome do autor da postagem que se deseja repassar mais o conteúdo da postagem, podendo haver, antes ou após esse arranjo, por parte do usuário que o estava propagando, algum comentário sobre aquele conteúdo.

Devido à reincidência e à popularização da prática, o site incorporou à sua interface o botão de 'retweet', por meio do qual os usuários poderiam repassar postagens que julgassem relevantes, com apenas um clique e sem a necessidade de adicionarem siglas, copiarem conteúdos ou mencionarem manualmente os autores. O *tweet* retuitado aparecia para a rede social do usuário com a marcação 'retweetado por mais o nome do autor do RT':

Nas figuras que se seguem, mostramos alguns exemplos desse fenômeno, que discutiremos logo depois.



Figura 22 - Retweet manual, composto por sigla RT + nome do autor da postagem que se deseja repassar + conteúdo da postagem.



Figura 23 - Retweet automático aparecendo na *timeline* do leitor

Com o passar do tempo, percebeu-se que, quanto mais vezes era *retweetada* uma postagem, maiores as chances de ela ser vista por outros atores e esses estabelecerem conexões com o autor do texto original. Começou-se a associar *RT* a sucesso e a audiência em potencial, à frequência que os posts eram reproduzidos. Diante desse panorama, o próprio site assimilou a quantidade de *RTs* como um valor relevante dentro do sistema, disponibilizando, por conta disso, um espaço, no próprio *tweet*, para a contagem do número de vezes que a postagem havia sido repassada, conforme evidencia a imagem a seguir:



Figura 24 - Reflexão – RT como medidor de sucesso na rede social (contagem de *retweets*)

Antes de passar a fazer parte da arquitetura do site, a assimilação do número de RT como medidor do sucesso de uma determinada postagem foi difundida e apropriada coletivamente pela rede social; processo que só foi possível devido à incidência do capital social cognitivo intrínseco a esse ambiente, conforme discutimos anteriormente. Como é natural ao capital social cognitivo, o conhecimento foi gerado, difundido e aprimorado em função do benefício coletivo, a ponto de usuários mais atentos perceberem por conta própria a dinâmica de valores que estava por trás das ações envolvendo o RT. O conteúdo do *tweet* acima é um exemplo disso, pois temos o usuário constatando que, em função do desejo de medir o sucesso atingido através do número de RT, os atores abdicaram ao uso do RT manual e adotaram o recurso automático oferecido pelo site e cujos índices de propagação poderiam ser medidos.

Esse valor atribuído ao RT como medidor de sucesso e o conseqüente esforço dos usuários em função de alcançá-lo foram aspectos por nós considerados, ao estabelecermos uma forma de operacionalizar o capital social, para os fins da análise aqui empreendida. Compreendemos que, associada ao capital social cognitivo, a dinâmica de propagação de informações no interior do Twitter, representada aqui pelo RT é um fator preponderante na reelaboração de gêneros praticada nesse ambiente.

Se a postagem, por algum motivo, chama a atenção do público leitor e alcança um elevado número de RT, existe a tendência a que aquilo que provocou o sucesso seja apropriado e reutilizado pelos demais usuários, transformando-se, dessa forma, em um conhecimento compartilhado. Novamente, vemos materializada a dualidade individual/coletivo presente no valor simbólico do capital social.

De todo o repertório de estratégias desenvolvidas e compartilhadas pelos usuários do Twitter no intuito de elevarem seu número de conexões, aumentando, assim, sua popularidade na rede, optamos por analisar aquelas que envolvem a manipulação de gêneros discursivos, pois, conforme relatamos na introdução deste trabalho, em nossa experiência como usuária da rede, observamos a recorrência de postagens que traziam em sua composição padrões genéricos diversificados.

Nesse sentido, a análise da influência do capital social na propagação de demandas e rotinas enunciativas presentes na rede nos permitiu constatar o movimento de difusão de padrões, na forma de conhecimento compartilhado. Entre esses padrões espalhados no Twitter, existem aqueles voltados a proporcionar visibilidade aos usuários

através de postagens com estrutura peculiar. É nesse nicho específico que nos deteremos a partir de agora.

Conforme apresentado na incursão inicial pelos dados da pesquisa, encontramos, no *corpus* selecionado, *tweets* que apresentavam em sua composição padrões genéricos diversos – que os aproximam da reelaboração de gêneros – e outros constituídos pela simples migração, para dentro do Twitter, de gêneros prototípicos de outras esferas da comunicação humana. Em nosso primeiro contato com esses dados, preocupamo-nos em diferenciar migração de reelaboração e traçar um panorama estatístico da ocorrência desses dois fenômenos; agora, voltaremos a eles no intuito de medir seus índices de propagação, representados pelo número de RT.

Ao observarmos, na tabela de análise de dados elaborada para essa pesquisa, na coluna 'Alcance', a quantidade de RT atingida por cada uma das postagens, percebemos uma considerável diversidade de valores, à primeira vista, aleatórios, variando em um intervalo que ia de 0 a 1981. Porém, a grande maioria dos exemplos possuía entre 0 e 100 RT, enquanto uma parte menor detinha os índices mais elevados. De posse apenas desses dados, pouco poderia ser dito a respeito das razões que orquestraram a formação desses números, porém, ao confrontarmos tais números com a incidência de padrões genéricos distintos na constituição do *tweet* chegamos ao seguinte gráfico:

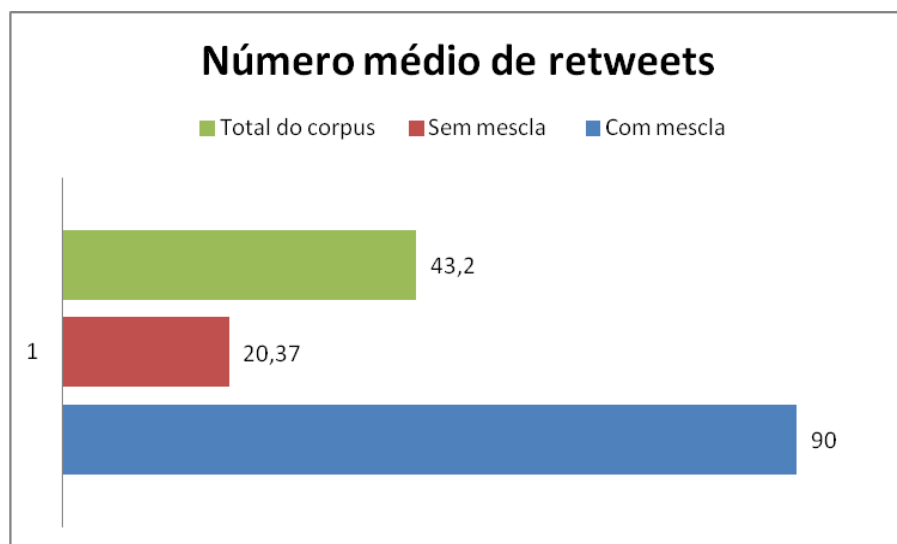


Gráfico 3: Número médio de *retweets*

Ao confrontarmos a média de RT atingidos pelas postagens compostas por mesclas de gêneros e aquelas compostas por meio da migração, observamos uma apreciável diferença nos índices de propagação atingidos, principalmente, quando confrontados ao número médio de RT de todo o *corpus*. Enquanto as postagens com mesclas obtiveram uma média de 89,77 RT por postagem, os *tweets* sem mescla obtiveram a média de 20,37 RT por postagem, em um *corpus* que computou o índice de 43,2 como média geral de RT por postagem. Essa discrepância aponta para uma maior aceitação e propagação de *tweets* cuja composição apresenta-se mais complexa, traço expresso na mobilização de diferentes padrões genéricos. À difusão desse tipo de postagem associamos a presença do capital social cognitivo, pois identificamos aqui o movimento de tornar coletiva uma descoberta individual, capaz de gerar maior representatividade para aqueles que a praticarem, configurando-se como um bem coletivo, um valor propagado dentro da rede social.

Se por um lado a difusão de *tweets* com mesclas de gêneros tem por objetivo tornar coletivo um conhecimento capaz de gerar audiência e possíveis novas conexões para um ator, por outro lado contribui para a publicização e sedimentação desses arranjos genéricos. *Tweets* que mesclam letras de músicas, lides jornalísticos, anúncios publicitários, piadas, entre diversos outros gêneros, passam a ser aceitos e são incorporados às rotinas enunciativas dessa rede social, fato que torna a sua incidência consideravelmente maior e que confere relativa estabilidade expressa, não apenas numericamente pela sua ocorrência, mas também pelo conhecimento coletivo de sua forma, que passa a ser reconhecida e praticada pelos usuários.

Elucidada essa dinâmica de criação e propagação de valores existente nos bastidores da rede social, voltar-nos-emos, no próximo tópico de nossa análise, para a composição dessas postagens, observando como os diferentes padrões genéricos são manipulados no interior dos *tweets*.

4.3 A manipulação de gêneros na constituição do *tweet*

O questionamento que deu origem a este trabalho, resultante ainda de nossas impressões iniciais como usuária do site, girou em torno da presença de diferentes padrões genéricos empregados na constituição de *tweets*. A construção de um objeto de pesquisa exigiu que esse questionamento fosse refinado, subdividido em outras questões,

operacionalizado por meio de uma metodologia e fundamentado em teorias que dessem conta do fenômeno. Mesmo após esse refinamento inerente ao fazer científico, ainda é possível reconhecer a importância desse momento da análise para todo o trabalho. Embora circundado por forças como o capital social e o propósito comunicativo, é na manipulação do gênero que veremos com mais notoriedade a formação do *tweet* e é nesse viés da análise que entraremos agora.

Ao nos voltarmos para a constituição formal das postagens do Twitter propomos a responder à seguinte questão: **Como os usuários manipulam padrões genéricos na construção de seus *tweets*?** Para tal questionamento, defendemos a hipótese de que ao formularem *tweets*, os usuários operam com as mesclas de gêneros no intuito de atenderem, de maneira satisfatória, às demandas enunciativas da rede social. Dessa dinâmica constitutiva é possível compreender, sob a perspectiva da Análise de Gêneros, o processo formador dos *tweets*. A tarefa de responder a esse questionamento nos levou a assumir o seguinte objetivo para esta etapa da análise: **Identificar que estratégias de manipulação de gêneros são aplicadas pelos usuários do Twitter na constituição das suas postagens.**

A princípio, acreditávamos que a mescla de gêneros seria a estratégia primordial, responsável pela presença de padrões genéricos prototípicos de diferentes esferas da comunicação na composição dos *tweets*. Em nossa incursão inicial pelos dados, deparamo-nos com duas situações nas quais padrões genéricos eram mobilizados: na primeira, identificamos postagens que traziam indícios da ação dos usuários, que intervinham através da manipulação e da alteração de gêneros distintos – o que aproximava essas postagens consideravelmente da reelaboração – já a segunda, trazia *tweets* que remetiam a outros gêneros, porém, nos quais a intervenção dos usuários limitava-se à transposição do padrão genérico de um ambiente para outro, o que denominamos migração. Ressaltamos que tanto intervenção quanto migração apresentam indícios da ação dos usuários, porém, consideraremos como reelaboração, para os fins desta pesquisa, apenas a primeira categoria, devido à natureza desses esforços. Pode-se dizer que a intervenção apresenta indícios de reelaboração mais marcados, enquanto a migração apresenta indícios menos marcados.

No que diz respeito à migração, percebemos sua menor incidência quando confrontada com o número de ocorrências das intervenções. De posse dos dados organizados em nossa planilha de análise (APÊNDICE), foi possível observar a repercussão

desse tipo de postagem dentro da rede social, através dos RT. Dessa forma, empreendemos uma breve quantificação da propagação dessas postagens e sua posterior análise à luz do conceito de capital social cognitivo, já abordado no tópico anterior.

As postagens compostas apenas por migração de gêneros alcançaram uma média de 2,05 RT por postagem, num *corpus* cuja média geral é de 43,2 RT por postagem. Seguindo a lógica elucidada no tópico 6.2, compreendemos que existe uma tendência à maior propagação de *tweets* que proporcionem ao grupo geral dos usuários algum tipo de conhecimento, que possa ser utilizado e propagado em função do enriquecimento da rede, o que não acontece nas postagens constituídas por migração de gêneros.

A forma dos *tweets* resultantes de migração difere daqueles compostos por outros mecanismos de manipulação de gêneros, conforme vemos no exemplo a seguir:



@FabioAnderline
Fabio

1 kg de carne moída,300 g de trigo para kibe,2 colheres (sopa) de cheiro verde,1 colher (sopa) de hortelã,2 dentes de alho grandes

11 Jan via Dabr
★ Unfavorite
↩ Undo Retweet
↩ Reply

Retweeted by edusarsur and 3 others






@FabioAnderline
Fabio

Sal e pimenta do reino a gosto, Óleo para fritar.

11 Jan via Dabr
★ Unfavorite
↩ Undo Retweet
↩ Reply



@FabioAnderline
Fabio

Leve ao fogo 400 g de carne moída com 1 dente de alho picado, sal e pimenta.Deixe cozinhar até fritar.

11 Jan via Dabr
★ Unfavorite
↩ Undo Retweet
↩ Reply



Figura 25 - Sequência de *tweets* constituídos pela migração do gênero receita culinária

No exemplo acima, temos a reprodução, dentro do Twitter, de movimentos retóricos que remetem ao gênero “receita culinária”, tais como a listagem de ingredientes, a descrição do modo de preparo e recomendações acerca do modo de servir. A presença desse padrão genérico, bem como de outros similares a ele, e igualmente inusitados,

dentro do Twitter, autoriza-nos a inferir que esse ambiente digital comporta antes de vários gêneros discursivos, várias esferas da comunicação, o que possibilita a efervescência de práticas envolvendo gêneros diversos, sejam eles migrados ou reelaborados. Embora apresentem a transposição de um padrão genérico, à primeira vista, alheio à rede social, os *tweets* acima reproduzem a estrutura do gênero, tal qual ela é praticada fora da rede social, sem adicionar nenhum elemento novo a esse arranjo. Como é possível observar, o número de RT atingidos pelas postagens dessa sequência foi consideravelmente baixo, limitando-se a duas ocorrências no primeiro item da sequência.

Ao confrontarmos esse comportamento com as reflexões empreendidas no tópico anterior, podemos inferir que o baixo investimento criativo por parte do usuário e a baixa repercussão denunciam um tênue nível de capital social cognitivo, o que diminui o impacto de construções desse tipo dentro da rede social. Ao confrontarmos a forma dos *tweets* resultantes de migração com aqueles resultantes de intervenções, percebemos uma maior sofisticação por parte desse segundo grupo, seja na forma, seja na construção do sentido, seja no teor informativo. Essa sofisticação, resultante do labor do usuário durante a constituição, é acolhida por seus seguidores e, portanto, validada dentro da rede, dando a esses *tweets* maior repercussão, principalmente quando esses arranjos são passíveis de reprodução, sendo adotados como fórmulas que podem ser reutilizadas pelos demais atores. Dessa forma, os resultados encontrados, dentro do grupo de dados por nós analisados, sinalizam para uma tendência ao enfraquecimento da aceitação e da propagação de *tweets* compostos por migração de gêneros, por conta, em parte consideramos, da ausência de investimento e sofisticação desses enunciados.

Embora nossa perspectiva de análise vise a contemplar aspectos da postagem do Twitter relacionados a padrões genéricos e a sua manipulação, é importante mencionarmos que outros fatores também podem influenciar a aceitação e a propagação dos *tweets*, tais como o capital social detido pelo usuário que enuncia, pois um ator com muitas conexões oferece uma possibilidade maior de alcance àquilo que posta, uma vez que um número maior de indivíduos poderá, eventualmente, entrar em contato com o que foi dito³⁰.

³⁰ Por razões de delimitação do objeto e escolhas metodológicas, não abordaremos esse aspecto em nossa análise, ficando esse tópico como sugestão para pesquisas futuras, conforme traremos no capítulo 5.

Voltando para o que examinamos, para que possamos visualizar como se manifesta e no que resulta esse labor criativo inerente às intervenções nos padrões genéricos, observemos o exemplo a seguir:



Figura 26 - Postagem composta por mescla de gêneros

No exemplo acima, deparamo-nos com um *tweet* que mescla, em sua composição, elementos que remetem tanto à letra de uma canção, quanto às marcas do anúncio de telemarketing, e que culminam na geração de um efeito semelhante ao da piada. O trecho *'I just called to say'* remete-nos ao refrão da conhecida canção *I just called to say I Love you*³¹, de Stevie Wonder, enquanto a frase *'Gostaria de conhecer as vantagens do nosso cartão de crédito? Vai levar só 2 minutinhos'* remete-nos aos telefonemas institucionais, chamados anúncios de telemarketing, efetuados também pelas empresas operadoras de cartões de crédito, para oferecem seus serviços, e cuja estrutura traz o enunciado mencionado como introdução, o que faz com que essa construção seja reconhecida e, por vezes, reproduzida em outros contextos; neste caso, cria uma relação entre ela e a primeira parte do *tweet*. No que diz respeito à propagação, observamos que a postagem do exemplo 26 obteve um alcance maior que aquela anteriormente apontada (exemplo 25), tendo somado 9 RT em uma única postagem, enquanto o outro exemplo somou 8 RT em uma sequência de 7 postagens. Os índices de propagação, portanto,

³¹ Liguei apenas pra dizer que te amo

refletem a predileção da rede por aqueles *tweets* nos quais se evidencia o labor dos atores em sua constituição.

A seguir, apresentamos exemplos nos quais um arranjo genérico foi apropriado, modificado e reutilizado no interior da rede:



Figura 27 - Mescla de padrões distintos

A figura acima traz um *tweet* no qual foram mobilizados elementos que remetem tanto à letra de uma canção³², quanto à estrutura de uma questão de vestibular, resultando, novamente, em um arranjo cujo efeito assemelha-se àquele causado pela piada. É possível perceber a intencionalidade e a consciência do usuário em relação à mescla de elementos empreendida, uma vez que esse sinaliza, através das aspas, a inserção da letra da canção, além de inserir a sigla de uma universidade, junto à indicação de um ano, elementos que, propositalmente, remetem a questões de vestibular. O resultado atingido por esse arranjo lhe valeu um elevado nível de propagação, 67 (sessenta e sete) RT (num *corpus* cuja média é de 43,2 RT por postagem). Essa propagação garante que outros usuários conheçam e alguns, inclusive, apropriem-se desse arranjo, conforme vemos a seguir:

³² Chorando se foi, sucesso da década de 80, na voz da cantora Márcia Ferreira.

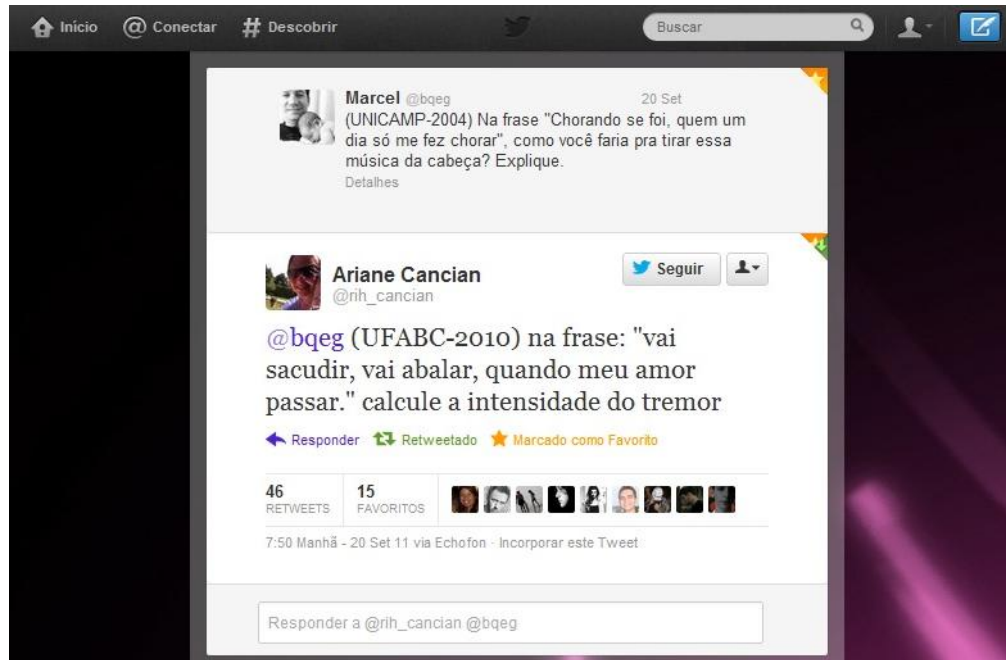


Figura 28 - Exemplo de apropriação de arranjo genérico

No *tweet* exposto, temos a reprodução, por parte de outro usuário, do arranjo anteriormente analisado. À semelhança daquela que a inspirou, a postagem acima envolve a manipulação de padrões genéricos distintos, a saber, a letra de canção³³ e a questão de vestibular, ambos sinalizados, respectivamente, pelas aspas e pela inserção da sigla e da data. Além disso, é possível depreender a relação entre as postagens ao observarmos, no topo da página, a repetição do arranjo original. Este recurso, disponibilizado pela própria rede, permite que o usuário poste algo em resposta a um *tweet* já existente, criando uma conexão entre ambas as postagens. É oportuno ressaltar, no entanto, que nem sempre é possível refazer o caminho que um modelo de *tweet* percorreu dentro da rede social, devido ao elevado número de usuários e de conexões, ficando a identificação dessas relações, na maioria das vezes, restrita à observação dos padrões genéricos.

Há casos em que, ao conhecerem um arranjo novo, os usuários da rede, em vez de reproduzi-lo, alteram-no, conferindo a este novas nuances que resultam numa maior sofisticação do modelo, conforme vemos no exemplo abaixo:

³³ Vai Sacudir, Vai Abalar, da banda Cheiro de Amor.



Figura 29 - Exemplo de reaproveitamento e modificação do arranjo

O exemplo acima segue a dinâmica de constituição dos *tweets* anteriores, mobilizando, para tanto, os mesmos padrões genéricos, porém o ator se diferencia dos arranjos analisados, ao constituir sua postagem à semelhança de uma questão de múltipla escolha, elemento inédito em relação aos demais *tweets* da série. São contribuições desse tipo que mantêm e estimulam a efervescente diversidade de padrões genéricos e de arranjos presentes no Twitter.

As postagens dessa sequência têm em comum, além do processo formador, o elevado nível de propagação, pois as três juntas mantiveram uma média de 56,33 RT. Acreditamos que a boa aceitação desses arranjos genéricos se deva, em uma primeira instância, ao seu efeito inicial de gerar o riso e, posteriormente, ao seu potencial de propagação, pois, conforme vimos, o modelo pode ser reproduzido e até alterado e, ainda assim, atingir uma boa audiência. Postagens de composição mais sofisticada e com elevado grau de influência são ricas em capital social cognitivo, agregam valor à rede e são coletivamente usufruídas, de modo a colocarem em evidência aqueles que as desenvolvem e reproduzem, ou seja, atuam tanto na instância coletiva, quanto na individual.

É notório, nas postagens examinadas, o cuidado que os usuários tiveram tanto na escolha dos gêneros a serem mesclados, quanto na relação estabelecida entre eles, zelo

que gerou o sentido completo e o teor humorístico, inerentes ao arranjo final. Cabe aqui resgatarmos Costa (2010) que, ao debruçar-se sobre o valor etimológico do termo 'reelaboração', afirma:

A palavra reelaboração, em sua etimologia, ressalta a ideia de produção por meio de trabalho, oriundo do latim *elaborare*. Reelaborar, dessa forma, deixa mais claros os **esforços realizados por pessoas** para renovar ativamente alguma coisa. No caso em questão, os gêneros discursivos estão sujeitos às constantes readequações e ao aparecimento de novas necessidades de comunicação em razão de novas práticas sociais, imperativos econômicos ou avanços tecnológicos (COSTA, 2010, p. 63. grifos do autor).

Deslocando a afirmação do autor para o nosso contexto de pesquisa, compreendemos que a dinâmica de funcionamento emergente das redes sociais suscita ações de seus participantes no intuito de atender às demandas enunciativas que de lá surgem. É nesse movimento, pontuamos, orquestrado pela rede e protagonizado pelos sujeitos, que os gêneros vêm sendo manipulados e readequados, passando pelo que sugerimos classificar como profícuo processo de reelaboração dos gêneros, dentro da rede social Twitter.

Uma vez elucidada a relação entre a dinâmica da rede e a manipulação de gêneros nos *tweets*, resta-nos, ainda, um questionamento acerca de como essas forças afetam individualmente cada ator. Ou seja, por que os usuários intervêm reelaborando? É essa atividade apenas um reflexo da rede e da sua dinâmica de funcionamento? Estariam essas ações isentas da subjetividade de cada um?

No que diz respeito à subjetividade, devemos ter em mente que toda essa dinâmica ocorre no interior de uma rede social, cuja finalidade maior é possibilitar a criação de perfis identitários e o estabelecimento de laços e interações entre eles. Nesse contexto, é natural que os atores procurem formas de se diferenciarem e de se destacarem uns dos outros no interior dessa teia de relações. Seja nas postagens que envolvem mescla de gêneros prototípica, seja nas intervenções que mobilizam outras estratégias, da quais falaremos a seguir, o usuário imprime a marca da sua (inter)subjetividade constituída através do estilo por eles compartilhado e reproduzido.

Bakhtin (2011) já sinalizava para a presença de marcas de estilo, tanto por conta do próprio gênero, quanto por parte daquele que enuncia:

Todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito,

primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. (BAKHTIN, 2011, p. 265)

Notamos que o autor situa o estilo em duas instâncias, uma coletiva, inerente ao próprio gênero que, ao lado do tema e da forma composicional, na visão bakhtiniana, seriam responsáveis pelo status de gênero, dado a determinados tipos relativamente estáveis de enunciados; e aquela na qual o estilo é individual e imprime no enunciado marcas pessoais daqueles que enunciam, materializadas aqui pela criatividade investida pelo usuário nessa composição. Cabe chamarmos a atenção para a orientação epistemológica construída pelo autor ao longo de sua obra, pois, uma vez que o pensamento bakhtiniano compreende o enunciado como perpassado por diferentes vozes oriundas de enunciados anteriores, sendo sempre o dito responsivo em relação a tudo aquilo que foi dito antes, é válido falarmos de uma (inter)subjetividade, em vez de subjetividade, pois compreendemos que o enunciado construído nunca será de total e pura autoria do falante, sendo sempre reflexo e parte daquilo que está sendo desenvolvido na rede. Por isso, ressaltamos que os mecanismos de intervenção listados a seguir atuam, de fato, no estilo das postagens do Twitter, porém, mesmo tendo surgido a partir da ação de um único sujeito, apenas no exercício coletivo é que foi possível a sua consolidação a ponto de ser detectado por nós no *corpus* da pesquisa.

Em nossa análise, foi possível detectar ocorrências de intervenções dos usuários nas quais não havia unicamente a manipulação de padrões genéricos distintos, sendo notória, nesses contextos, a manifestação da (inter)subjetividade dos autores desses textos através de recursos que apareciam tanto isolados, quanto aliados à mesclagem de gêneros. Diante dessa constatação, optamos por observar e categorizar essas intervenções, responsáveis por darem voz aos estilos construídos e compartilhados por esses autores. Dividimo-las em três categorias maiores, cada uma, por sua vez, segmentada em fenômenos específicos:

Área de influência	Tipo de intervenção
Forma	Mescla de padrões genéricos

Sentido	Intertextualidade
	Arranjo multimodal
Teor informativo	Comentário
	<i>Hashtag</i>

Quadro 1 – Tipos de intervenções executadas pelos usuários do Twitter

O leitor pode perguntar-se o porquê de dedicarmos um momento de nossa análise à investigação de determinadas intervenções dos usuários, mesmo quando essas não consistem em um labor que envolva padrões genéricos, e sim, estratégias, as mais diversas, de alterações no estilo dos *tweets*. Justificamos nosso empreendimento reafirmando o objetivo geral de estudarmos as reelaborações de gêneros no contexto das redes sociais e compreendemos, assim como Bakhtin, que qualquer ação que altere o estilo de um enunciado relativamente estável resulta em uma alteração de gênero, podendo configurar-se com um caminho rumo à reelaboração.

Motivadas por esta reflexão, descreveremos agora cada uma das formas de intervenção dos usuários detectadas no *corpus* desta pesquisa. Chegamos a essas categorias a partir da observação sistemática das postagens que compunham o *corpus* desta pesquisa, buscando compará-las aos gêneros mobilizados em sua constituição, no intuito de perceber por quais alterações estes passaram ao serem deslocados para o interior do Twitter.

a) Intervenções relacionadas à forma

A área de influência que denominamos de forma engloba as intervenções que estão diretamente relacionadas ao trato com padrões genéricos. Nesta categoria, estão presentes as manipulações e as subsequentes mesclagens de gêneros, conforme mostra o exemplo a seguir:



Figura 30 - Exemplo de mescla de gêneros

A figura 30 traz um exemplo típico de mescla de padrões genéricos distintos. Neste caso, temos um enunciado que lembra o texto de um anúncio classificado de venda de imóveis, aliado a opções que remetem a questões de múltipla escolha. O resultado desse arranjo, por sua vez, aproxima-se do efeito que seria causado por uma piada. Ou seja, um único *tweet*, vale-se de três diferentes padrões de gêneros para materializar o enunciado desejado.

b) Intervenções relacionadas ao sentido

Nessa categoria, agrupamos as ações empreendidas pelos usuários no intuito de construir ou complementar os sentidos de seus textos, sem, contudo, para isso manipularem/mesclarem padrões genéricos distintos. Conforme contatamos, as duas formas de manipulação dos sentidos encontradas no *corpus* da pesquisa remetiam a mecanismos intertextuais de construção do sentido e à inserção de outros modos semióticos (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996), além da escrita, na constituição dos *tweets*. Seguem os exemplos:



Figura 31 - Exemplo de intertextualidade

Na postagem acima, observamos a menção ao dito popular ‘Caiu na rede é peixe’, que, por sua vez, foi modificado no intuito de referir-se ao universo e à nomenclatura inerentes ao próprio Twitter. Nessa construção de sentido, identificamos a presença do *détournement*, mecanismo intertextual derivado da paródia e cujo objetivo é “levar o interlocutor a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele; ou então ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original” (KOCH; BENTES e CAVALCANTE, 2007, p. 45). Além do *détournement*, identificamos, nos mecanismos intertextuais de construção de sentido dos *tweets*, a ocorrência de alusões, apropriações e paráfrases.

Outra forma empregada pelos usuários do Twitter, no intuito de completar e, por vezes, alterar o sentido do enunciado proferido, é a mobilização de modos semióticos distintos da escrita, que, uma vez aliados a ela, geram resultados inusitados e amplamente aceitos, como mostra o exemplo a seguir:



Figura 32 - Arranjo multimodal

O *tweet* acima remete ao texto da propaganda de um produto de limpeza que diz 'Roupa sem manchas, só com Vanish poder O2'. Ao reproduzir e modificar esse texto, o usuário preocupou-se em representar a cor branca através da ausência de caracteres no *tweet* para, em seguida, inserir o slogan, no qual uma das palavras foi modificada no intuito de produzir humor e estabelecer uma relação estreita com a representação imagética construída. Essa convergência de ações, quando concretizada, provoca o riso, aproximando-se, novamente, do *détournement*, que, dessa vez, é materializado na mobilização de diferentes semioses. É importante observarmos, ainda, o índice de propagação atingido por esse *tweet*, que é quase 20 vezes maior que a média do *corpus* (43,2 RTs por postagem), fato que relacionamos ao elevado investimento criativo do ator. Ao examinarmos, essa postagem, fortalecemos nossa constatação de que, quanto mais laboriosa a elaboração de um *tweet*, maior seu potencial de propagação.

c) Intervenções relacionadas ao teor informativo

A terceira categoria de intervenções que os usuários do Twitter executam sobre os gêneros discursivos diz respeito ao teor das informações contidas nas postagens. Por tratar-se de uma rede constituída por atores, é de se esperar que estes levem para seu interior interesses e opiniões pessoais e que também busquem, no conteúdo produzido pelos demais, informações de seu interesse. Dessa forma, foram desenvolvidos mecanismos pelos quais as informações podem ser agrupadas e propagadas dentro do Twitter. De posse

desses esquemas, alguns usuários encontraram formas de manifestarem-se em relação à informação propagada, imprimindo nela sua marca de estilo e transformando-a em um enunciado único, conforme mostram os exemplos a seguir:



Figura 33 - Comentário por meio de *retweet*

O *tweet* acima traz uma sequência de comentários adicionados a uma postagem inicial. A sigla RT significa *retweet* e tem por objetivo apontar tanto o autor quanto o conteúdo da mensagem original. Nesse caso, à postagem que deu início à série foram adicionados comentários que juntos reproduzem o verso da canção W/Brasil, de Jorge Bem Jor. Notamos que o mecanismo de RT foi imprescindível para que as relações entre os comentários fossem estabelecidas, constituindo, assim, uma informação diferente daquela que foi inicialmente expressa. Ao executar um RT seguido da inserção de um comentário, o usuário interfere na informação da postagem e imprime nela sua marca, dando origem a um novo enunciado de maior complexidade.

Semelhante a esse procedimento é a inserção de *hashtags*. Conforme explicado anteriormente, a *hashtag* é formada pelo símbolo '#' (*hash*, em inglês) seguido de uma ou mais palavras relacionadas ao tema da postagem. O objetivo desse recurso é etiquetar *tweets* sob o mesmo rótulo para, a princípio, facilitar eventuais buscas. Uma vez adicionado o símbolo '#' a uma palavra, esta se transforma em um link que, quando clicado, leva o usuário para uma tela que traz o resultado da busca de todas as postagens etiquetadas com aquela *hashtag*. Diferentes usos foram relacionados a esse recurso, culminando em formas que adicionam novas informações ou dizem algo a respeito do conteúdo postado, distanciando-se do objetivo inicial de facilitar buscas, pois as *tags* tornaram-se tão peculiares

e individualizadas que, muitas vezes, sua existência se restringe a um único *tweet*, conforme mostra o exemplo a seguir:



Figura 34 – Uso de *Hashtag*

A postagem acima é um exemplo de situação na qual a *hashtag* assume a função de complementar a informação contida no *tweet*, dizendo algo a respeito do texto ali expresso. Na figura 34, a *hashtag* ajuda-nos a perceber que a postagem se trata de uma referência ao cantor Wando, valendo-se inclusive de um trecho da letra de uma de suas canções³⁴. Podemos observar a configuração de uma estratégia mobilizada pelos usuários no intuito de dizerem algo mais, saturando suas postagens com informações e marcas de subjetividade.

Nossa incursão pelas estratégias de manipulação de gêneros empreendidas pelos usuários do Twitter mostrou-nos que não apenas a forma de enunciados relativamente estáveis é alterada nessa rede social, como também o sentido e o teor informativo das postagens. Percebemos que as forças criadora e inovadora presentes nesse sistema materializam-se de diversas formas para alcançar os mesmos resultados: propagação e geração de conhecimento coletivo. Mas seriam essas motivações conscientemente reconhecidas pelos usuários? Quando deixamos de considerar as motivações inerentes à dinâmica de rede social, que propósito comunicativo está por trás dessas construções tão elaboradas? São essas perguntas que buscaremos responder em nosso próximo tópico de análise, no qual discutiremos o terceiro objetivo específico desta dissertação.

³⁴ Raio, estrela e Luar.

4.4 A manifestação dos propósitos comunicativos: ouvindo os usuários

Nesta etapa da análise, debruçar-nos-emos sobre os propósitos comunicativos inerentes aos *tweets*, aspecto que nos auxiliará na compreensão de como essa forma de escrita peculiar do Twitter convida os usuários a participarem de um exercício coletivo de manipulação e mescla de padrões genéricos, que, por vezes, culmina na reelaboração de gêneros. A alteração do propósito comunicativo dos gêneros mobilizados é, em nosso entender, um dos indícios da evolução desses artefatos e está intimamente relacionada às particularidades da condição de rede social assumida pelo Twitter.

Dessa forma, adentraremos nesta fase do exame dos dados, com o objetivo de relacionar o propósito comunicativo do *tweet* ao capital social intrínseco às interações ambientadas nas redes sociais e à prática das reelaborações de gêneros. Para tanto, empreenderemos a perscrutação dos propósitos comunicativos dos *tweets* que compõem o *corpus* desta pesquisa, bem como dos 45 (quarenta e cinco) questionários respondidos pelos usuários, acerca das práticas de constituição e propagação de postagens. Defendemos a hipótese de que, das interações entre os atores e grupos sociais que compõem a rede, emergem objetivos que inspiram esses sujeitos a lançarem mão de gêneros dotados de certos propósitos comunicativos. Uma vez apropriados esses elementos, os usuários atuam sobre eles, reelaborando-os de acordo com a finalidade. Após essa incursão pelos propósitos do gênero e sua percepção pelos usuários, esperamos responder à seguinte questão: **que propósitos comunicativos estão relacionados ao *tweet*?**

Em nossa incursão inicial pelos dados da pesquisa, deparamo-nos com duas ações distintas praticadas pelos usuários na criação de *tweets*: a migração e a intervenção. Observamos, em seguida, como os valores específicos do universo da rede social em questão se fazem presentes e influenciam na propagação desses enunciados, bem como na sua sedimentação. Posteriormente, debruçamo-nos sobre a intervenção, a fim de compreender de que forma os atores da rede agem sobre os gêneros. Nesta terceira etapa, voltaremos a considerar as categorias migração e intervenção com a finalidade de apreender como o propósito comunicativo se comporta em ambos os contextos, configurando-se como um indício da atualização, ou seja, reelaboração dos gêneros.

Conforme dito anteriormente, a migração é o processo pelo qual o usuário reproduz, no interior do Twitter, padrões genéricos estandardizados em outras esferas da comunicação (BAKHTIN ([1979] 2011)). Nesse empreendimento, sua ação consiste, basicamente, em selecionar o conteúdo a ser migrado e adaptá-lo à limitação de espaço característica do Twitter. Nossa análise dos níveis de propagação atingidos mostrou-nos que as postagens constituídas através de migração não alcançam muita visibilidade na rede, sendo pouco retuitadas e reproduzidas. Por ser esse um processo que gera tão pouco retorno para o usuário, questionamo-nos acerca de que propósito estaria por trás dessa ação, ou seja, qual o intuito de produzir, na rede social, postagens como as seguintes? Examinamos, a seguir, alguns exemplos de gêneros migrados para o Twitter.



Figura 35: Migração da notícia

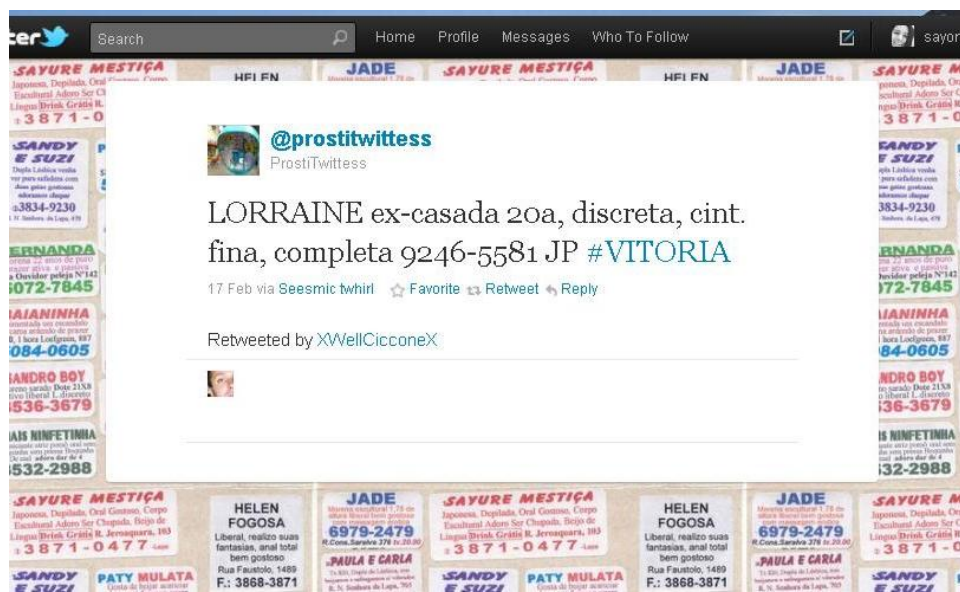


Figura 36: Migração de anúncio classificado

Na figura 35, reconhecemos o padrão genérico jornalístico, mais especificamente, a notícia, ao observarmos o perfil de um canal de televisão divulgando uma informação acerca da visita do presidente dos Estados Unidos ao Brasil. Devido às limitações de espaço, o enunciado vem acompanhado por um link que, uma vez clicado, direciona o usuário a uma versão completa do tópico. Reconhecemos nesse *tweet* o propósito claro de informar. Já a figura 36 reproduz um anúncio classificado, cujo objetivo é, assim como acontece quando praticado em sua esfera prototípica, vender um serviço/produto. A estrutura da postagem, bem como as informações divulgadas, reproduz a forma desse tipo de anúncio, o que nos ajuda a atestar a veracidade da situação comunicativa³⁵. Em ambos os exemplos, observamos que, ao serem migrados para a rede social, os propósitos comunicativos dos gêneros/padrões genéricos foram mantidos.

Vender, informar, reclamar, manifestar, instruir, entre outros, são propósitos comuns dentro do Twitter, principalmente em perfis cuja existência é dedicada, exclusivamente, a essas ações, como é o caso dos exemplos acima. Porém, compreendemos ser possível, assim como acontece nas outras esferas da comunicação, a existência de mais de um propósito comunicativo em um determinado gênero (BHATIA, 1999).

Em perfis pessoais, a diversidade de objetivos, bem como de padrões genéricos mobilizados pelas postagens, é consideravelmente maior que aquela comportada por perfis temáticos, conforme observamos a seguir:

³⁵ Ressaltamos a importância da veracidade da situação em oposição a contextos nos quais as situações são apenas simuladas com outras finalidades, como provocar o riso ou fazer uma crítica.



Figura 37: Exemplo de padrão opinativo/construção de identidade



Figura 38: Exemplo de padrão bíblico - versículo

Nos exemplos acima, deparamo-nos com a migração de padrões genéricos que remetem, respectivamente, aos gêneros opinativos e aos gêneros bíblicos. Na figura 37, temos a usuária expressando sua opinião acerca do conteúdo esperado das postagens do Twitter, já a figura 38 traz a migração de um versículo bíblico (Salmo 23:1) para dentro da rede social.

Embora sejam os quatro exemplos explicitados de natureza distinta, é possível perceber, em todos eles, a manutenção do propósito comunicativo original desses gêneros/padrões genéricos: a notícia informa, o anúncio vende, a construção do perfil identitários posiciona-se em relação a um tópico e a oração expressa a ânsia de conforto

do enunciador ao dirigir-se a uma entidade subjetiva superior. Observamos, nessas ocorrências, a configuração de uma situação comunicativa que favoreceu a manutenção e a exequibilidade dos propósitos originais dos gêneros mobilizados. Diante desse fenômeno, compreendemos a proximidade existente entre os *tweets* resultantes de migração e a forma prototípica dos gêneros mobilizados. Essa proximidade evidencia-se, principalmente, pela aparente existência de um contexto comunicativo similar àquele no qual os gêneros são naturalmente praticados, o que faz com que os usuários aceitem e reconheçam aquele enunciado, embora sem muita repercussão. Esses exemplos foram selecionados no intuito de mostrar ao leitor o comportamento do propósito comunicativo diante da migração de gêneros. A exemplo do que foi apresentado acima, no *corpus* analisado, foi recorrente a relação migração do gênero/manutenção do propósito, o que vem ao encontro da nossa constatação inicial, de que a migração é o processo que menos modifica o gênero e que menos demanda labor por parte do usuário.

Em contrapartida, a análise do comportamento do propósito comunicativo dos *tweets* constituídos por intervenção mostrou-nos, a exemplo dos gêneros mobilizados na sua constituição, uma variedade maior de propósitos almejados e, por vezes, um propósito final diferente daqueles inerentes aos gêneros convocados. Vamos aos exemplos:

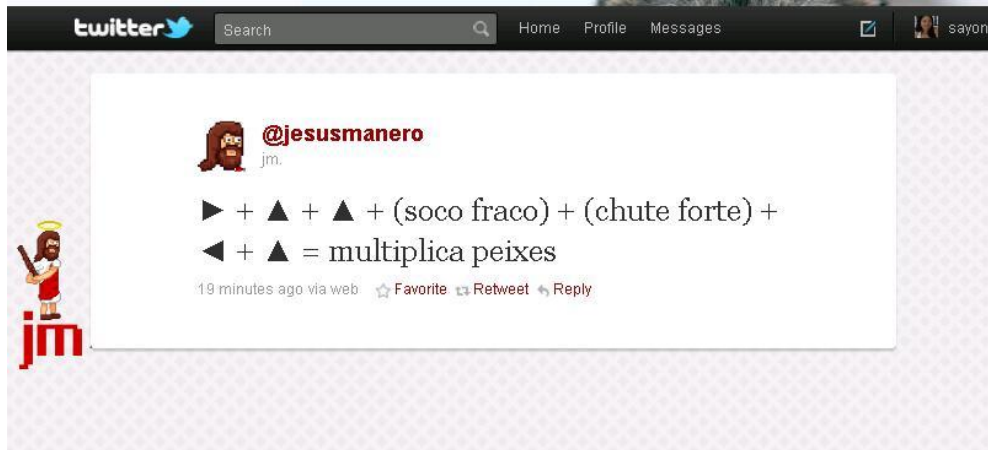


Figura 39: Intervenção 1 do usuário



Figura 40: Intervenção 2 do usuário

Os exemplos elencados retratam casos nos quais houve a intervenção dos usuários por meio, entre outras estratégias, da manipulação de padrões genéricos distintos. Na figura 39, temos um arranjo multimodal que remete a uma sequência de comandos de videogame, que, por sua vez, faz referência a uma passagem bíblica, construindo um enunciado no qual Jesus (representado pelo perfil enunciador) aparece como um personagem de videogame que, por meio dos comandos listados, executaria as ações mencionadas. O resultado final dessa intervenção possui um teor cômico que se aproxima do resultado alcançado pela piada.

Já a figura 40 traz a sigla de uma instituição de ensino superior, seguida da indicação do ano de 2003, arranjo que remete às questões de vestibulares. Porém, a expectativa é quebrada logo em seguida, quando o enunciador apresenta a pergunta: 'Como é que eu posso me livrar das garras desse amor gostoso?', verso da canção 'Brincar de Ser Feliz', da dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó. Em seguida, o padrão de questão é retomado com a solicitação 'Cite três exemplos'. O resultado final dessa mescla de padrões genéricos distintos é, semelhante ao exemplo anterior, similar àquele atingido pelas piadas, uma vez que gera o riso dos interlocutores por meio da quebra de expectativas.

Em nossa análise, das 126 postagens constituídas por intervenções identificadas no *corpus* da pesquisa, observamos uma considerável incidência do humor como resultado final do labor empreendido pelo usuário. Mesclas de gêneros, mecanismos intertextuais, arranjos multimodais, comentários adicionados a textos pré-existentes e inserção de *hashtags* emergiram como meios pelo quais se procurou proporcionar

entretenimento aos demais atores que compunham a rede, audiência pretendida pelos autores daqueles *tweets*. Outra constatação resultante desse exercício de análise foi a de que, nas ocorrências de mesclas de gêneros, o propósito final do arranjo genérico criado era distinto dos propósitos prototípicos dos gêneros mobilizados, como nos exemplos acima, nos quais, fazer rir diverge do propósito original do tutorial, da letra da canção e da questão de vestibular.

Embora as constatações nos sugiram que possamos concluir as análises a partir delas, seguiremos a recomendação metodológica de Askhave e Swales (2001), que, ao constatarem que, por vezes, um único gênero atende a um feixe de diferentes propósitos, que nem sempre se evidenciam claramente no próprio texto, sinalizam para que o pesquisador recorra, etnograficamente, aos próprios consumidores e produtores desses gêneros, solicitando deles relatos que explicitem as finalidades de determinados textos em suas vidas. Segundo Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012)

(...) a confirmação do propósito comunicativo de um gênero será mais seguramente alcançada se o pesquisador criar condições para, pessoalmente, colher informações dos sujeitos produtores e consumidores dos gêneros, e especialmente de membros experientes das comunidades discursivas de que participam (p. 242)

Dessa forma, optamos por, conforme anunciado na metodologia deste trabalho, propor, aos usuários do Twitter, um questionário (APÊNDICE) com perguntas relacionadas ao reconhecimento e à manipulação de gêneros. O questionário foi distribuído aos informantes pelo meio digital, sendo divulgado através de um link³⁶ espalhado tanto no Twitter, quanto no Facebook. Foram convidados a responderem-no apenas aqueles que fossem usuários do Twitter. As questões giraram em torno da postagem apresentada na figura 40, exposta acima.

Ao elaborarmos o questionário que foi proposto aos usuários do Twitter, nosso intuito foi extrair dele impressões acerca do reconhecimento e da manipulação de gêneros na constituição das postagens, bem como da percepção que esses sujeitos tinham do propósito comunicativo realizado por esses arranjos genéricos. As perguntas foram organizadas em três eixos: forma (duas questões), propósito (uma questão) e propagação (duas questões).

³⁶ <<http://goo.gl/CxX0l>>

As duas primeiras questões ('O *tweet* do link acima lembra algum texto específico?' e 'De que tipo de texto você lembra ao ver o *tweet* do link acima?') giraram em torno do reconhecimento dos gêneros praticados. Nelas, os usuários não demonstraram dificuldade em reconhecer os padrões mobilizados. Quando perguntados se a postagem modelo (Figura 40) remetia a algum texto específico, todos responderam que sim e, quando perguntados acerca de quais textos eram esses, as respostas giraram em torno da questão de vestibular e da letra de música, sendo a segunda a mais incidente. Notamos aí uma aparente facilidade dos usuários no reconhecimento da forma dos gêneros, informação importante para o alcance de nosso objetivo, pois o fato de os indivíduos reconhecerem na forma prototípica um propósito distinto daquele que lhe é comum é mais um indício etnográfico que comprova a incidência da manipulação e atualização desses padrões, a ponto de essa diferença já ter sido reconhecida e assimilada pelos integrantes da rede, não causando estranhamento.

O segundo momento da enquete consistiu em perguntar aos sujeitos a que propósito a postagem modelo estava relacionada (De que tipo de texto você lembra ao ver o *tweet* do link acima?). Embora tenham reconhecido a forma tanto da letra da canção quanto da questão de vestibular, nenhum dos participantes associou a finalidade social da postagem aos propósitos comunicativos desses gêneros. As respostas coletadas giraram em torno de valores inerentes à dinâmica da própria rede social, remetendo-nos às reflexões feitas no primeiro objetivo desta análise. Transcrevemos, a seguir, algumas dessas respostas, que ilustram bem as demais respostas dadas para a questão 3 (Na sua opinião, qual o propósito de postagens como essa?).

Exemplo 1

Criar uma rede de interação que fortaleça o perfil de quem postou. Ou talvez uma tentativa de criar um item top *trend*.³⁷

(Sujeito 2)

Exemplo 2

³⁷ Grifos nossos.

Elas tentam chamar a atenção do usuário por meio de um texto conhecido, familiar, valendo-se assim de uma intertextualidade corrente em nossa cultura.

(Sujeito 12)

Exemplo 3

Causar humor, entretenimento. Demonstrar habilidade de criatividade, a fim de obter popularidade na rede social.

(Sujeito 22)

Ao analisarmos as respostas, constatamos a existência de uma consciência dos usuários em relação à dinâmica de valores inerentes ao funcionamento do Twitter, quando mencionam a criação de uma rede que fortaleça o perfil, a conquista da atenção dos demais usuários e a obtenção de popularidade na rede social. Esses três itens podem ser entendidos como diferentes formas de referir-se ao mesmo valor, o capital social. Além disso, as respostas explicitadas acima evidenciam a compreensão, por parte do usuário, de sua intervenção como uma ação coordenada no intuito de adquirir visibilidade dentro da rede social. Embora o resultado imediato da postagem seja o humor, esse parece ser mobilizado em função de um objetivo maior, que se desprende da forma e ganha feição própria ao relacionar-se à dinâmica de funcionamento da rede social. A pergunta seguinte procurava, uma vez feita a constatação anterior, apreender como o usuário percebia essa manipulação dos padrões genéricos e sua influência na difusão de informações na RS. O enunciado da questão inquiria: “*Tweets* que misturam diferentes tipos de texto, tais como letras de músicas, notícias, propagandas, receitas, orações, questões de provas de vestibular e afins podem alcançar um número maior de *retweets*? Por quê?” Apresentamos, a seguir, algumas das respostas obtidas:

Exemplo 4

Acho que sim. Um texto conhecido cria identificação com o leitor. Um tuíte com trechos de música (e outros tipos) pode levar o leitor a identificar ali parte de sua história pessoal. Quando alguém encontra num texto ressonância de vida, sente espontaneamente o desejo de replicá-lo, fazê-lo conhecido.

(Sujeito 2)

Exemplo 5

Sim. Por usar algo que nos parece familiar, próximo.

(Sujeito 3)

Exemplo 6

Acho que sim, pois como é um saber mais compartilhado, as pessoas se identificam mais.

(Sujeito 33)

Os exemplos 4, 5 e 6 evidenciam-nos um viés interessante da mobilização de padrões genéricos que, até então, não havia sido encontrado em nosso exercício de análise: a afinidade. Termos como ‘identificação’, ‘reconhecimento’, ‘familiar’, ‘próximo’ e a própria ‘afinidade’ foram recorrentes quando perguntamos aos usuários se e por que postagens que traziam referências a diferentes gêneros eram retuitadas. De uma maneira geral, os atores dessa rede acreditam que a inserção de diversos padrões (letras de músicas, notícias, propagandas, receitas, orações, questões de provas de vestibular e afins) gera identificação do leitor com o texto, angariando sua simpatia, que, na rede, materializa-se na interação, ou seja, no *retweet*.

Com essa constatação, julgamos, por todo o exposto, que a manipulação de gêneros na constituição do *tweet* é um exercício criativo motivado pela dinâmica de funcionamento da rede e cujo resultado possui um propósito específico, também intrinsecamente relacionado ao meio no qual se executa: tornar-se popular, ter suas mensagens retuitadas, etc. Ou seja, embora o resultado imediato do arranjo criativo seja o humor, ele está ali como um dos artifícios mobilizados no intuito de alcançar uma teia de propósitos ainda maior, que envolve o estabelecimento de afinidades e o fortalecimento das conexões.

A associação da manipulação de gêneros ao estabelecimento de afinidades entre os usuários dá-se por meio da exploração da memória discursiva do leitor que, ao reconhecer nos *tweets* padrões de gêneros que fazem parte de suas vivências, recupera situações comunicativas e constrói, mais facilmente, o sentido pretendido pelo texto. Nas palavras de Bhatia:

O aspecto decisivo em tais associações (de gêneros) é que elas comunicam melhor no contexto do que já é familiar. Em tais contextos, as palavras por si só não portam significados; é a experiência que lhes confere o efeito desejado. Por conseguinte, no momento em que há um desvio radical da experiência original, o efeito pode se perder. Mais uma vez, se não houver familiaridade com o original, o valor da inovação se enfraquece. (2001, p. 5)

Embora se refira às imbricações de gêneros no meio publicitário, a reflexão do autor vem ao encontro de nossas descobertas acerca desse tipo de intervenção. Conforme percebemos na afirmação, a familiaridade com o padrão genérico é fator decisivo na compreensão e na boa recepção das inovações, de modo que a sua ausência pode comprometer o efeito almejado por essas. Aos poucos, vamos compreendendo que existe um freio que regula a quebra de expectativa do leitor em relação ao texto, a fim de que a inovação resulte apenas em humor, não em estranhamento, nem em choque, nem em dúvida, etc.

Interessante observar que, por trás da constituição de uma postagem de 140 caracteres, há que se por em prática habilidades de cunho linguístico e cognitivo, medindo o tom e antecipando a reação dos interlocutores ao enunciado, procedimentos que nos remetem à noção de atitude responsiva ativa formulada por Bakhtin ([1979] 2011), competência mobilizada, neste contexto, em função da dinâmica de valores da rede social.

A quinta e última pergunta de nosso questionário indagava sobre a recepção e propagação de *tweets* compostos por mescla de gêneros, com o objetivo de averiguar, junto aos usuários, como se dá a aceitação desse tipo de postagem. Quando inquiridos se retuitariam a postagem modelo e por que, os usuários mencionaram novamente o humor como elemento diferenciador e gerador de interesse por aquele texto. A seguir, transcrevemos algumas das respostas:

Exemplo 7

Sim, quando ela tem um fundo humorístico.

(Sujeito 2)

Exemplo 8

Sim. É o tipo de mensagem que se caracteriza pelo inesperado e é acolhida pela timeline como algo engraçado ou mesmo infame – mas que por isso mesmo tem algum valor.

(Sujeito 10)

Exemplo 9Sim, porque é engraçado.

(Sujeito 28)

Respostas como as transcritas refletem o tom predominante nas informações coletadas por essa questão. Elas evidenciam que o humor é elemento preponderante na conquista de capital social no Twitter. A maioria dos usuários questionados respondeu que retuitaria a postagem modelo, devido ao tom humorístico que ela possui. Ao responderem positivamente à questão, permitem-nos entrever a concretização do propósito maior da manipulação de gêneros, que é alcançar visibilidade na RS através do acúmulo de capital social. É interessante notar que mesmo os usuários que demonstraram possuir consciência da dinâmica de funcionamento da rede e dos valores inerentes a ela, afirmaram que retuitariam a postagem devido ao fator cômico a ela atrelado.

O exercício de consulta aos usuários empreendido neste tópico ajudou-nos a elucidar outra faceta do propósito comunicativo dos arranjos genéricos criados no Twitter. Além de, em uma primeira instância, gerarem riso, os *tweets* compostos por intervenção do usuário visam a fortalecer conexões e redes sociais. Nesse contexto, a mobilização de padrões standardizados em outras esferas aparece como fator capaz de gerar afinidade entre os usuários e o texto postado, garantindo-lhes audiência. Essa audiência, por sua vez, é entretida através do riso, que emerge da quebra de expectativa quanto aos padrões genéricos mobilizados e estrategicamente alterados. Por fim, o arranjo genérico é repassado, no intuito de proporcionar à rede inteira o mesmo entretenimento.

No que diz respeito às categorias migração e intervenção, percebemos que a primeira mantém, em parte, os propósitos comunicativos originais dos gêneros mobilizados, aliando-os ao estabelecimento de afinidade entre o leitor e a situação relatada. Já a intervenção empreende um processo mais laborioso de geração de visibilidade dentro da rede social por meio da manipulação e alteração de padrões genéricos. Ao final desse exercício de análise constatamos que o estatuto de rede social assumido pelo Twitter influencia diretamente os propósitos comunicativos dos gêneros discursivos praticados em

seu interior. A alteração desse elemento, aliada às intervenções dos usuários na forma desses padrões e a relativa estabilidade atingida pelos arranjos resultantes desse labor configuram-se, a nosso ver, como um processo reelaborador de gêneros inerente a essa rede social, conforme discutiremos a seguir.

-5-

Considerações finais

Conforme preconizou Austin (1990) a linguagem realiza ações, e, em um meio no qual as interações não ocorrem face a face, o papel da linguagem se intensifica, substituindo gestos, entonações e expressões faciais no intuito de não causar prejuízos às mensagens que se deseja passar. Ao transpor uma rede de interações genuinamente *off-line* para o meio digital, aqueles que deram forma a sua arquitetura contam, indubitavelmente, com as ações que a linguagem é capaz de executar, deixando espaço para que ela se consolide como liga que estabelecerá e estreitará os laços aí construídos.

Nesse sentido, é latente, neste meio, a efervescência de processos que têm a linguagem como matéria prima, meio ou produto. Em nossa pesquisa, optamos por investigar o processo de reelaboração de gêneros no interior da rede social Twitter, proposta suscitada por nossas inquietações como usuária da rede. Nessa empreitada, promovemos o encontro teórico da análise de redes sociais, ramo da Sociologia, com a análise de gêneros, nicho teórico pertencente à Linguística. Esse casamento foi levado a cabo pela necessidade de compreendermos a fundo que relações sociais estavam por trás das ações de linguagem ali ambientadas e vice-versa.

5.1 Reelaborações de gêneros no Twitter

Nos estudos de reelaboração de gêneros que antecederam esta pesquisa, os autores debruçaram-se sobre objetos distintos, ambientados em meios específicos, fatores que geraram diferentes e complementares conclusões acerca desse fenômeno. A tipologia operacional desenhada por Zavam (2009) resultou da observação do editorial de jornal na perspectiva diacrônica, extraindo dessa reflexão as categorias reelaboração criadora e reelaboração inovadora, que, por sua vez, pode ser interna ou externa. Na trilha desse estudo, Costa (2010) analisa o mesmo fenômeno tomando, porém, um *corpus* audiovisual numa perspectiva sincrônica e como resultado desse empreendimento, o autor elucida a existência de um *continuum* que vai do gênero emergente ao gênero estandardizado, situado entre as reelaborações criadora e inovadora, dando ao gráfico de Zavam (2009) novas feições e adicionando a esse as categorias reelaboração criadora de gênero com inclinação emergente e reelaboração criadora de gênero com inclinação estandardizada.

Tomando como pressupostos teóricos as pesquisas citadas acima, tivemos por intuito, neste trabalho, analisar como ocorre a reelaboração de gêneros nas postagens de uma rede social cujas possibilidades de escrita são limitadas a 140 caracteres. Em nosso exercício interpretativo, enveredamos pelos caminhos da análise de redes sociais, no intuito de verificarmos que dinâmica de valores atuaria como pano de fundo e, ao mesmo tempo, força propulsora desse processo. Deparamo-nos, dessa forma, com o capital social cognitivo, valor inerente às redes sociais, que, no Twitter, figura como elemento que possibilita a difusão de conhecimento entre os usuários da rede, conhecimento representado, conforme nos mostraram os dados, por formas de escrita capazes de gerar relevância, popularidade para seus produtores. Uma vez que estamos dentro de uma rede social, o número de conexões passa a ser tomado como índice de sucesso alcançado pelo indivíduo, fazendo com que postagens com elevado índice de propagação sejam reproduzidas e apropriadas pelos atores da rede, conforme nos evidenciou a análise dos índices de *retweets*. Ou seja, quanto mais rentável, em termos de popularidade, maior vida útil a fórmula terá no interior da rede.

Esses achados conduziram-nos à outra indagação da pesquisa, girando em torno, dessa vez, da constituição dos *tweets*. Uma vez elucidado que a necessidade de popularizar-se inspirava o trabalho com gêneros, buscamos descobrir como esses artefatos eram manipulados em função dessa dinâmica de valores. Ao analisarmos os padrões genéricos presentes nos *tweets* e as alterações efetuadas nestes em função de seu deslocamento para a rede social, pudemos observar a existência de mecanismos recorrentemente mobilizados para essa transformação. Alterações de forma, sentido e teor informacional foram empreendidas pelos autores das postagens nos padrões genéricos por eles mobilizados. Tomando como norte a teoria bakhtiniana de gêneros, compreendemos essas ações dos usuários como um labor empreendido no intuito de adequar a linguagem (os gêneros) a um objetivo específico. A constatação desse empreendimento aproximou-nos do fenômeno que pretendíamos flagrar, pois, o deslocamento do gênero de sua esfera prototípica, aliado à sua modificação consciente por parte do sujeito que o enuncia aponta para um iminente processo de reelaboração.

Ainda no intuito de constatar as alterações sofridas pelos gêneros, no deslocamento de suas esferas rumo ao Twitter, voltamo-nos para a análise dos propósitos comunicativos a eles relacionados. Esse exercício permitiu-nos observar mais um aspecto que se modifica durante esse deslocamento, fortalecendo assim a constatação de que

mudanças foram sofridas pelo gênero dando a ele uma nova feição. A análise sistemática dos propósitos comunicativos incidentes no *corpus* coletado, aliada ao questionamento feito aos próprios usuários consumidores e produtores desses *tweets* evidenciou-nos a mudança efetuada na perspectiva funcional desses gêneros. Os propósitos atendidos pelos *tweets* diferiam dos propósitos atendidos pelos gêneros e padrões genéricos que lhes deram origem e, segundo os atores que responderam ao nosso questionário, prestavam-se ainda à familiarização do público alvo dessas postagens para com o autor ou com a temática defendida, adquirindo assim um propósito secundário, relacionado à própria rede e distinto daquele que possuía em sua esfera de origem.

As evidências encontradas nesta análise apontaram para um efervescente processo de atualização de gêneros, motivado pela dinâmica de funcionamento do Twitter, moldado através da manipulação de padrões genéricos diversos e refletido na mudança do propósito comunicativo desses artefatos. Ao lado desse labor, deparamo-nos ainda com a estratégia por nós denominada de migração de gêneros, que consiste no deslocamento de gêneros e padrões genéricos diversos para o interior do Twitter, tendo a adequação às limitações de espaço desse ambiente como única ação do usuário sobre o gênero.

Embora exista uma tendência imediata a afirmar que a migração não pode ser enquadrada na categoria de reelaboração, uma observação mais minuciosa do fenômeno nos aponta o contrário, pois, quando migrado para o Twitter, o gênero adquire, além do seu propósito comunicativo inicial, o objetivo de gerar afinidade e chamar a atenção dos demais integrantes da rede, ou seja, além de ensinar como preparar um tipo de comida, a receita culinária postada na rede tem o objetivo de atrair aqueles que também gostam de cozinhar, da mesma forma, a oração, além de confortar, objetiva gerar simpatia no meio daqueles que compartilham as mesmas crenças.

A análise das respostas dadas pelos usuários ao questionário proposto evidenciou para nós este propósito constituinte, inerente a, ousamos dizer, toda postagem executada no interior dessa rede social. Dessa forma, constatamos que mesmo os gêneros submetidos ao processo de migração sofrem alterações ao serem deslocados para o Twitter, embora essas não tenham sido protagonizadas pelos atores da rede. Essa configuração aproxima-se do que Zavam (2009) chama de transmutação [reelaboração] interna. Nas palavras da autora:

Podemos falar de transmutação interna, isto é, intragenérica, quando as transformações que ocorrem no gênero não se prendem a um outro gênero, da mesma esfera ou não, mas a contingências de seu percurso histórico, isto é, a adaptações a novas exigências no curso de suas manifestações. (p. 60)

A ausência de imbricação de diferentes gêneros do discurso não invalida a renovação daqueles que passaram pelo processo de migração. A adequação às limitações de escrita e a adequação às demandas suscitadas pela rede conferem ao gênero deslocado um novo status, permitindo-nos afirmarmos estarmos diante de um processo de reelaboração interna de natureza inovadora, pois estamos diante do mesmo gênero, porém, com uma nova roupagem que lhe permite dar conta das demandas enunciativas suscitadas pela rede.

Seguindo esse viés, ao voltarmos para as postagens compostas por intervenções, encontramos o processo de imbricação de gêneros aliado à alteração dos propósitos comunicativos e dando origem a um gênero distinto daqueles mobilizados em sua constituição, sem, contudo, ser inteiramente novo, desconhecido do público leitor. É o que ocorre quando letras de canções e questões de vestibular são mescladas no intuito de gerar o riso, constituindo-se como formas inusitadas de contar piadas dentro da rede social. Temos aqui a inovação desse gênero humorístico, que, ao ser recriado nas postagens do Twitter, assume, além do seu propósito prototípico, o propósito intrínseco à rede, conforme dito anteriormente, de gerar afinidade e conquistar audiência. Ou seja, estamos diante da piada, porém, com alterações nesse gênero, em função do ambiente no qual se executa. Relacionamos esse processo à transmutação [reelaboração] inovadora externa, que, segundo Zavam (2009), acontece “quando as transformações que ocorrem no gênero são marcadas pela incorporação de um outro gênero, quer seja da mesma esfera ou não” (p. 58).

Ao final desta análise, somos levados a reconhecer o universo do Twitter como um ambiente propício para as reelaborações de gêneros, entretanto, peculiaridades da dinâmica de valores desse sistema, ao mesmo tempo em que inspiram, também limitam o alcance dessas reelaborações. Valores como afinidade e potencial de propagação influenciam na constituição das postagens, fazendo com que os atores inovem, sem, contudo, ultrapassarem o limite do familiar, daquilo que é conhecido pelo leitor.

Em suma, ao analisarmos como as reelaborações de gêneros eram afetadas pela dinâmica de funcionamento da rede social, deparamo-nos com o capital social cognitivo

como valor que motiva e dá forma à constante troca e propagação de experiências que resultam em arranjos genéricos capazes de trazer popularidade a seus autores. Observamos a incidência da propagação como mecanismo que confere, através das repetições e apropriações, relativa estabilidade aos arranjos genéricos criados nesse meio.

Ao voltarmos-nos para a manipulação de gêneros nesse contexto, deparamo-nos com os processos de migração e intervenção, que relacionamos, respectivamente, à reelaboração de gêneros inovadora interna e à reelaboração de gêneros inovadora externa. Sendo a primeira responsável pela atualização do gênero no interior da RS sem, contudo, mobilizar outros gêneros nesse processo, enquanto a segunda engloba a modificação de um dado gênero a partir da mesclagem deste com outros gêneros.

O estudo do propósito comunicativo inerente a estes produtos revelou-nos a presença de um objetivo comum, assumido por todos os participantes/usuários dos gêneros praticados nesse contexto, sejam eles resultantes de migração ou de intervenção. A geração de afinidade como caminho para o estabelecimento de conexões está presente desde as postagens mais simples até aquelas cuja constituição mostra-se mais sofisticada. Esse fato, porém, não invalida a presença de outros propósitos no mesmo gênero, sejam eles resquícios dos padrões genéricos mobilizados na sua constituição, sejam eles propósitos emergentes do processo de reelaboração inovadora externa e distintos daqueles relacionados à sua origem.

Seguindo essa linha de raciocínio, esperamos ter contribuído para a elucidação dos processos de reelaboração de gêneros no interior do Twitter, uma vez que esta rede social vem ganhando força e desafiando limitações de espaço com o exercício da criatividade de seus participantes. Esperamos ter esclarecido como padrões genéricos e propósitos comunicativos são convertidos em peças dessa engrenagem, cuja matéria prima são as relações sociais estabelecidas através da linguagem.

5.2 Sugestões de continuidade

Os achados da presente pesquisa versam a respeito do processo de reelaboração de gêneros ambientado no Twitter, considerando as peculiaridades de escrita impostas por essa rede, tais como seu caráter primordialmente escrito e sua limitação de caracteres. Embora as redes sociais da internet estejam sujeitas, numa primeira instância, à mesma dinâmica de valores, é válido questionar até que ponto essa lógica é mantida. Um estudo comparativo entre mais de uma rede elucidaria essa questão e traria à tona argumentos que, porventura, modificam esse esquema de valores de uma rede para outra.

Em nosso exercício de análise optamos por considerar apenas o conteúdo das postagens e sua influência no acúmulo de capital social. Ressaltamos, porém, que essa decisão tratou-se de um recorte metodológico no intuito de delimitar o escopo da pesquisa. Compreendemos que outro fator também pode ser considerado ao investigar-se a propagação de um determinado arranjo genérico, trata-se do perfil do usuário que o constrói. Um estudo que acompanhasse de perto as conexões pertencentes a esses indivíduos poderia detalhar ainda mais os valores inerentes à sedimentação dos padrões genéricos por eles criados e difundidos, pois, quanto mais visto o perfil, mais acessadas também as suas postagens. Até que ponto o capital social do indivíduo influencia na propagação de suas postagens?

Outra sugestão de continuidade diz respeito à organização interna do Twitter e de seus usuários. A presença de conhecimento que visa a balizar e a orientar as ações dos usuários (capital social cognitivo), a presença de um propósito comunicativo específico desse ambiente (afinidade), a busca de objetivos específicos (popularidade) e o trato com gêneros realizado de forma sistemática levam-nos a questionar: não seria esta rede social propícia para a formação de comunidades discursivas? Grupos de usuários mobilizados em função de um evento comunicativo específico como, por exemplo, uma *hashtag*, não estariam próximos da definição cunhada por Swales (1990)?

Ressaltamos ainda uma das principais características das redes sociais na internet: a criação de um perfil com características identitárias. Um questionamento que pode ser feito é: até que ponto a criação do perfil limita-se ao preenchimento dos campos pré-estabelecidos, destinados a esse fim? Não seriam as ações de linguagem dos usuários também formas de construir, delimitar e atualizar uma identidade? Irreverência, afetividade,

cultura, informação e os gêneros relacionados a essas temáticas seriam mobilizados propositadamente na constituição por parte de um perfil identitário e enunciativo do ator social. E mais, seria esse procedimento exclusivo do Twitter?

Esses são alguns dos questionamentos que emergiram ao longo de nosso exercício de pesquisa e análise e que podem vir a suscitar novos estudos.

Referências

- ARAÚJO, J. C. **Chat na Web**: um estudo de gênero hipertextual. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- _____. **Os chats**: uma constelação de gêneros na Internet. 2006. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- _____. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Org). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010 p. 109-134.
- ARAÚJO, J. C.; COSTA, S. M.; DIEB, M. O Twitter e o ensino de língua inglesa em 140 caracteres. **Revista Educação & Tecnologia**, 2011.
- ASKHAVE, I.; SWALES, J.M.; Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**. Oxford, UK, v. 22, n.2, p. 195-212, 2001.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2011.
- _____. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. São Paulo: UNESP, HUCITEC, 1988.
- BARRETO, R. P. Por uma pedagogia da ciberlinguagem: explorando redes sociais orkut, twitter e weblog. **Hipertextus Revista Digital**. Universidade Federal de Pernambuco. v. 5, p. 1-12, ago. 2010.
- BAUER, M.W., GASKELL, G. & ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17-35.
- BERTOLINI, S.; BRAVO, G. **Social Capital**, a multidimensional concept. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.1952&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 29 fev. 2012.
- BEZERRA, B. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. 256f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- BEZERRA, P. Introdução. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BHATIA, V. K. **Analysing Genre**: language use in professional settings. London: Longman, 1993.

_____. Análise de gêneros hoje. *Revista de Letras*, Fortaleza, CE , v. 1/2, n. 23, p. 102-115, jan./dez. 2001.

BIASI-RODRIGUES, B. O papel do propósito comunicativo: diferentes versões. *ANAIS* do 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Tubarão-SC: UNISUL, p.729-742, 2007.

BIASI-RODRIGUES, B.; BEZERRA B. Propósito comunicativo em análise de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 231-249, jan./abr. 2012.

BORGES-NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOURDIEU, P. Le capital social. In: *Actes de la recherche in sciences sociales*. vol. 31, jan. 1980. p. 2-3. Disponível em (http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069)

CASTRO, B. D. R. Realidade virtual: fakes no twitter e a interdiscursividade nas enunciações. In: *ANAIS* da XXIII Jornada Nacional de Estudos Linguísticos. Teresina: EDUFPI, p. 158-171. 2011.

COSTA, R. R. *A TV na Web: percurso da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia*. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina. 2011.

FOUCAULT, M. *The archaeology of knowledge*. New York:Pantheon Books, 1981.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HINE, C. *Virtual ethnography*. London: Sage, 2000.

HOLLAND, J. H. *Hidden Order: how adaptation builds complexity*. Cambridge, Massachusetts: Perseus Books, 1995.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. Londres: Routledge, 1996.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA-NETO, V. *Mesclas de gêneros no Orkut: o caso do scrap*. 2009. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 151-166.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010. p. 15-80.

NICOLIS, G.; PRIGOGINE, I. **Exploring Complexity: an Introduction**. New York: W. H. Freeman and Company, 1989.

OLIVEIRA, R. S.; ARAÚJO, J.C. O Twitter como ferramenta de discussão acadêmica: possibilidades e limitações. In: **Anais do IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais**. Sorocaba - SP. 2011. p. x-x.

PIMENTA, A. A.; COSTA, S. M.; ARAUJO, J. C. A língua espanhola na rede: tradução colaborativa no Twitter. In: **Anais do I Colóquio GEPPELE: novos rumos na formação do professor de espanhol políticas linguísticas e ensino de E/LE na escola.** Fortaleza, 2011. p. 76-90.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

_____. Estudos de Redes Sociais. In: FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina. 2011. p. 115-138.

RECUERO, R; ZAGO, G. "RT, por favor": considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. v. 12, n. 02, p. 69-81, maio/ago. 2010.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SOUSA-SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Research Genres: exploration and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ZAGO, G. Informações Hiperlocais no Twitter: produção colaborativa e mobilidade. **Ícone**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação UFPE, v. 12, p. 2-16, dez. 2010.

ZAVAM, A. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornais**. 2009. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

_____. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 251-271, jan./abr. 2012

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PROPOSTO AOS USUÁRIOS DO TWITTER³⁸

Pesquisa com usuários do Twitter

Olá, meu nome é Sayonara Costa, sou mestrandanda em Linguística pela UFC e estudo práticas de linguagem nas redes sociais. Neste questionário, gostaria que você respondesse a 5 questões rápidas sobre essa postagem <http://goo.gl/tBmpj>*. Sua identidade não será solicitada. Desde já, agradeço a todos que participarem!

* O link levará o usuário a esta postagem



**Obrigatório

Questão 1 ** O *tweet* do link acima lembra algum texto específico?

- Sim
- Não

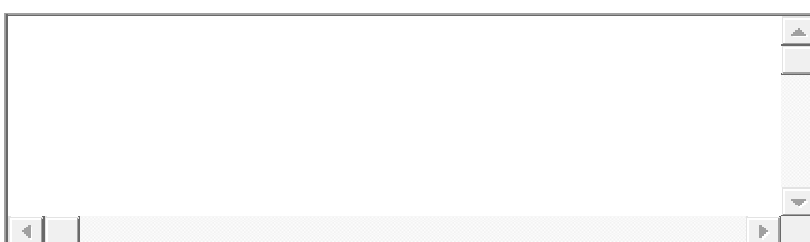
Questão 2 ** De que tipo de texto você lembra ao ver o *tweet* do link acima?

³⁸ Disponível em <http://goo.gl/CxX0I>.

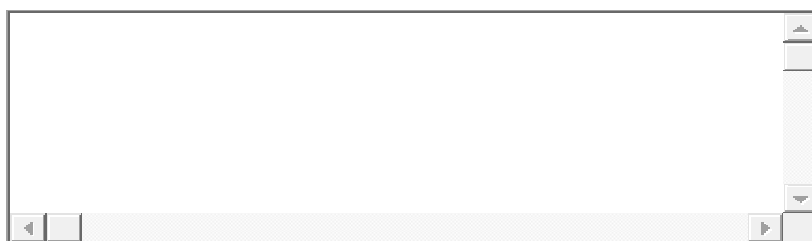
Questão 3 ** Na sua opinião, qual o propósito de postagens como essa?

An empty rectangular text input field with a thin black border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically. On the bottom left and right corners, there are small square buttons with left and right arrow symbols, respectively.

Questão 4 ** *Tweets* que misturam diferentes tipos de textos, tais como letras de músicas, notícias, propagandas, receitas, orações, questões de provas de vestibular e afins podem alcançar um número maior de *retweets*? Por quê?

An empty rectangular text input field with a thin black border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically. On the bottom left and right corners, there are small square buttons with left and right arrow symbols, respectively.

Questão 5 ** Você retuita esse tipo de postagem? Por quê?

An empty rectangular text input field with a thin black border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically. On the bottom left and right corners, there are small square buttons with left and right arrow symbols, respectively.